



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa EICOS – Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável
Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

O Canto Coral como Agente de Transformação
Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho:
Educação para Liberdade e Autonomia

Maria José Chevitarese de Souza Lima

Rio de Janeiro
2007

Maria José Chevitarese de Souza Lima

O Canto Coral como Agente de Transformação
Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e
Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e
Autonomia

2 volumes

Tese de doutorado apresentada ao Programa EICOS
de Pós-Graduação em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social, Instituto de
Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do
Título de Doutor em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Inácia D'Ávila Neto

Rio de Janeiro

2007

Maria José Chevitarese de Souza Lima

O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas
Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para
Liberdade e Autonomia

Rio de Janeiro, 28 de março de 2007

Aprovada por:

_____ Orientador
Dra Maria Inácia D' Ávila Neto – Instituto de Psicologia UFRJ

Dra. Tânia Maria de Freitas Barros Maciel – Instituto de Psicologia UFRJ

Dra. Maria Eloisa Guimarães – Faculdade de Educação UFRJ

Dra. Regina Maria Meirelles Santos – Escola de Música UFRJ

Dra. Wally Fonseca Chan Pereira. – Faculdade de Educação UFRJ

Rio de Janeiro
2007

Lima, Maria José Chevitarese de Souza.

O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia / Maria José Chevitarese de Souza Lima. Rio de Janeiro: UFRJ / IP, 2007.

xii, 270 f , 2v.: il.; 31 cm

Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, 2007.

Orientador: Maria Inácia D' Ávila Neto

1. Psicossociologia. 2. Educação 3. Canto Coral - Tese. I. D' Ávila, Maria Inácia (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. III. Título.

Às minhas filhas

Andréa e Fernanda, razão de minha vida.

Agradecimentos

**À Maria Inácia D' Ávila Neto
pela orientação, incentivo e sugestões a esse trabalho**

**À direção do Solar Meninos de Luz:
Yolanda de Moraes Rego, Isabella e Guilherme Maltarolli**

**À diretora pedagógica e auxiliar de coordenação do Solar Meninos de Luz:
Rosemarie Ramalho e Cristiane Alves**

Aos funcionários do Solar Meninos de Luz

À todos os cantores do Coral Meninos de Luz de 2003 a 2006

**Às monitoras:
Ana Carolina Godinho e Cristina Canosa Gil**

RESUMO

CHEVITARESE, Maria José. **O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia.** Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007

Este trabalho tem como objetivo conhecer em que medida a atividade coral, implantada no Solar Meninos de Luz, nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, situado na zona sul do Rio de Janeiro, tem sido agente de transformação sociocultural das crianças que participam deste grupo. O trabalho desenvolvido pautou-se na liberdade de escolha, no diálogo, na valorização do indivíduo, no desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e na conscientização de que somos seres históricos em permanente construção. Foram utilizados como referenciais teóricos os autores: Joffre Dumazedier, sociólogo que defende o lazer como importante instrumento na formação do indivíduo e criador do método de treinamento mental e o educador Paulo Freire, criador do método de alfabetização de adultos na década de 60. O acompanhamento dos jovens que participaram do processo foi feito através de entrevistas semi-estruturadas e de círculos de reflexão. Os círculos utilizaram como “tema gerador” dos debates as letras das músicas adotadas no repertório coral. O canto coral conduzido sobre essas bases mostrou ser uma eficaz prática educativa, aguçando o pensamento crítico e possibilitando o entendimento de que mudar é possível.

ABSTRACT

CHEVITARESE, Maria José. O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007

The aim of this work is measure the contribution of choral activity as cultural and social transformation on poor children way of live. Pavão-Pavãozinho is a poor community at south side of Rio de Janeiro city and, the Chorus Meninos de Luz offer a little more culture to children living there. This group was used as scenario to the study and research presented in this thesis. All work done with group has as main line a respect to individual ideas, free individual choices, enforcement that all of us are in permanent evolution, everything based on dialogs with them. Joffre Dumazedier, a sociologist that believes entertainment can be an important formative tool on someone's character develops and author of a mental training method, and Brazilian educator Paulo Freire, author of an alphabetization method used in early 60, were taken as theoretical background for this work. All guys with participation in the research were observed and monitored with questionnaires and work shops, when music from repertories was discussed. From obtained results it has been shown that choral activity, in fact, is an efficient educational way representing a very strong tool to stimulate the critical thought and the comprehension that changing is possible.

Rio de Janeiro
Março de 2007

LISTA DE SIGLAS

FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPB	Música Popular Brasileira
ONU	Organização das Nações Unidas
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Artística
ONG	Organização não Governamental
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

TABELAS

Tabela 1	Pessoas residentes por grupo de idade	66
Tabela 2	Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por valor do rendimento nominal mensal em salários mínimos	68
Tabela 3	Pessoas residentes, a partir de 05 anos de idade, alfabetizadas e não alfabetizadas, por sexo	69
Tabela 4	Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por curso mais elevado que frequentaram	71
Tabela 5	Domicílios por espécie de domicílios	72
Tabela 6	Domicílios particulares permanentes por tipo	72
Tabela 7	Domicílios particulares permanentes - condição de ocupação	73
Tabela 8	Domicílios particulares permanentes por número de moradores	74
Tabela 9	Número de crianças inscritas no Coral Meninos de Luz de 2003 a 2006	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL	14
1.2 FORMAÇÃO E EXPANSÃO DAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO	17
1.3 IDENTIDADE E CULTURA	21
1.4 O CANTO CORAL NO BRASIL	26
2 ATIVIDADE CORAL COMO LAZER TRANSFORMADOR E MOMENTO DE AUTO-FORMAÇÃO	41
2.1 JOFFRE DUMAZEDIER: PAI DA CIVILIZAÇÃO DO LAZER	41
2.2 LAZER E AUTO-FORMAÇÃO	44
2.3 O MÉTODO DE TREINAMENTO MENTAL	50
2.3.1 Síntese para a compreensão do método de treinamento mental, proposto por Gérard Jean-Montclerc	54
2.4 TEMPO LIVRE E LAZER EM COMUNIDADES DE BAIXA RENDA: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO SOCIAL	55
3 A ATIVIDADE CORAL COMO PRÁTICA PARA AUTONOMIA E LIBERTAÇÃO	56
3.1 PAULO FREIRE: POR UMA PEDAGOGIA TRANSFORMADORA	56
3.2 O MÉTODO PAULO FREIRE	58
3.3 APLICAÇÃO DO MÉTODO PAULO FREIRE AO CANTO CORAL	59
4 A PESQUISA DE CAMPO	63
4.1 AS COMUNIDADES DO CANTAGALO E PAVÃO-PAVÃOZINHO	64
4.2 O SOLAR MENINOS DE LUZ	75
4.3 O CORAL MENINOS DE LUZ: UMA APLICAÇÃO DA SOCIOLOGIA DO LAZER DE JOFFRE DUMAZEDIER E DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE	76
4.3.1 ENSAIOS	84
4.3.2 REPERTÓRIO ADOTADO	85

4.3.3 DINÂMICA DE ENSAIO E DE DEBATES A PARTIR DO TEMA GERADOR	98
4.3.4 CONCERTOS	100
5 ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO	101
5.1 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS EM 2004	102
5.1.1 Roteiro da entrevista	105
5.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	107
5.2.1 Vida em família e na escola	107
5.2.2 Experiências relacionadas com as atividades desenvolvidas no Coral Meninos de Luz	116
5.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS CÍRCULOS DE REFLEXÃO REALIZADOS EM 2006	139
5.3.1 Metodologia aplicada aos círculos de reflexão	140
5.3.2 Resultados das discussões no círculo de reflexão de agosto de 2006	141
5.3.3 Resultados das discussões no círculo de reflexão de setembro de 2006	147
6 CONCLUSÕES	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
ANEXOS	163

1 INTRODUÇÃO

Em todo território brasileiro verifica-se uma acentuada desigualdade socioeconômica, fruto de um processo de colonização que sempre priorizou as elites em detrimento da maior parcela da população. Com a abolição da escravatura, o êxodo rural, a industrialização, a imigração em larga escala e a falta de políticas de construção de moradias populares, esse cenário agravou-se fazendo surgir centenas de favelas por todo país. No Rio de Janeiro esse quadro não se fez de forma diferente. A proliferação desenfreada das favelas por toda cidade retrata o descaso das autoridades públicas no sentido de buscar uma solução para esse grave problema social. Em bairros da zona sul da cidade convivem o luxo, a riqueza e o conforto com a pobreza e a miséria absoluta. Esse quadro é agravado por conta do sistema público de ensino que nos últimos 40 anos sofreu acentuada degradação, não dando a formação adequada para essa camada social. As elites e a classe média, de situação socioeconômica mais equilibrada, passaram a evitar as escolas da rede pública do ensino fundamental e médio, migrando paulatinamente para as escolas particulares, com ensino de melhor qualidade. Aos mais desfavorecidos restou uma escola com professores mal pagos, muitas vezes despreparados, em prédios sem a devida manutenção e modernização, enfim sem as condições adequadas para a sua formação. Ao concluir o ensino médio esses jovens não têm condições de competir em igualdade de condições com aqueles oriundos das escolas pagas e com boa formação, dificultando sua ascensão social. (PIQUET, 1991)

Este trabalho se propõe a pesquisar a possibilidade da utilização do canto coral como prática educativa, um espaço de produção de conhecimento e de fortalecimento da identidade, auxiliando na construção de um cidadão livre, com formação mais sólida, capaz de dialogar e refletir, de argumentar e defender suas idéias e ideais. A pesquisa foi realizada de 2003 a 2006,

com jovens entre 8 e 16 anos, moradores das Comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, na zona sul do Rio de Janeiro.

A atividade coral foi desenvolvida tendo por base o pensamento de Joffre Dumazedier, sociólogo que defende o lazer como importante instrumento na formação do indivíduo, criador do método de treinamento mental, na França, em 1935 e do educador Paulo Freire, criador do método de alfabetização de adultos na década de 60. O trabalho desenvolvido pautou-se na liberdade de escolha, no diálogo, na valorização do indivíduo, na conscientização de que somos seres históricos em permanente construção e no desenvolvimento do pensamento crítico.

Para verificação das hipóteses foi realizado o acompanhamento das crianças que participaram da atividade coral através de entrevistas semi-estruturadas que focaram a vida em família, a escola e a atividade coral. Foram realizados ainda círculos de reflexão tendo como “temas geradores”: relações sociais, paz x violência, relações interpessoais e a possibilidade de transformação pelas nossas ações individuais e/ou coletivas. Todos esses temas tiveram como elemento motivador obras do repertório coral adotado.

1.1 A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

Não se tem a pretensão de fazer um estudo aprofundado da formação do povo brasileiro e sim uma breve retrospectiva que auxilie a compreensão da estrutura sociocultural do Brasil na atualidade. Conhecer como o povo brasileiro se estruturou socialmente, como a classe oprimida se constituiu, trará alguns esclarecimentos que facilitarão o entendimento dos valores, hábitos e modo de pensar dos moradores das comunidades de baixa renda brasileiras.

De acordo com Darcy Ribeiro “o Brasil surge como formação Colonial-Escravista subordinada a um Império Mercantil-Salvacionista”. (RIBEIRO, 1993, p. 48). Esses dois componentes interagem e se complementavam, constituindo um sistema no qual a população

nativa, bem como os negros trazidos da África, eram utilizados apenas como mão de obra destinada a promover a prosperidade alheia. Serviam apenas como força de trabalho para a elite dominadora, parte sempre privilegiada nesse processo.

No período colonial a sociedade brasileira se alicerçou na propriedade fundiária. Os colonizadores só pretendiam criar aqui empresas produtoras de artigos exportáveis e geradoras de lucro para si próprio. Embora tenham criado empresas que se mostraram bastante lucrativas, esse lucro ficava retido nas mãos de seus proprietários, não beneficiando a população como um todo, nem permitindo o crescimento econômico desta. Assim se estabelece uma estratificação social encabeçada por uma classe dominante, constituída por pequena parcela da população, e classes oprimidas, com grande parte do povo, vivendo em total penúria. Nessa estrutura a maior parte da força de trabalho ficava excluída dos setores modernizados da economia e de amplas esferas da vida nacional.

De acordo com Darcy Ribeiro a classe dominante era composta por um patronato cujo poder decorria da propriedade das fazendas e minas, do comércio de mercadorias, de escravos e por um patriciado burocrático que exercia o mando político como agente da potência colonial, cujo poder advinha do desempenho de cargos como governantes, comandantes militares, altos funcionários e eclesiásticos. O contingente mais numeroso e oprimido da população era formado pelos escravos que trabalhavam nas minas e fazendas. Entre essas duas camadas havia uma população livre e pobre formada principalmente por mulatos que para subsistir engajavam-se em tropas, oficiais ou não, destinadas à repressão das revoltas de escravos e à subjugação dos índios hostis (RIBEIRO, 1993).

O regime de dominação colonial-escravista condicionou a população livre a viver da exploração das classes subalternas, fazendo crer que esta relação era natural e necessária. “Nestas condições, os estratos livres foram induzidos a opor toda sorte de resistência à libertação dos

escravos e, depois, a sua ascensão à qualidade de proletários e de cidadãos. Desse modo, estabeleceu-se e se perpetuou uma enorme distância social entre homens livres e escravos, [...] impossibilitando qualquer aliança entre eles” (RIBEIRO, 1993, p. 75), favorecendo a manutenção da velha ordenação social que defendia e fazia prosperar a colônia para usufruto apenas da Metrópole.

Com o passar dos tempos a estrutura social sofreu algumas modificações mantendo-se entretanto uma classe dominante, constituída por um pequeno grupo de pessoas, um setor intermediário, uma classe subalterna e uma classe oprimida que ainda abrange grande contingente da população (RIBEIRO, 1993).

Na classe dominante manteve-se o patronato de grandes proprietários e um patriciado de altas hierarquias civis e militares. Surge ainda nessa classe um novo grupo formado pelo estamento gerencial das grandes empresas estrangeiras. Todo esse contingente não tem interesse em uma reorganização social uma vez que dentro dessa estrutura já exerce uma hegemonia política que satisfaz plenamente aos seus interesses. No setor intermediário encontram-se dois grupos. O primeiro setor é constituído por pequenos e médios proprietários e pelos profissionais liberais, ou seja, é formado por profissionais autônomos. Esse segmento constitui a base de onde se recruta o patriciado político e tecnocrático civil. O segundo é formado pelos funcionários públicos e empregados, camada esta que possui relativo prestígio e que vem alcançando uma influência crescente. Na classe subalterna encontram-se os camponeses e operários que representam uma força trabalhadora essencial nas fazendas e nas fábricas. Na parte mais inferior temos a classe oprimida, equivalente aos escravos na época colonial. Esta camada, embora tenha ascendido à condição de homens livres, não consegue se inserir como força de trabalho regular, marginalizando-se e realizando qualquer atividade para sobreviver.

O desenvolvimento socioeconômico do Brasil, desde a sua colonização até os dias atuais, deu-se desacompanhado de uma reforma agrária que permitisse que terras improdutivas saíssem das mãos de latifundiários; sem uma reforma tributária que viabilizasse uma efetiva distribuição da riqueza e sem uma reforma social que fosse capaz de estabelecer um desenvolvimento social avançado para toda a população. Desta forma o “desenvolvimento” econômico do Brasil contribuiu para ratificar um modelo em que uma extrema desigualdade separa ricos e pobres, capitalistas e trabalhadores, proprietários de terra e sem terra. A realidade atual, se comparada às heranças de desigualdades do Brasil escravista, pouco avançou, perpetuando uma situação onde a concentração do poder e da riqueza está nas mãos de uns poucos e a grande maioria da população vive em condições de extrema pobreza.

1.2 FORMAÇÃO E EXPANSÃO DAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

A formação e a expansão das favelas no Brasil é resultado de um processo bastante complexo, fruto de um projeto de desenvolvimento, sempre voltado para os interesses dos mais ricos. A abolição da escravatura, o êxodo rural com uma maciça migração dos ex-escravos para as grandes metrópoles, a industrialização, a imigração em larga escala, a falta de políticas de construção de moradias populares coerente com as necessidades, foram alguns dos importantes fatores que contribuíram para a explosão populacional das favelas.

As favelas tiveram início no período Imperial e vêm se ampliando até os dias de hoje. Os interesses da classe dominante, sempre voltados para a elite, não permitiram que fosse criado e colocado em prática um plano de desenvolvimento sustentável eficaz, com políticas públicas que privilegiassem as camadas mais pobres da população, que resolvessem o problema da habitação popular e proporcionassem um desenvolvimento social e econômico sustentável. (PIQUET, 1991)

O fim da escravidão trouxe novos problemas para o país. Os negros, que tinham a alimentação e a moradia fornecida por seus donos, após a abolição dos escravos passaram a ter que encontrar uma forma de ganhar o sustento para sua sobrevivência. A grande maioria deles morava em zonas rurais. Devido à pequena oferta de emprego nessas regiões e às leis vigentes à época, que não permitiam que esses possuíssem propriedades rurais, grandes contingentes de negros migraram para os centros urbanos, entre eles o Rio de Janeiro. Ao chegarem a esses centros outras limitações os esperavam. Não podiam ocupar cargos públicos e não tinham acesso à educação. Excluídos da sociedade e já sem local para morar, buscaram abrigo nas zonas marginais. Ali os ex-escravos e seus descendentes improvisavam suas casas, em áreas que não eram reconhecidas pelo Estado. Assim, ao final do século XIX, surgiram as primeiras favelas no Rio de Janeiro. (PIQUET, 1991)

Na primeira metade do século XIX foram construídas as primeiras moradias coletivas na cidade do Rio de Janeiro. As estalagens, os cortiços e as casas de cômodos tornaram-se o alojamento padrão das classes populares ao final do Império. Com o avanço do processo de migração e o aumento da população o problema habitacional se agravou e as condições de salubridade dessas moradias passaram a ser questionadas. Ainda no século XIX, em meio à crise sanitária, o poder público ordenou que essas casas fossem reformadas para atender aos novos padrões sanitários. Com as habitações condenadas os proprietários e arrendatários dos cortiços foram obrigados a modernizar e higienizar suas estalagens. Após as obras de melhoria os aluguéis sofreram um aumento, provocando a renovação dos moradores e a expulsão dos que não podiam pagar pelas benfeitorias para outras áreas mais afastadas do centro da cidade. Desta forma a solução imposta para a modernização das habitações populares promoveu o primeiro movimento de exclusão das classes populares. Os progressivos melhoramentos das moradias, produzidos no sistema do mercado, se tornaram da mesma forma inacessíveis para os seguimentos populares.

Em 1903 o presidente Rodrigues Alves (1902 - 1906) nomeou o engenheiro Pereira Passos (1903 - 1906) como prefeito do Distrito Federal. Deu-se início a uma das mais profundas reformas urbanas pela qual o Rio de Janeiro já passou. Casas foram derrubadas, ruas alargadas, avenidas abertas. A modernização da cidade expulsou mais uma vez as camadas populares do centro, agravando a crise habitacional que se estendia desde 1870. Tanto na construção da cidade quanto na construção de moradias, os melhoramentos, o saneamento, o embelezamento e a ordenação dos espaços privaram as camadas de menor renda desses progressos. A higiene e o conforto moderno tinham o seu preço e a classe mais desfavorecida não podia pagar por eles. (PIQUET, 1991)

Em 1940 uma nova reforma urbanística é formulada pelo então prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth (1937 - 1945). Buscou-se uma solução para o problema das favelas. A solução proposta foi a criação dos Parques Proletários. Os Parques Proletários eram condomínios fechados de casas e serviços públicos, próximos às favelas de origem de seus moradores. Os três primeiros parques construídos localizavam-se na Gávea (Parque nº 1), no Caju (Parque nº 2), e no Leblon (Parque nº 3) e promoveram a remoção de cerca de 4.000 moradores, o que representava apenas uma parcela da população que habitava as favelas. Foram totalmente extintas quatro favelas e parcialmente extintas, duas. Passado dois anos da construção do primeiro parque, novas construções ilegais já ressurgiam no mesmo local de onde as antigas favelas haviam sido removidas. As favelas já existentes se ampliaram e outras comunidades surgiram em novos pontos da cidade. (RIBEIRO, 2005)

A segregação residencial combinada com os impactos da crise social produzida pelo esgotamento do modelo desenvolvimentista que se instalou desde os anos 50 e com a falta de um programa de reestruturação econômica que garantisse pleno emprego para toda a população urbana, criou um quadro institucional pouco favorável à afirmação da cidadania. Largada a

própria sorte, a população mais desfavorecida aprendeu a edificar favelas nos morros e encostas de toda cidade, fora de qualquer regulamentação urbanística, mas que lhes permitia viver próximo ao seu local de trabalho, de escolas e hospitais públicos, numa tentativa de suprir as necessidades de educação básica e saúde para sua família. (RIBEIRO, 2005)

A década de 80 caracterizou-se pela precarização do trabalho, aumento da pobreza e da concentração de renda. Os trabalhadores brasileiros e particularmente aqueles que viviam nas grandes cidades, tornaram-se ao longo dos anos 80 mais pobres no que se refere à renda e mais vulneráveis quanto à estabilidade do trabalho. O Rio Janeiro foi profundamente atingido pela crise econômica, apresentando um quadro de profunda estagnação econômica e deixando a classe mais desprivilegiada sem perspectivas de ascensão social. Até o final da década de 70 a venda de lotes era feita através de prestações pré-fixadas. Esta forma de financiamento sofreu retração na década de 80. As altas taxas de inflação, o achatamento salarial, a instabilidade no emprego e o aumento dos preços dos terrenos fez com que os trabalhadores, que tinham como única alternativa a compra de lotes através de financiamento a longo prazo, não mais pudessem adquirir terrenos através desse expediente, levando ao colapso o financiamento de lotes na periferia. A crescente informalização da construção de casas para os setores de baixa renda e a tolerância do poder público com as ocupações ilegais gerou não apenas a proliferação de favelas, mas, sobretudo o aumento da densidade populacional nas já existentes, seja através da verticalização dos imóveis ou da ocupação dos poucos espaços livres em locais de pior acesso e de maior risco. (RIBEIRO, 2005)

Com a retomada do crescimento das favelas, tanto nas áreas centrais quanto na periferia, a população carente se instalou por todos os bairros da cidade. Por todo espaço metropolitano formas precárias de moradias vêm se expandindo significativamente, gerando crescente aproximação espacial entre as classes mais favorecidas e as menos favorecidas. Em bairros como

São Conrado, Leblon e Ipanema, situados na zona sul do Rio de Janeiro, convivem hoje, lado a lado, residências com alta valorização imobiliária e as precárias construções das comunidades de baixa renda. As favelas da Rocinha, Vidigal, Chapéu Mangueira, Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, em constante expansão horizontal e vertical, são alguns dos exemplos atuais de comunidades situadas em áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro. Nessas áreas convivem em espaços contíguos, porém delimitados, as classes alta e média alta e a classe oprimida. Vivem contextos distintos, muitas vezes antagônicos, no qual a prosperidade continua nas mãos de uma minoria e o restante da população permanece carente, excluído dos processos de modernização, ratificando o formato de organização social instalado em nosso país, que desde a colonização até os dias atuais, sempre privilegiou a elite.

I.3 – IDENTIDADE E CULTURA

A conferência do México sobre políticas culturais, realizada em 1982 sob os auspícios da ONU e da UNESCO define a cultura como:

Conjuntos de traços distintos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Ela engloba entre outros as artes e as letras, o modo de vida e direitos fundamentais do ser humano, o sistema de valores, as tradições e crenças (UNESCO, 1982, p. 24).

Segundo Stuart Hall a cultura influencia fortemente no comportamento individual, se inserindo no psiquismo do indivíduo, interferindo na representação que ele faz de si mesmo e dos outros e regulando as relações que esse mantém com o outro (HALL, 2003). A cultura desempenha um papel fundamental na vida social de cada indivíduo e comunidade, servindo de referência e regulando sua conduta, ações sociais e práticas, seja individualmente, dentro de um grupo restrito, ou na sociedade de forma mais ampla. O comportamento do ser humano se molda pelos padrões culturais e históricos dos grupos sociais a que pertence. Vinculado aos padrões

coletivos dos meios por onde circula (família, escola, igreja, amigos, grupos de lazer, entre outros), ele desenvolve sua maneira pessoal de pensar, imaginar, agir e reagir às situações, enfim seu modo de ver e viver a vida, sua individualidade.

Segundo Fayga Ostrower os valores culturais vigentes constituem ponto de partida de nossas ações. O modo de sentir e pensar os fenômenos, as crenças, o estilo; o modo como nos sentimos ou nos pensamos, tudo se molda segundo idéias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolvem os indivíduos, os grupos, a sociedade e a cultura. Mesmo quando discordamos de algum conceito formulado dentro do contexto social, é deste contexto que partimos para fazermos nossas críticas. (OSTROWER, 1991).

Como força de mudança histórica global a transformação cultural do cotidiano traz uma mudança no sujeito que somos e, conseqüentemente, influencia o grupo social no qual estamos inseridos. A cada momento o ser humano recebe uma série de estímulos aos quais responde de acordo com os valores e crenças que foram estabelecidos através de experiências vivenciadas anteriormente. A partir daí, num processo dinâmico, esta resposta poderá ratificar uma antiga posição do indivíduo ou promover a ruptura de valores, dando origem a novos conceitos que se incorporarão ao seu subjetivo. Ou seja, o ser humano está em constante transformação, podendo mudar o próprio processo cultural que o constituiu. Preferências, julgamentos estéticos e/ou morais, bem como práticas de poder e exclusão são constantemente redesenhados pela renovação de alguns valores e manutenção de outros, fazendo com que a cultura dentro de um grupo social esteja em constante metamorfose.

Mas se a cultura serve como referência à elaboração de nossas condutas, por que indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social não respondem necessariamente da mesma forma a um acontecimento? É preciso levar em conta que, durante a vida, cada indivíduo transita e participa ativamente de diversos grupos, vivendo com cada um deles experiências únicas. Este

fato torna o processo de construção da identidade do ser humano extremamente complexo. Do mesmo modo o desenvolvimento da percepção não se faz de forma homogênea. O grau de percepção de cada pessoa, num determinado momento, não é o mesmo, o que fará com que um acontecimento seja visto, compreendido e assimilado de forma singular por cada membro desse grupo. Nesse processo os sujeitos não são constituídos passivamente pelo meio. Eles interagem, fazem interpretações, tomam posições e assimilam valores que influenciam sua forma de ver e sentir o mundo. As experiências seguintes já atuarão sobre um “novo” sujeito, construído a partir de todas as vivências anteriores. Portanto a percepção sobre um fato é datada e delimita o que o indivíduo é capaz ver, compreender e, conseqüentemente, absorver desta situação, num determinado momento histórico. A cultura exerce influência substantiva na formação do indivíduo. A inter-relação desses com os diferentes grupos sociais com os quais interage faz dele um ser único. Na medida em que os grupos sociais são constituídos por indivíduos, esses não serão totalmente homogêneos, havendo variações individuais e subgrupos dentro desse complexo conjunto. Por isso é necessário se pensar a unidade com diferença sem que isso implique em privilegiar a diferença em si. (HALL, 2003)

As estruturas exibem tendências – linhas de força, aberturas ou fechamentos que constringem, modelam, canalizam e, nesse sentido, “determinam”. Mas estas não podem definir, no sentido de fixar absolutamente ou garantir. Ao desenvolver práticas que articulem diferenças em uma vontade coletiva ou ao gerar discursos que condensem uma gama de conotações, as condições dispersas da prática dos diferentes grupos sociais *podem* ser efetivamente aproximadas, de modo a transformar essas forças sociais não em uma simples classe “em si mesma”, definida por outras relações sob as quais ela não tem controle, *mas também* em uma classe capaz de interferir enquanto força histórica, uma classe “por si mesma” capaz de estabelecer novos projetos coletivos. (HALL, 2003, p. 168)

O canto coral é por excelência uma atividade cultural capaz de articular diferenças em prol do coletivo. Esta característica fez com que essa atividade milenar fosse utilizada em diversos momentos da história, com finalidades as mais contraditórias possíveis. Embora não possamos

saber como era a sonoridade da música na Antigüidade, sabemos que desde a Grécia Antiga até a atualidade o coro integra a cultura das mais diferentes sociedades, independentemente de seu estágio de desenvolvimento. Grupos primitivos, sociedades em desenvolvimento ou pertencentes ao primeiro mundo, todos eles, a seu modo, praticam o canto coletivo. A especificidade do momento histórico, articulada às representações sociais, aos simbolismos e valores que devem ser assimilados culturalmente tem dado o tom desta atividade que, através de políticas culturais, é implementado pelo poder do Estado ou por instituições como igrejas, empresas e organizações não governamentais. O canto coral, ao servir a diferentes interesses, percorreu muitas vezes caminhos antagônicos. Já serviu a Deus e aos rituais diabólicos, aos reis e aos escravos, aos países do primeiro mundo, aos povos subdesenvolvidos e às civilizações primitivas, tendo se perpetuado através dos séculos.

Como nos lembra Hall:

O significado de uma forma cultural e seu lugar ou posição no campo cultural não está inscrito no interior de sua forma. Nem se pode garantir para sempre sua posição. (HALL, 2003, p. 258)

Embora atualmente o canto coral não faça parte da cultura das comunidades de baixa renda brasileiras essa é uma atividade que poderá ser implementada e utilizada como instrumento transgressor; não no sentido de opor uma cultura a outra, mas na direção de romper limites e ampliar possibilidades, construir um espaço onde os valores culturais possam ser questionados, transgredidos e novos significados e valores, novas configurações socioculturais possam começar a surgir.

Existe hoje uma tendência nos regentes de corais amadores brasileiros em acreditar que as crianças e jovens só se interessam em cantar músicas que são veiculadas maciçamente pela mídia, através do rádio e da televisão. Por esta razão os corais cada vez mais se dedicam a cantar

arranjos vocais, quase sempre de qualidade duvidosa, deixando de lado todo o repertório de composições corais. É comum ouvirmos de professores de música a afirmação de que seus alunos só querem cantar rap, funk, ou coisas do gênero. “Afirmar que essas formas impostas pela mídia não nos influenciam equivaleria a dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado fora do circuito de distribuição do poder e das relações de força cultural” (HALL, 2003, p. 255). Esta crença estaria de acordo com a teoria clássica onde o social, o simbólico ou o cultural estão costurados uns ou outros, e que uma inversão só ocorre quando as hierarquias sociais são derrubadas. Não é nisto que Hall (2003) acredita.

Creio que há uma luta contínua e necessariamente desigual por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. (HALL, 2003, p. 255)

Como nos lembra Stuart Hall, a cultura popular negra (assim como a cultura popular das comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro), não é constituída por formas culturais puras.

Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais preexistentes. Essas formas são sempre impuras, [...] adaptações conformadas aos espaços mistos, contraditórios e híbridos da cultura popular. (HALL, 2003, p. 343)

Assim quando levamos para uma comunidade de baixa renda a atividade coral, desenvolvida a partir de repertório que incluía arranjos de música popular brasileira, do folclore nacional e estrangeiro e composições corais de diferentes países, não se espera uma oposição binária entre a música própria das comunidades e a música coral. O que se pretende é deslocar o olhar para um novo tipo de hábito permitindo que diferentes tendências musicais convivam sem que necessariamente uma venha a destruir a

outra. São diferenças que não precisam necessariamente estar alinhadas. Cada uma delas tem seu ponto de profunda identificação subjetiva. Uma não destrói a outra, apenas ampliam-se as possibilidades.

O perigo surge porque tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticos, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições em especial quando funcionam no domínio do “popular”. (HALL, 2003, p. 255)

A introdução da atividade coral em uma comunidade de baixa renda, com repertório abrangente, colocada sob as bases do prazer, do diálogo e do estímulo ao pensamento reflexivo não deixa de ser uma transgressão. Uma transgressão que poderá ampliar limites, possibilidades, visões de mundo e promover uma mudança cultural pela introdução de novos valores que poderão se agregar aos valores culturais desse grupo.

I.4 – O CANTO CORAL NO BRASIL

No Brasil o canto coletivo já existia entre os nativos muito antes da vinda dos portugueses para o país. Nas tribos de índios brasileiros, o canto coletivo desempenha até hoje importante papel, sendo praticado entre outros, nos rituais de iniciação, nos casamentos, funerais e festas. Esses grupos se unem e através da dança e do canto coletivo utilizado nos rituais, buscam entrar em sintonia para juntos pedir a proteção de seus deuses.

Com a vinda dos jesuítas, no Governo Geral de Tomé de Sousa (1549 – 1553), iniciou-se um trabalho de catequização de nossos índios. Os jesuítas seguiam a tradição coral ocidental que teve origem no cristianismo, durante a Idade Média. Nesta época o canto litúrgico da Igreja Católica Apostólica Romana se inspirava na música hebraica dos salmos, cantada nas sinagogas. Na igreja primitiva utilizavam-se duas maneiras de cantar: a salmódia responsorial e a salmódia antifonal. A primeira delas é a mais antiga. Nela um cantor solista entoava os versículos do salmo e

o coro responde, cantando o estribilho. O livro dos Salmos, ao fim do século II, passa a ser o primeiro livro de canto adotado pela igreja católica. No século IV surge a salmódia antifonal onde o coro era dividido em dois grupos, posicionando-se um em frente ao outro e cantando em uníssono, alternadamente, os versículos dos salmos. A música desse período é o cantochão, em latim, também conhecido como canto gregoriano, em homenagem ao Papa Gregório I (590-604) que teve importante papel na estruturação da música sacra da época. Os membros de um coro medieval eram em primeiro lugar, membros de uma comunidade religiosa. Nas igrejas e mosteiros esses grupos eram constituídos unicamente por homens e meninos, que estudavam desde a infância a arte do cantochão.

Ao chegar ao Brasil, os jesuítas introduzem o teatro e a música como parte da estratégia de catequização dos nativos. De acordo com Renato de Almeida (1942), Mário de Andrade (1987) e José Maria Neves (1981), no início do século XVI, durante o período de colonização, os jesuítas formavam coros infantis com os índios, onde entoavam canções. Nessas, as melodias seguiam a tradição do canto gregoriano e o texto pautava-se na doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana.

A música produzida no Brasil colônia era, sobretudo sacra, uma vez que a responsabilidade pelo ensino musical recaía sobre o clero português. Ela tem sido alvo de estudos musicológicos que, através das pesquisas realizadas por mestrados, doutorandos e professores, vêm contribuindo de forma relevante, trazendo à tona o rico movimento musical colonial brasileiro.

Na história da Europa Ocidental o período que vai de 1450 a 1600, conhecido como Renascimento, se caracterizou pelo enorme interesse devotado ao saber e à cultura. Nesta época a música polifônica coral se impõe alcançando grande destaque. Embora os compositores tenham começado a se interessar pela música profana, é ainda na música sacra, escrita sobretudo para a Igreja Católica Apostólica Romana, onde se encontra as obras de maior destaque. Como as

mulheres eram proibidas de cantar nas igrejas, a execução das partes agudas (soprano), até o século XVI, era realizada por meninos e as partes de contralto cantadas por homens de vozes agudas ou em falsete. A partir desse século o Papa Clemente VII (1523 - 1534) aceita a substituição dos meninos cantores e dos homens que cantavam em falsete, pelos *castrati*¹ que passam a assumir o canto das partes de soprano e contralto nos coros. Os *castrati* trabalharam para a Igreja Católica Apostólica Romana durante mais de 300 anos. Esta prática só foi totalmente abolida no início do século XX, com um *Motu Proprio* do Papa Pio X (1903 - 1914), no qual proibia a contratação desses cantores na Capela Sistina. É nesta ocasião que a mulher passa a ser admitida oficialmente no canto litúrgico.

Estas características foram trazidas pelos portugueses para o Brasil e mantidas no decorrer do período colonial. A vida musical religiosa brasileira se estruturou paralelamente ao nascimento de cada nova Vila fundada. Bahia e Pernambuco foram os primeiros centros de cultivo da música erudita do século XVI. Seguiu-se o Pará, São Paulo, Maranhão, Paraná e Rio de Janeiro. (KIEFER, 1997)

A música coral e instrumental também eram cultivadas por pessoas de posse, que ensinavam essa arte a seus escravos. Renato de Almeida nos fala de um francês, Pyrrard de Laval, que em visita à Bahia, em 1610, relata o caso de um capitão-general de Angola

que possuía uma banda de música de trinta figuras, todos negros escravos, cujo regente era um francês provençal. E como devesse ser megalômano, queria que a todo instante tocasse a sua orquestra, a acompanhar, ainda, uma massa coral. (ALMEIDA, 1942, p. 291)

Até o final do século XVII, as vilas do litoral tinham a cana de açúcar como principal atividade econômica. Os primeiros colégios e paróquias foram sendo paulatinamente instalados concomitantemente ao início da vida musical, organizada pelos mestres-de-capela e organistas das

¹ Homens que eram castrados antes da puberdade a fim de preservar o registro de soprano ou contralto de sua voz.

igrejas. No século XVIII, junto com o período áureo da mineração do ouro e posteriormente de diamantes, surge um extraordinário movimento musical na Capitania das Minas Gerais (KIEFER, 1997). As vilas no interior, muitas vezes extremamente ricas e com uma razoável estrutura urbana, se multiplicam. Desta época encontra-se um elevado número de obras, principalmente sacras, envolvendo coro e orquestra, revelando a intensa atividade cultural desse período. Segundo José Maria Neves (NEVES, 1997) nos relatos mais antigos, datados do século XVIII, já aparecem descrições de realizações de obras compostas para coros, acompanhados por conjuntos instrumentais. Em 1751, em São João Del Rei, numa homenagem a D. João V, foi executada uma composição para quatro coros onde cada um dos grupos, dispostos em diferentes pontos dentro da igreja, era acompanhado por um conjunto instrumental (NEVES, 1997). Esses acontecimentos nos revelam não apenas a grandiosidade musical dessas cerimônias, mas sobretudo a importância da música sacra na vida cultural dessas pequenas vilas, reflexo dos hábitos culturais de nossos colonizadores.

A partir das pesquisas desenvolvidas por Francisco Curt Lange, na década de 1940, tomou-se conhecimento do extraordinário patrimônio musical mineiro do período colonial. Antigas cidades mineiras, entre elas Diamantina, Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João Del Rei e Tiradentes guardam ainda hoje preciosas coleções de antigos manuscritos musicais, o que nos indica que essas cidades possuíam compositores, coros e orquestras, que atuavam intensamente nas festas religiosas. Entre os compositores mineiros do século XVIII podemos citar Manoel Dias de Oliveira, José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e João de Deus de Castro Lobo.

As obras sacras eram escritas para as vozes de soprano, contralto, tenor e baixo. Não há notícia da existência de *castrati* ou sopranistas em Minas Gerais, para execução das partes de soprano e contralto. Os contratos de trabalho revelam a presença de meninos realizando as partes

de soprano e de homens falsetistas as de contralto, seguindo as recomendações da Santa Sé, que não admitia a contratação de mulheres para o canto litúrgico (NEVES, 1997).

No Rio de Janeiro, em 1739, foi criado o Seminário Órfãos de São Pedro, situado próximo à igreja com o mesmo nome, onde os meninos recebiam ensinamentos ligados às artes. Esse seminário foi transferido em 1766 para junto da Igreja de São Joaquim, passando a ser denominado Seminário São Joaquim. Havia aí um coro de meninos, do qual fazia parte José Maurício Nunes Garcia, que na idade adulta assume o cargo de mestre-de-capela e torna-se um dos mais proeminentes compositores de sua época. (MATTOS, 1997)

A vinda da Família Real para o Brasil estabelece um marco na história de nosso país. D. João VI, ao chegar ao Rio de Janeiro, transforma a cidade num centro de irradiação cultural. A criação da Biblioteca Nacional, do Museu Nacional, da Imprensa Nacional e da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios bem como a vinda de importantes personalidades na missão artística de 1816 são algumas das ações que contribuíram para que a cidade assumisse uma posição de liderança cultural e intelectual.

A corte portuguesa, em fins do século XVIII, dispunha a seu serviço de músicos de alta qualidade, que tocavam e cantavam nas solenidades ligadas à corte. A Família Real, ao deixar Portugal em 1808, não abandona a tradição das cerimônias religiosas transformadas em verdadeiros concertos instrumentais e vocais. Assim que o príncipe regente chega ao Rio de Janeiro, assiste a um *Te Deum* em ação de graças por sua bem sucedida viagem. A cerimônia realizou-se numa igreja modesta. Fazia parte do coro capelães, cantores e os meninos do Seminário São Joaquim. Participaram ainda do concerto organista e instrumentistas, todos sob a regência de José Maurício Nunes Garcia. (MATTOS, 1997). Logo a seguir D. João VI transfere a Sé Catedral para a nova Catedral e Capela Real, levando todos os que ali trabalhavam no ofício da

liturgia. Desde 1798 a Sé tinha como mestre capela José Maurício Nunes Garcia, que também foi transferido, passando a ocupar o cargo de mestre-de-capela da Capela Real.

Diz o Alvará assinado pelo Príncipe Regente:

Que o Cabido da Catedral seja logo, com a possível brevidade, transferido com todas as pessoas, cantores e ministros de que se compõe no estado atual em que acha na Igreja da Confraria do Rosário para a Igreja que foi dos religiosos do Carmo, contígua ao Palácio Real da minha residência, para onde passarão igualmente todos os vasos sagrados, paramentos, alfaias e todos os móveis que pertenceram ao mesmo Cabido e possam de alguma sorte servir ao exercício de suas funções. (ANDRADE, vol 1, 1967, p. 22)

Nesta ocasião o contingente de músicos cantores que serviam à igreja foi ampliado com a contratação de novos músicos da cidade do Rio de Janeiro, com capelães, com cantores italianos e portugueses que atuavam na Real Câmara e na Capela Real em Lisboa.

Enquanto D. João VI permaneceu no Brasil as realizações musicais na Capela Real mantiveram-se em ascensão, chegando a possuir 150 músicos contratados em 1815. Entre 1810 e 1817 o Príncipe Regente mandou vir para o Brasil sete *castrati* para atuar na Capela Real. O sucesso desses cantores era imenso. Entre os músicos (instrumentistas e cantores) esses eram os mais bem pagos. Em alguns casos chegavam a receber mais do que os mestres de capela.

O amplo acervo de composições desta época, a maior parte delas com a participação de um ou dois coros, revela a intensa e rica produção dos nossos compositores, bem como a atividade musical que havia no Rio de Janeiro. Grande parte desse acervo encontra-se hoje na Biblioteca Alberto Nepomuceno, da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em abril de 1821 D. João VI, cedendo às pressões da corte portuguesa, retorna ao seu país deixando no Brasil seu filho D. Pedro I. No ano seguinte é proclamada a independência do Brasil de Portugal. Com o retorno do rei e de sua corte o país sofre uma grande perda financeira. Além

disto desaparece o ritual de cantar para o rei, um dos mais importantes aspectos sociais das cerimônias religiosas desta época (MATTOS, 1997).

Após a independência do Brasil de Portugal, o país passa por um delicado momento de adaptação ao novo regime e, conseqüentemente, há um enfraquecimento das manifestações artísticas. Em 07 de abril de 1831 D. Pedro I abdica em favor de seu filho, ainda criança. Passado dois meses, por questões econômicas, é extinta a Orquestra da Capela, agora Imperial. Embora o coro tenha sido mantido, esse também sofreu baixas consideráveis. A música da Capela Imperial, bem como a executada nos teatros do Rio de Janeiro, sofre as conseqüências diretas de todo o desajuste político desse período. Em 1843 ocorre uma recuperação no movimento musical na cidade. É criado o Conservatório de Música da Cidade do Rio de Janeiro pelo Decreto nº 496 de 21 de janeiro de 1847 (atualmente Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro), ficando sob a direção de Francisco Manuel da Silva. Seu funcionamento só teve início em agosto do ano seguinte. Em 1851, na Capela Imperial, também sob o comando de Francisco Manuel, foram admitidos para o coro meninos cantores que estudavam no Conservatório de Música, renovando desta forma o coro da Imperial Capela, que volta a ser o centro do movimento musical.

No período que vai de 1853 até 1858 o espetáculo lírico entra em cena com força total. A participação dos coros nas óperas é bastante forte, tendo sido criada em 1858 a Academia Imperial de Música e Ópera destinada, entre outras, ao ensino de canto e ao exercício de coros. Nesse período houve a apresentação de mais de 500 récitas de óperas, muitas delas com temas nacionalistas, em italiano e mais tarde em língua portuguesa.

Em 1862, para inauguração de um monumento à memória de Dom Pedro foi programado um concerto onde se cantou o Hino da Independência e o *Te Deum* do compositor Neukomm. O coro, que reunia de 500 a 600 pessoas, era formado por alunos de vários colégios, entre eles

alunos do Colégio Pedro II, escola que mantinha em seu currículo o estudo regular de música (ANDRADE, 1967).

No período que se segue à proclamação da república, o canto coral sofre um grande esvaziamento. A música estava muito ligada à figura do imperador e a família real. Com o início do período republicano havia o empenho no sentido de romper com tudo que lembrasse o período político que acabava de findar. A atividade coral também sofreu as consequências desta política passando por um momento de empobrecimento durante o período republicano que vai de 1889 até 1930, só se restabelecendo no governo de Getúlio Vargas, quando volta à tona através de um programa de governo.

Getúlio Vargas assume o governo após a revolução de 30, numa luta onde civis e militares se unem contra as velhas oligarquias. Os militares vencedores eram jovens tenentes que não podiam assumir o poder e comandar generais, o que favorece a entrada de Vargas para a Presidência da República. Durante esse período o pensamento militar influenciou largamente as ações implementadas pelo governo federal.

Em junho de 1934, é promulgada a nova Constituição. Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, é eleito Presidente da República, com mandato de quatro anos, não sendo possível sua reeleição. (PANDOLFI, 1999).

Em novembro de 1935, surgem levantes comunistas em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Embora esses tenham sido rapidamente sufocados, o “perigo comunista” passou a ser utilizado pelo governo para justificar suas atitudes posteriores. Começa uma escalada repressiva que tem como desfecho o golpe de 10 de novembro de 1937, dando origem ao Estado Novo, que se estendeu até 1945, quando Getúlio é deposto.

Além disto, o país possuía diversos núcleos de emigrantes estrangeiros (alemães, italianos, poloneses e japoneses) que se mantinham fiéis à sua língua e tradições de origem. Era preciso construir e valorizar a brasilidade, enfim afirmar a identidade nacional brasileira.

O Estado Novo pretendia formar um “homem novo”, moldar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade. Para isto contava estrategicamente com a educação. A associação entre educação e segurança nacional definiu o que seria e a que serviria a educação. Afirma o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra:

O problema da educação, apreciado em toda sua amplitude, não pode deixar de constituir uma das mais graves preocupações das autoridades militares [...] torna-se difícil aos órgãos militares realizar totalmente seus objetivos previstos na Constituição, nas leis ordinárias e nos regulamentos, sem a prévia implantação, no espírito do público, dos conceitos fundamentais de disciplina, hierarquia, solidariedade, cooperação, intrepidez, aperfeiçoamento físico, de par com a subordinação moral e com o culto do civismo; e sem a integração da mentalidade da escola civil no verdadeiro espírito de segurança nacional. (Arquivo Oswaldo Aranha, AO 39.04.18, FGV/CPDOC. In PANDOLFI, 1999, p. 142).

Apesar da resistência existente entre professores e educadores contra o “espírito militar” inserido na educação, o governo acreditava que o Brasil necessitava de um sistema completo de segurança nacional, onde os órgãos militares interagissem com os órgãos federais, estaduais, e municipais, principalmente aqueles incumbidos da educação e da cultura.

Dentro desta mentalidade diversos projetos foram colocados em prática, entre eles o que estabelecia a obrigatoriedade do canto orfeônico nas escolas. Nesta empreitada o Governo encontrou na figura de Villa-Lobos um grande aliado para a implantação de suas políticas. Em 1931, Villa-Lobos reunindo representações de todas as classes sociais paulistas, organizou uma Concentração Orfeônica chamada “Exortação Cívica”, com a participação de cerca de 12 mil vozes. Em 1932, a convite do Dr. Anísio Teixeira, então Secretário de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, assume a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA)

implantando o canto orfeônico em todas as escolas do Rio de Janeiro. Com o apoio do presidente Getúlio Vargas organizou no Rio de Janeiro grandes concentrações orfeônicas que chegaram a reunir, sob sua regência, 40 mil escolares. O programa de canto orfeônico criado por Villa-Lobos, durante o Governo de Getúlio Vargas, tinha caráter obrigatório para todos os alunos das escolas de primárias e secundárias. Entre seus objetivos estava a dominação hegemônica do Estado (tendo como símbolo central a figura de Getúlio Vargas), a exortação cívica e o controle da nação. Nesse contexto a disciplina era utilizada visando forjar um corpo dócil que pudesse ser submetido e utilizado. Para dar suporte ao seu projeto, Villa-Lobos criou o Curso de Pedagogia da Música e Canto Orfeônico, do qual esteve à frente até sua morte em 1952 e o Orfeão dos Professores (MARIZ, 1983). Essas entidades foram utilizadas pelo Estado como aparelhos ideológicos. O canto orfeônico deveria servir como elemento adestrador, auxiliando na construção da unidade nacional. Os professores eram ali preparados não apenas para a tarefa de musicalização de seus alunos através do canto coletivo. O repertório a ser adotado, com músicas patrióticas, os valores a serem trabalhados, transformavam cada um dos professores em pólo irradiador das idéias e valores vigentes, constituindo-se desta forma uma grande rede disseminadora dos conceitos que deveriam ser absorvidos.

As atividades educacionais da SEMA prosseguiram num crescendo, culminando com a criação, em novembro de 1942, por iniciativa de Gustavo Capanema, pelo Decreto Lei nº 4993, do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. O Conservatório tinha como objetivos formar professores de canto coral para as escolas primárias e secundárias (hoje ensino fundamental e médio), estudar e elaborar as diretrizes técnicas que direcionariam o ensino do canto orfeônico no Brasil, pesquisar a música brasileira e realizar gravações de disco de canto orfeônico com músicas patrióticas, que deveriam ser cantadas em todos os estabelecimentos de ensino do país (MARIZ, 1983). Foi esse Conservatório que em 1967, tendo sido reestruturado, passou a chamar-se Instituto

Villa-Lobos, fazendo parte da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, hoje Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Com a saída de Vargas do poder seguiu-se um novo esvaziamento do canto coral no Brasil. A associação existente entre o regime totalitário da época Vargas e o canto orfeônico fizeram com que surgisse uma grande repulsa a essa atividade. Até hoje é comum a crítica de que o trabalho pedagógico de Villa-Lobos estava a serviço do Estado e não da educação musical. Apesar de qualquer controvérsia, não há como negar a importância desse programa criado por Villa-Lobos durante o período em que esteve à frente da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA). Se por um lado o próprio compositor se manifestava no sentido de que a música deveria ser utilizada como meio de formação e de renovação moral, cívica e artística de um povo e que o ensino e a prática do canto orfeônico nas escolas serviria não apenas para a formação de uma consciência musical, mas também como um fator de civismo e disciplina social coletiva, sob o comando do Estado (Villa-Lobos, 1946), é necessário reconhecer que muitas de suas ações contribuíram de forma positiva para o canto coral. Villa-Lobos revitalizou o folclore nacional, tendo em 1932 editado e distribuído, através da Irmãos Vitale – Editores, o Guia Prático, 1º volume, que contém 137 canções folclóricas infantis, harmonizadas por ele, obra preciosa pela qualidade do material apresentado e pela contribuição à preservação de nossa cultura.

Com o objetivo de revitalização do canto coral tem início, em 1970, no Rio de Janeiro, o Concurso de Corais Escolares da Guanabara, que perde o nome “escolares” na sua quarta edição e passa a ser um concurso de âmbito nacional. A partir da quinta edição recebe o nome de Concurso de Corais do Rio de Janeiro, o qual será mantido até o fim desse ciclo. As três primeiras edições do concurso ocorreram em 1970, 1971 e 1972 respectivamente. A partir daí até 1988, o concurso, que era promovido pela Rádio e Jornal do Brasil, passou a se realizar de dois em dois anos.

Um novo marco no canto coral surge em 1976 quando é criado, pelo maestro, pianista e compositor Marcos Leite, o Coral da Cultura Inglesa, posteriormente denominado Cobra Coral. Esse grupo, com personalidade própria, livra-se do conservadorismo e incorpora ao canto coral a performance cênica aliada a uma boa dose de humor. Rompia-se aí com a postura rígida e tradicional adotada pelos coros até então. Vestidos com malhas pretas e pés descalços, cantores e regente se apresentavam de maneira totalmente descontraída. Em outubro de 1980, durante o VII Concurso de Corais do Rio de Janeiro recebem o prêmio especial “renovação do canto coral”. No ano seguinte participam do Prêmio Shell de Música Popular Brasileira - MPB Shell onde são laureados com um troféu com os dizeres: “Melhor trabalho criativo no MPB Shell 81”. A junção desses ingredientes inovadores e revitalizantes fizeram surgir não apenas uma nova modalidade no canto coral que se espalhou por todas as regiões do Brasil - o coro cênico, mas sobretudo, nasce uma nova maneira de cantar tanto no que se refere à qualidade vocal como em relação à postura de palco. Sobre esse momento Roberto Gnatalli fala:

O Canto Coral Brasileiro, a partir de meados dos anos 70, sofreu transformações estéticas e posturais tão profundas que, em menos tempo do que se pudesse supor, livrou-se da crosta de conservadorismo que lhe tolhia os movimentos, reconquistando o seu papel social de aproximar pessoas e fazê-las musicar em comunidade, com prazer e simplicidade. (LEITE, 1998, p. 5)

Em 1979 o desenvolvimento do canto coral é incrementado através do Projeto Villa-Lobos, do Instituto Nacional de Música FUNARTE, sob a Coordenação de Elza Lakschevitz, durante a gestão de Edino Krieger. O Projeto Villa-Lobos teve como marco os Painéis FUNARTE de Regência Coral. Num total de onze, esses contaram com a participação de regentes vindo de diferentes pontos do país, tendo se transformado em importante fórum nacional de debates, reflexões, trocas de experiências e busca de soluções para os problemas relativos à atividade coral. Esses encontros contaram com a presença constante de Samuel Kerr de São Paulo, Marcos Leite

do Rio de Janeiro, Padre Pedro do Rio Grande do Norte, Lúcia Passos de Minas Gerais, radicada no Rio Grande do Sul, José Pedro Boésio do Rio Grande do Sul, Maria José Chevitarese e Elza Lakschevitz do Rio de Janeiro.

A total ausência de cursos voltados para a regência coral no país foi um dos graves problemas detectado pelo Projeto Villa-Lobos e apontado como uma das causas da má qualidade da grande maioria dos coros brasileiros da época. No intuito de cobrir esta lacuna, a FUNARTE promoveu inúmeros cursos pelo interior do país e as Reciclagens Regionais de Regência Coral onde regentes, durante uma semana, faziam cursos intensivos de regência, técnica vocal, estética e dinâmica de ensaio. Esse trabalho culminou com a criação do primeiro curso de Regência Coral no país em nível de graduação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a assessoria da FUNARTE. A partir daí diversos cursos de graduação e pós-graduação em Regência Coral, se estabeleceram em todo país.

Mais tarde a FUNARTE retoma os concursos de corais criando o Concurso Nacional FUNARTE de Canto Coral que, devido a problemas financeiros, teve vida curta. Realiza apenas dois concursos: o primeiro em 1997 e o segundo em 1999.

Na atualidade vemos um contínuo, porém lento crescimento da atividade coral no Brasil. Além do intenso movimento coral vinculado às igrejas evangélicas, são cada vez mais numerosos os corais em empresas, escolas particulares e escolas municipais, estaduais e federais. Algumas prefeituras como Londrina no Paraná, Santa Maria no Rio Grande do Sul, têm incentivado a inserção de programas de Educação Musical nas suas escolas de ensino fundamental. Esses programas contemplam o canto coral e o intercâmbio entre coros. Cada vez mais Festivais de Música se espalham por todo país, quase todos oferecendo oficinas de Regência e Prática Coral. Estas oficinas são bastante concorridas, tanto por regentes como por cantores que buscam se atualizar e melhorar sua técnica.

Nos últimos 10 anos tem se multiplicado o número de ONGs que se dedicam ao ensino das artes nas mais diversas comunidades. Nelas, grupos corais também têm sido uma constante, mostrando assim que esta expressão artística vem ganhando um novo impulso.

Muito embora tenha havido um incremento da atividade coral nos últimos tempos esta, ainda hoje, se recente de falta de apoio. Ainda são poucas as pessoas que atuam nesta área (cantores ou regentes) com uma formação profissional consistente. Na maioria dos casos a atividade coral é exercida por amadores que nas horas vagas dedicam-se à regência. A não existência de uma política pública que valorize esta arte, que capacite profissionais para esse mercado de trabalho e que estabeleça a sua obrigatoriedade nas escolas de ensino fundamental de todo país, faz com que o cantor de coro não se desenvolva tecnicamente da forma adequada, resultando num trabalho onde a qualidade, na maioria das vezes, deixa muito a desejar.

Ao estudar a prática do canto coletivo no Brasil verifica-se que embora tenha vivido momentos de glória e de total falta de apoio oficial, esta prática se manteve presente ao longo de nossa história. Constata-se, no entanto que sua função sofreu variações, dependendo do momento histórico e do lugar onde foi praticada. Encontra-se o canto coletivo com as mais variadas funções socioculturais. Educação, formação do indivíduo, construção da cidadania, divulgação de valores religiosos, elemento terapêutico, a serviço da propagação e manutenção do poder do Estado, elemento de contestação e crítica às estruturas sociais vigentes, são algumas delas.

Trabalhando há 18 anos com o Coral Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro com crianças na faixa etária de 8 a 16 anos pude observar que a atividade coral, embora tivesse uma estrutura disciplinar relativamente rígida, desenvolvia nessas crianças características bem diferentes das propostas durante o governo de Getúlio Vargas. Aspectos como auto-estima, concentração, segurança, convívio social eram construídos no dia a dia, dentro do grupo, fazendo

com que as crianças se tornassem mais confiantes, seguras, sendo capazes de refletir e questionar. Na sua maioria, estas crianças são provenientes da classe média baixa e estudam na rede pública municipal, estadual ou federal de ensino. Elas chegam ao grupo levadas por seus pais que valorizam esse fazer, e vêem nele uma oportunidade de participação em uma saudável atividade de lazer.

Fica no ar a pergunta: Como uma atividade artística, que tem por base o canto, pode servir a objetivos tão distintos? Despertou-me então o interesse em pesquisar como um grupo, formado por crianças de uma comunidade de baixa-renda, ao praticar o canto coral como atividade de lazer, inserido numa proposta socio-pedagógica dentro dos princípios preconizados por Joffre Dumazedier e Paulo Freire, decodificariam estas novas vivências e as incorporariam ao seu mundo subjetivo.

2 A ATIVIDADE CORAL COMO LAZER TRANSFORMADOR E MOMENTO DE AUTO-FORMAÇÃO:

2.1 JOFFRE DUMAZEDIER: PAI DA CIVILIZAÇÃO DE LAZER

“Levar a cultura ao povo e o povo à cultura”
(Manifesto Peuple et Culture, 1945)

Sociólogo, professor e pesquisador, o francês Joffre Dumazedier (1915 - 2002) foi um visionário. Sem negligenciar a importância do papel exercido pela escola, Dumazedier via nas atividades de lazer, um tempo voltado para satisfação do indivíduo, uma possibilidade de auto-formação permanente, de ruptura com a vida cotidiana muitas vezes repleta de preconceitos, de estereótipos, de idéias prontas que favorecem a manutenção das rotinas. O lazer auxiliaria no encontro de novos caminhos e na construção de soluções inovadoras. De origem humilde pode, graças a uma bolsa de estudos, completar seus estudos no Lycée Voltaire, o qual o encaminhou para a área de Letras. Ainda jovem envolveu-se com o movimento operário francês, atuando de forma marcante nos *Auberges de la Jeunesse* onde deu início, em 1935, a seu método de treinamento mental. Esse método pedagógico tem como proposta diminuir a desigualdade entre o modo de pensar das pessoas que possuem um elevado nível de instrução formal daquelas que foram alijadas do sistema educacional. Partindo de uma realidade social, de um determinado problema, o método promove um questionamento aprofundado. É feito um estudo criterioso da situação, com a busca de informações em documentação apropriada, seguido de reflexão e análise. A partir daí uma proposta de ação é construída e implementada.

Dumazedier era um homem de reflexão, de organização e de ação que via a diferença de nível de instrução entre a classe dominante e os excluídos como um obstáculo à democracia. Combateu as injustiças e as desigualdades socioculturais, defendendo uma educação popular

humanitária, onde homens e mulheres pudessem buscar, por si mesmo, seja através de um trabalho escrito, de uma pesquisa, de um amigo, de um colega de trabalho, de um professor, de uma associação ou de uma instituição de formação, seus meios de aprendizagem. Para ele esta aprendizagem espontânea, esta auto-formação, individual ou coletiva, onde o sujeito tem uma postura ativa e a responsabilidade na escolha de seus caminhos e na sua formação, possibilita a construção de um sujeito mais consciente e consistente, com uma compreensão mais ampla do mundo, e do funcionamento geral da sociedade. Um indivíduo mais crítico e menos suscetível a manipulações de quaisquer ordens. (LETTRE 27, 2002)

Em 1945, Joffre Dumazedier, com a colaboração de Bénigno Cacérès e de outros militantes funda o movimento *Peuple et Culture*. Escrevem um manifesto onde revelam os objetivos e metas desta organização, que deseja formar um novo homem, um novo humanismo, e que tem como lema: “levar a cultura ao povo e o povo à cultura” (LETTRE 27, 2002, p. 5). Para os fundadores desse movimento a verdadeira cultura popular é a cultura comum a todas as pessoas que compõem um povo, sejam elas intelectuais ou pessoas simples. Ela nasce da vida e retorna à vida. A verdadeira cultura não se limita à esfera das idéias, não é ensinada. É preciso fazer parte de um grupo social, vivê-la, para em conjunto criá-la. Com um movimento pedagógico bastante fértil, esse grupo criou ainda novos métodos de educação popular, clubes de leitura, instituições culturais de base, universidades de verão, viagens de estudos internacionais, material pedagógico de leitura e fichas de treinamento mental.

Em 1956 funda em Amsterdam, com Rolf Meyerson (New York), B. Patrushev (Novosibirsk) e sociólogos de nove outros países, o Comitê de Pesquisa do Lazer da Associação Internacional de Sociologia. A projeção internacional de suas idéias, de seus trabalhos histórico-empíricos e de seus 14 livros fez com que Dumazedier recebesse inúmeros convites para dar cursos, seminários e conferências, em universidades estrangeiras de todo o mundo. Esteve no

Brasil por diversas vezes, trabalhando nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Corumbá/Pantanal e Recife. Por todos os lugares por onde passou instigava e orientava professores, pesquisadores e dirigentes a observar com rigor um grupo social antes de decidir que ações deveriam ser propostas, a fim de que estas realmente contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. (LETTRE 27, 2002).

Realizou uma série de enquêtes sobre atividades de lazer na cidade francesa de Annecy, que foram publicadas em seu livro *Vers une Civilisation du Loisir?* pela editora Seuil de Paris e que mais tarde foi traduzido no Brasil como *Lazer e Cultura Popular*, editado pela Editora Perspectiva. Ainda sobre esse tema escreveu *Sociologie Empyrique du Loisir* (Ed. Seuil) traduzido no Brasil pela Editora Perspectiva com o nome *Sociologia Empírica do Lazer*, *Société Éducative et Pouvoir Culturel* e *La Revolution du Temps Libre* (Ed. Meridiens-Klinckseck) traduzido pela Studio Nobel com o título *A Revolução do Tempo Livre*. Nesses livros o lazer é visto como um tempo estratégico para a sociedade e, sobretudo para a educação de adultos.

Em 1960 esteve no Brasil divulgando seu método de treinamento mental, tendo nesta época entrado em contato com Paulo Freire, que iria adaptar e utilizar esta ferramenta em seu método de alfabetização de adultos, que será abordado no próximo capítulo.

Em 1974 criou na Sorbonne - René Descartes (Paris V) a primeira cadeira de sócio-pedagogia de adultos, tornando-se mais tarde professor emérito. Em 1975, escreveu um novo manifesto denominado: *Por uma reavaliação radical da política cultural do Peuple et Culture*, 1971-1975.

Retornou ao Brasil ao final da década de 70, a convite do SESC de São Paulo onde, por oito anos, dirigiu seminários, formou profissionais, auxiliou na estruturação do centro de estudos do lazer e do tempo livre e de uma linha de publicações, tendo também assessorado uma ampla pesquisa sobre práticas culturais no tempo livre na cidade de Americana, São Paulo.

Certamente a ciência mostra pontos de determinação biológica, psicológica, econômicas e sociológicas que pesam sobre os seres humanos. Mais Dumazedier não aceitava isto como uma característica imutável. Lutava contra o conformismo, contra a mentalidade de pessoas que se julgavam presa a um destino. Queria que homens e mulheres soubessem encontrar um equilíbrio entre a vida familiar, a vida profissional e a vida social em geral, que pudessem se realizar integralmente na sua condição de ser humano, com uma vida plena. Para ele esta transformação da sociedade pré-supunha o surgimento de uma nova mentalidade que se concretizaria a partir de movimentos culturais democráticos consistentes, independentes de sindicatos ou partidos político, que pudessem formar e difundir uma cultura capaz de suscitar não apenas novas leis, mas principalmente um novo indivíduo e instituições sociais que respeitasse a justiça, a liberdade e a democracia. Do seu ponto de vista, um desenvolvimento cultural democrático, com liberdade de criação, de difusão, de participação e com o desenvolvimento do pensamento crítico, era mais importante do que o próprio desenvolvimento econômico.

A sociologia do lazer e da cultura, a sociologia do esporte, a auto-formação permanente, as relações entre saber popular e saber culto e o treinamento mental são assuntos presentes em toda a obra desse sociólogo que sonhava com uma sociedade democrática, mais justa para todos os cidadãos.

2.2 LAZER E AUTO-FORMAÇÃO

Dumazedier, um homem à frente de seu tempo, percebeu que a sociedade, antes centrada no trabalho, vinha se reestruturando em uma nova direção. Com a evolução tecnológica, a entrada na era industrial e a chegada de novas leis trabalhistas que determinavam entre outros, o descanso semanal, as férias remuneradas e a aposentadoria por tempo de serviço, o trabalhador passou a ter ampliado seu tempo livre. Surge um novo modelo de organização social onde o tempo livre se

amplia cada vez mais e as práticas de lazer ganham importância fundamental na formação do indivíduo, o que Dumazedier denominou de “civilização do lazer”.

Para Joffre Dumazedier (2001) o lazer tem importância fundamental na formação do indivíduo. Ele corresponde a uma liberação periódica das obrigações cotidianas, seja ao término de um compromisso, ao fim do dia, da semana ou da vida de trabalho, portanto não suprime o trabalho dos adultos ou as obrigações escolares dos jovens, mas o pressupõem. Embora os mecanismos sociais exerçam influência sobre os indivíduos e, portanto, sobre suas escolhas, o lazer é uma atividade de livre opção que possibilita uma ruptura com as obrigações do cotidiano, proporciona satisfação aos indivíduos e dá a eles a oportunidade de vivenciar novas experiências.

O tempo de lazer, enquanto um tempo de fruição, torna-se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diverso dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado. O lazer poderá vir a ser uma ruptura, num duplo sentido: a cessação de atividades impostas pelas obrigações profissionais, familiares e sociais e, ao mesmo tempo, o reexame das rotinas, estereótipos e idéias já prontas que concorrem para a repetição e especialização das obrigações cotidianas (DUMAZEDIER, 2001, p. 265)

Dumazedier nos chama a atenção para a importância de se ter uma participação consciente e voluntária na vida cultural, opondo-se à submissão, às práticas rotineiras, às imagens estereotipadas e às idéias preconcebidas de determinado meio social. Ele nos fala de uma atitude que denomina “ativa”, que exige “um progresso pessoal livre, pela busca, na utilização do tempo livre, de um equilíbrio, na medida do possível pessoal, entre o repouso, a distração e o desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade”, ou seja: “um conjunto de disposições físicas e mentais suscetíveis de assegurar o desabrochar ‘*optimum*’ da personalidade, dentro de uma participação ‘*optima*’ na vida cultural e social”. (DUMAZEDIER, 2001, p. 265).

A busca de um estilo próprio de vida é inseparável de uma tomada de consciência dos problemas da vida social. A individualidade tem maior possibilidade de afirma-se através das

atividades de lazer, pois é esse um tempo no qual se tem a oportunidade de entrar em contato com novos padrões, e de desenvolver um estilo próprio.

Dumazedier não se conformava com as desigualdades sociais. Não aceitava que as famílias das camadas mais desfavorecidas não tivessem acesso à instrução formal nem as mesmas oportunidades que os demais. Durante toda sua vida trabalhou buscando encontrar soluções para modificar esta situação. Ele viu no aumento do tempo livre a possibilidade de uma grande mudança da civilização através do lazer e de uma permanente auto-formação. Lazer e auto-formação andariam juntos durante toda a vida da pessoa. Nesse contexto o lazer não é um produto secundário, mas prioritário na civilização contemporânea. É um tempo de auto-formação permanente e voluntária, muito mais séria que a imposta pela própria educação formal, da qual cada um retém o aspecto que mais lhe interessa, valorizando-o ao máximo.

Os conhecimentos adquiridos através da auto-formação se somam àqueles de caráter obrigatório, recebidos na escola formal, complementando assim a formação do indivíduo.

A civilização, em constante movimento, gera a cada segundo milhares de novas informações das mais diversas naturezas. A auto-formação permite que cada pessoa individualize seu percurso buscando desenvolver seus conhecimentos de acordo com seus próprios interesses, necessidades e afinidades, na direção escolhida por ela mesma. Através do lazer e da auto-formação o homem, por iniciativa própria, faz suas escolhas em relação ao que quer aprender e aos meios que vai usar para conseguir seu intento. Nesse processo ele libera seu potencial individual participando ativamente da construção da sua história.

O aumento do tempo de lazer não é visto como ociosidade ou preguiça uma vez que a ética do lazer não é a da ociosidade que rejeita o trabalho e outras obrigações. O lazer corresponde a uma liberação periódica do trabalho, portanto pressupõe o trabalho. Ele é um ponto de equilíbrio

entre as obrigações impostas pela vida em sociedade e as necessidades individuais de cada pessoa (DUMAZEDIER, 2004).

De acordo com Dumazedier (2004) tempo livre e tempo de lazer tem significados diferentes. O aumento de tempo livre não significa necessariamente aumento de tempo de lazer, uma vez que nem tudo que se faz durante o tempo livre é lazer. Tempo livre refere-se a todo o tempo fora do âmbito das obrigações profissionais para os adultos ou das obrigações escolares para as crianças, incluindo as obrigações familiares, as atividades sócio-espirituais, atividades sócio-políticas, enquanto o lazer é definido como:

Um conjunto de ocupações com as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para distrair-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 2001, p. 34)

Embora o mercado econômico, as tradições, os valores culturais de certa forma condicionem nossas opções, não estando o lazer isento destas influências, Dumazedier vê o lazer como uma atividade onde a escolha, se não é feita com total liberdade, também não está presa ao determinismo social. Para ele “a liberdade de escolha dentro do tempo de lazer é uma realidade, mesmo que limitada e em parte ilusória” (DUMAZEDIER, 2004, p. 58). Mas se por um lado o lazer resulta de uma livre escolha, por outro não se pode dizer que no lazer tudo é livre, não havendo nenhum tipo de obrigação. Para Dumazedier estas obrigações têm caráter bastante diferente das obrigações impostas pelas instituições profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. Toda atividade de lazer que envolva mais do que uma pessoa, está submetida a obrigações inter-pessoais. As atividades desenvolvidas em grupo como a atividade coral, o futebol, os grupos de danças e de teatro ou até mesmo aquelas que envolvam apenas duas pessoas,

estão sujeitos a certa disciplina, a normas estabelecidas e aceitas pelo próprio grupo e ao regulamento das instituições a qual estão vinculados.

O lazer está voltado para o indivíduo e suas necessidades, para promover alegria e prazer. Não visa lucro material. Mesmo quando realizado em grupo, cada componente desse grupo busca a sua satisfação pessoal. No momento em que a satisfação deixa de existir, a atividade é abandonada. A decisão de continuar ou interromper sua participação depende primordialmente do indivíduo. Por ser motivada e mantida pelo interesse da própria pessoa, o envolvimento e a dedicação serão tanto maior quanto maior o prazer sentido e a realização proporcionada pela atividade. Muitas vezes a entrega se dá com tal profundidade que faz com que a pessoa, de livre vontade, se submeta a grandes esforços e a uma rigorosa disciplina. Por outro lado, as atividades de caráter obrigatório, mesmo que sejam prazerosas para o indivíduo que as realiza não podem ser confundidas com o lazer, já que não têm o indivíduo no centro da questão. (DUMAZEDIER, 2004)

Por mais conflitantes que possam ser estas condições e ainda que sejam grandes as dificuldades financeiras da maior parte da população, principalmente nos países subdesenvolvidos e nos em desenvolvimento, é inegável que o indivíduo vem conquistando a possibilidade de realizar atividades lúdicas, com fins desinteressados, que satisfaça suas necessidades individuais ou sociais durante seu tempo livre. A estrutura social começa a se modificar. O homem não vive mais apenas para o trabalho. O trabalho faz parte de sua vida assim como o lazer. A tão conhecida frase: “só o trabalho dignifica o homem” vai caindo em desuso. Há um deslizamento do eixo de valores, antes centrado no trabalho e nas instituições, em direção ao homem e suas necessidades pessoais. Muitas destas necessidades podem ser satisfeitas através do lazer. Assim o lazer vem cada vez mais se configurando como “uma nova necessidade social do indivíduo, um tempo a

dispor de si para si mesmo" (DUMAZEDIER, 2004, p. 58). Há portanto uma valorização do indivíduo através do lazer.

Segundo Dumazedier (2004) o lazer exerce as funções de descanso, de entretenimento e de desenvolvimento da personalidade, contribuindo para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Desta forma o lazer mais completo é aquele no qual o indivíduo encontra um momento de liberação das tensões e do cansaço físico, do tédio causado pela repetição das tarefas cotidianas, além de ser um momento de quebra da rotina e de ruptura dos comportamentos estereotipados impostos em suas obrigações cotidianas.

O direito de escolher ou não uma atividade de lazer, de dispor mais livremente do próprio tempo livre começa a ser exercido pelas pessoas cada vez mais jovens. Na sociedade atual, cada vez mais, atividades esportivas, televisão, jogos eletrônicos, internet, dança, teatro, música e passeios são lazeres que tem sido buscado pelos jovens para atender não a uma eficácia técnica, nem uma utilidade social, mas sim a realização e a expressão de si mesmo. Estas atividades não têm caráter obrigatório. Embora haja uma influência dos valores socioculturais do entorno do indivíduo, das políticas culturais implementadas pelo poder de Estado, da cultura de massa, do mercado e da indústria de lazer, a participação na atividade de lazer é feita de forma espontânea.

No Brasil os jovens tem sido estimulados a participar de projetos sociais que trabalham com diversas formas de lazer. Parques esportivos são criados e o terceiro setor tem atuado em muitas frentes. Embora os indivíduos venham conquistando cada vez mais a possibilidade de desenvolver uma atividade através da qual alcancem sua satisfação pessoal, a grande dificuldade econômica da maior parte dos trabalhadores brasileiros, limita muito as opções de lazer. Muitos utilizam suas horas fora do emprego formal fazendo trabalhos extras a fim de complementar sua renda familiar. A grande maioria dos assalariados não tem como gastar seus poucos recursos com

atividades de lazer. Por outro lado a quantidade de lazer gratuito oferecido ainda é bastante pequena em relação à demanda e às necessidades do país como um todo, o que dificulta o acesso ao lazer, de forma mais ampla, a todos os cidadãos brasileiros.

2.3 MÉTODO DE TREINAMENTO MENTAL

Dumazedier acreditava que a libertação da classe operária francesa passava pelo desenvolvimento cultural, pela tomada de consciência de suas necessidades e aspirações latentes e pela reflexão a respeito de seus próprios condicionamentos e que, mais do que a origem social, o que levava o indivíduo a continuar a se instruir, a criar novos valores, a construir sua identidade pessoal e coletiva, era o tipo de educação que recebia. (MEUR, 2005)

Mas como agir para fazer com que pessoas com pouca ou nenhuma instrução formal desejassem continuar seus estudos, ampliassem seus conhecimentos, sua visão de mundo, desenvolvessem seu raciocínio lógico e pudessem intervir em seu mundo de maneira mais competente? Preocupado em dar oportunidade de acesso à formação intelectual, ao conhecimento científico, tecnológico e artístico a todas as pessoas, independentemente de sua classe socioeconômica, Dumazedier desenvolveu o que chamou Método de Treinamento Mental. Esse método foi criado e aperfeiçoado nas práticas de educação popular, na França, entre 1935 e 1945. Atento às desigualdades culturais, o método procurava sensibilizar as pessoas para a auto-formação individual e/ou coletiva, favorecendo o desenvolvimento intelectual e social de adultos oriundo da classe popular e contribuindo para sua formação integral (MEUR, 2005).

Dumazedier defendia o direito de acesso dos trabalhadores a todas as formas de cultura. Desejava que as pessoas fossem preparadas para manter o interesse de se formar durante toda sua vida, aprendessem a arte de questionar permanentemente as idéias, os atos cotidianos, a questionar

a si próprio, seus valores e conceitos, pois para Dumazedier era através desse questionamento permanente, que seria possível alcançar o que chamou de “verdadeiro saber” (MEUR, 2005).

Dumazedier tinha a consciência de que os pré-julgamentos, os estereótipos, os hábitos e rotinas impedem uma visão mais ampla dos fatos, bloqueiam a criatividade e dificultam a tomada de decisões inovadoras. A sistemática de raciocínio proposta pelo método de treinamento mental procura romper com esses comportamentos, ajudando a análise de qualquer situação, independentemente do lugar e do momento vivido, e auxiliando a busca de soluções para todo e qualquer tipo de problema. O método incentiva o indivíduo a agir de forma autodidata, buscando por si mesmo informações em livros, revistas, jornais ou outros meios, além de ensiná-lo a olhar um problema sob diferentes pontos de vista, ampliar sua capacidade de observação, para melhor compreender os fatos e para ser capaz de propor ações conscientes que promovam uma real melhoria da situação-problema (MEUR, 2005).

O método de treinamento mental parte de um tema, de uma situação concreta. Inicia um processo de minuciosa observação e compreensão dos problemas existentes nesta situação para em seguida propor uma ação que traga uma real melhoria. A primeira preocupação está centrada na representação da situação. Esta fase destina-se a definição do tema e a descrição do problema a ser analisado. Precisamos responder as perguntas:

- a) O que está acontecendo?
- b) Qual é o problema?
- c) O que vai bem e o que vai mal?
- d) Quais são os sujeitos sociais implicados?

Normalmente aparecem opiniões divergentes em relação ao objeto estudado. É interessante que esses diferentes pontos de vistas sejam colocados em evidência e discutidos. É preciso estar atento aos fatos apresentados de maneira deformada, às causas aparentes e aos valores

estereotipados. Terminada esta fase passa-se para a compreensão. Será necessário descobrir o porquê dos problemas. Para facilitar esta compreensão são buscadas informações complementares em documentos, leis, normas, teorias ou pessoas que dominem o assunto em questão. É fundamental que se tenha opiniões de diferentes fontes para que a reflexão se faça de uma forma mais rica e abrangente.

Busca-se encontrar respostas para a questão: Porque as coisas acontecem desta forma? As insatisfações não ocorrem por acaso. As causas existem, mas nem sempre estão evidentes. Um trabalho de auto-documentação é muito importante nesta etapa.

Yvette Lê Meur (MEUR, 2005) propõe os seguintes passos para uma auto-documentação eficaz:

a) Compreensão e clarificação do objeto:

- Focar o objeto e fazer um primeiro questionamento

b) Pesquisa, seleção e levantamento de informação:

- Pesquisar as fontes de informação.
- Selecionar documentos.
- Levantar informações: tratamento e comunicação da informação
- Tratar, organizar a informação.
- Comunicar a informação.

É preciso não confundir fatos sociais com opiniões subjetivas e estar atento às ilusões de origem dogmáticas e às ideologias a fim de que não se tire uma conclusão equivocada em relação ao problema em estudo. Com base nas informações obtidas em diferentes documentos já começa a ser possível enxergar a situação por outros ângulos e a entender porque ocorre desta forma e o que realmente significa. Feita a análise e a reflexão do problema, a partir de todas as informações

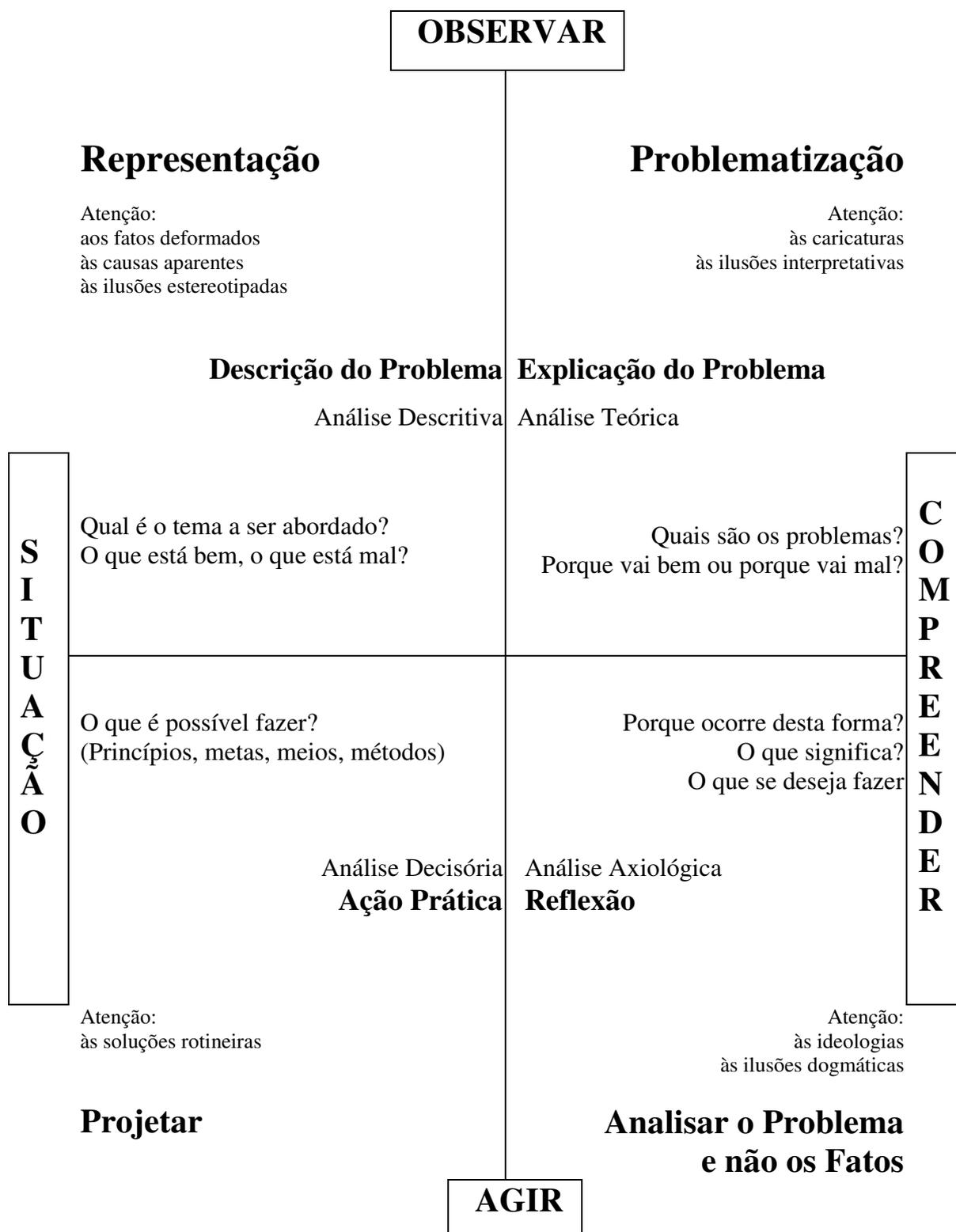
colhidas, já será possível entrar no próximo estágio do método: a análise decisória e a tomada de decisões racionais e criativas. Nesta fase se planeja o que se pode fazer, quais as ações a serem implementadas, quais os métodos e meios a serem utilizados. Estas ações serão colocadas em prática e posteriormente re-analisadas.

Joffre Dumazedier pontua seis aspectos que considera essenciais e que devem guiar a utilização do método de treinamento mental.

- a) Estruturar o trabalho mental
- b) Levar em conta que a afetividade interfere na aprendizagem intelectual
- c) Estar atento aos aspectos práticos do método
- d) Estar atento aos aspectos teóricos do método. Os aspectos, prático e teórico são complementares e não simultâneos, sendo abordados em separado.
- e) Relacionar os aspectos similares e os diferentes elementos do problema e da solução.
- f) Respeitar os princípios do treinamento

O método de treinamento mental é um método que tem como objetivo permitir que todas as pessoas aprendam a pensar cientificamente, a partir de sua realidade social, melhorando sua capacidade de expressão e seu universo cultural. Como diz Dumazedier esse “é um método sócio-pedagógico de estruturação do trabalho intelectual” (MEUR, 2005, p. 121) com vistas a uma crescente organização dos recursos de análise do meio, um treinamento permanente para a pesquisa documentária, e para o desenvolvimento da criatividade e da livre expressão.

2.3.1. Síntese para a compreensão do método de treinamento mental, proposto por Gérard Jean-Montclerc (MEUR, 2005, p. 123)



2.4 TEMPO LIVRE E LAZER EM COMUNIDADES DE BAIXA RENDA: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO SOCIAL

Nas grandes cidades brasileiras o aumento da violência urbana e a expansão do tráfico de drogas fizeram com que se ampliasse o número de organizações governamentais e não governamentais preocupadas em retirar as crianças das ruas. Com esse objetivo muitas instituições passaram a oferecer, para esse público alvo, durante seu tempo livre, um conjunto considerável de atividades de lazer. No Rio de Janeiro parques esportivos se espalham por diversos pontos da cidade. Projetos como: Criança Esperança (Morro do Cantagalo), Escola de Música da Rocinha (Rocinha), Toca o Bonde (Santa Tereza), Mangueira do Amanhã (Mangueira) e grupos como: Afroreggae (Vigário Geral), os Villa-Lobinhos (Botafogo), Dançando para não Dançar (Cantagalo, Pavão-Pavãozinho), Pró-Musiquinha Petrobrás (Botafogo), Nós do Morro (Vidigal) são alguns exemplos de trabalhos já consolidados que têm atendido a um grande número de crianças de comunidade. Essas instituições, que vêm se multiplicando nas comunidades de baixa renda ou em seu entorno, funcionam com apoio governamental e/ou parcerias com empresas privadas que recebem benefícios fiscais ao aplicar partes de seus impostos em atividades voltadas para a formação e qualificação de crianças e adolescentes em situação de risco. As atividades mais comuns desenvolvidas são aquelas com baixo custo operacional e que têm como principal instrumento, o próprio corpo. Assim multiplicam-se os corais, grupos de dança e de teatro. O lazer, instrumento para retirada das crianças da rua, proporciona ao mesmo tempo: entretenimento, equilíbrio, ampliação do universo cultural destas crianças, formação e informação e, conseqüentemente, a possibilidade de um futuro melhor para o país.

3 A ATIVIDADE CORAL COMO PRÁTICA PARA AUTONOMIA E LIBERTAÇÃO

3.1 PAULO FREIRE: POR UMA PEDAGOGIA TRANSFORMADORA

A prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social. A educação consegue dar às pessoas maior clareza para 'lerem o mundo', e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política. É essa clareza que lançará um desafio ao fatalismo neoliberal. (FREIRE, 2001, p. 36).

Referência mundial na pedagogia a partir de seu método de alfabetização de adultos criado nos anos 60, Paulo Freire (1921 – 1997) continua sendo até nossos dias um marco da educação emancipadora. Coerente, simples, humanista, esperançoso, ético, trabalhou no sentido de disseminar uma educação que conduzisse a autonomia, a democracia, a liberdade e a responsabilidade social. Formulou, com grande sabedoria, uma pedagogia voltada para os silenciados, para os oprimidos e para aqueles que se unem a esses para lutar por melhores condições de vida.

Paulo Freire não podia se conformar com uma visão fatalista do mundo, com um neoliberalismo que vê as desigualdades como fato natural, e contra a qual nada pode ser feito. Lutou por um mundo mais humano e contra todo tipo de injustiças. Acreditava na possibilidade de transformações, numa pedagogia que tornasse as pessoas competentes para enfrentar seus problemas cotidianos, que lhes dessem autonomia isto é, capacidade de decidir, de tomar o próprio destino em suas mãos, a possibilidade de criar um futuro. Em razão de seu trabalho na área educacional recebeu em vida trinta e nove títulos de *Doutor Honoris Causa* por instituições do Brasil, das Américas e da Europa, cinco títulos *Doutor Honoris Causa, in memoriam* e inúmeros prêmios entre eles: UNESCO, Irã; Prêmio da Educação para a Paz, França; Prêmio Internacional Rei Balduino para o Desenvolvimento, Bélgica; Prêmio Interamericano de Educação André Bello,

do Conselho Interamericano para a Educação, Ciência e a Cultura da Organização dos Estados Americanos (OEA), entregue em Washington D.C., EUA e o 40º Prêmio Moinho Santista, da Fundação Moinho Santista do Brasil (VIVER: MENTE & CÉREBRO, 2005).

Se por um lado acreditava na importância dos oprimidos adquirirem conhecimento para que pudessem intervir no mundo de maneira eficiente, produzindo transformações, por outro lado sabia que a detenção do conhecimento por si só não é libertadora. Por esta razão defendia uma escola que colocasse o conhecimento de forma crítica, provocando reflexões de cunho político. Defendia, portanto um projeto político-pedagógico que conduzisse a libertação social, econômica, política e cultural, a fim de que homens e mulheres pudessem contribuir com suas presenças cidadãs na sociedade brasileira.

Outro importante aspecto do Método Paulo Freire é a defesa de uma educação dialógica, sem a perda do rigor, do intuitivo, da criatividade e do elemento afetivo. Partindo de temas diretamente relacionados com as experiências vivenciadas pelos grupos com os quais estava trabalhando e com as necessidades humanas, educador e educando, através do diálogo franco e aberto, analisam criticamente os problemas de seu mundo. Surge com ele uma nova relação professor x aluno, onde o professor não está acima do aluno, mas lado a lado com ele, e o saber de ambos interage durante todo o processo educativo. Nesse contexto o professor é um companheiro, um orientador que também busca e aprende ao ensinar.

Com um pensamento humanista e dialético, Paulo Freire via na reflexão crítica, a respeito das condições sociais de opressão vivida por determinado grupo, a possibilidade de conscientização do papel de homens e mulheres como sujeitos históricos do processo social e, a partir desta reflexão e de uma ação organizada, a possibilidade de enfrentamento das “situações-limite” que se apresentassem na vida, viabilizando a transformação desta realidade social. Nesse contexto a educação é o veículo desta conscientização que, pela ação consciente de sujeitos

históricos organizados, conduz a uma possível transformação social. Ao passar, dialeticamente, da condição de “consciência ingênua” para a “consciência crítica” o indivíduo instrumentaliza o fazer histórico. A história não é mais vista de forma determinista, e sim como possibilidade.

3. 2 O MÉTODO PAULO FREIRE.

A primeira fase do método de alfabetização de adultos de Paulo Freire é o levantamento do universo vocabular do grupo que será trabalhado. Esse levantamento é realizado através de encontros informais com o grupo onde educador e educando, numa relação dialógica, travam os primeiros contatos. São assim conhecidos o vocabulário, as expressões típicas e o falar próprio daquele grupo.

Na segunda fase é feita a escolha das “palavras geradoras” que serão utilizadas durante o processo de alfabetização. Estas palavras são escolhidas a partir do universo vocabular do próprio grupo, levando-se em consideração a riqueza, as dificuldades fonéticas e a maior possibilidade de utilização desta palavra como suporte para as discussões. Desta forma a alfabetização torna-se um processo muito mais próximo da realidade do educando, gerando um maior interesse e conseqüentemente uma aprendizagem mais efetiva.

A terceira fase consiste na criação, a partir da “palavra-geradora”, de “situações-problema”, que serão decodificadas pelo grupo, com a colaboração do educador. Reflexões a respeito do porquê, do como, do para quê, para quem, contra o que, contra quem, a favor de quem, a favor do que, devem fazer parte desse debate, que busca conhecer a razão de ser de cada coisa, sua finalidade e utilização pelos diferentes setores da sociedade. Esses questionamentos são a base do “ler o mundo”, da conscientização ética e política pregada por Freire. É através do diálogo franco e aberto que estas situações são abordadas, que o grupo tem valorizado sua cultura, é conscientizado, amplia sua linguagem e visão de mundo, ao mesmo tempo em que se alfabetiza.

3. 3 APLICAÇÃO DO MÉTODO E PAULO FREIRE AO CANTO CORAL

É preciso ter a consciência de que o Método Paulo Freire não é apenas um conjunto de técnicas ligadas à aprendizagem da leitura e da escrita. É fundamental que se considere a maneira com que ele concebia a educação, para entender seu método em toda plenitude: uma ação de conscientização, de libertação e de ética humanista. Como nos coloca Moacir Gadotti:

Não podemos ver Freire apenas como um educador de adultos ou como um acadêmico, ou reduzir sua obra a técnica ou metodologia [...] A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou a problematização social dos países pobres. (*in VIVER: MENTE & CÉREBRO*, 2005, p.10)

A teoria do conhecimento de Paulo Freire, assim como o método de treinamento mental proposto por Dumazedier se pauta no resgate da cidadania, numa vida social com dignidade, no direito a voz, enfim na possibilidade das pessoas se constituírem sujeitos participantes do processo histórico, paradigmas esses que rompem com o sistema onde os oprimidos são vistos como objetos a serem explorados e submetidos aos mandos e desmandos dos dominadores. O educador não deve apenas permitir como estimular o diálogo e a participação crítica dos indivíduos, com vistas a construir uma prática educativa que seja realmente transformadora. Com essas novas orientações Freire muda radicalmente o cotidiano do professor, rompe com a escola tradicional, não dialógica, onde o professor “deposita” um conjunto de informações sobre o aluno, trazendo uma nova concepção de escola.

No século XXI, ao lado de uma realidade onde o acesso à informação tem sido ampliado cada vez mais, não havendo muitas vezes tempo para que o indivíduo possa se quer processá-la convenientemente, convivem, em países desenvolvidos ou não, populações inteiras oprimidas pela total falta de formação. Nesse contexto verifica-se que as idéias de Paulo Freire, são válidas até os

dias atuais. Mas do que nunca é necessário que a escola exerça uma função muito mais formativa do que informativa para que se processe uma real transformação. O aspecto formativo deve estar presente nas mais diversas atividades realizadas pelo educando a fim de que essas possam ser utilizadas como campo para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Embora a teoria do conhecimento desenvolvida por Paulo Freire seja mais conhecida em relação à educação popular e à educação de adultos, ela vem influenciando diversas áreas do saber. A educação musical, as artes plásticas, o teatro, a educação artística, a sociologia, a pesquisa participante, as metodologias de ensino, a política de educação de meninos de rua e de crianças que vivem em áreas de risco, são algumas das áreas que vem sofrendo a influência dos ensinamentos de Paulo Freire, na busca pela inclusão social e pela participação de toda a população nos diversos seguimentos, contribuindo desse modo para a democratização de nosso país.

Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. (FREIRE, 2001, p.85)

Minha proposta é aplicar a essência das teorias de Joffre Dumazedier e de Paulo Freire ao canto coral, transformando o ensaio em um espaço de lazer onde diálogo, reflexão e questionamento são uma constante. Como ponto de partida para aos debates serão utilizadas as músicas do próprio repertório coral. As letras das obras trabalhadas servirão como “temas geradores” para discussões sobre as condições de vida, as relações pessoais, a violência e a busca de possibilidades de enfrentamento de “situações-limite” vividas individualmente ou pelo grupo como um todo. Com o objetivo de estimular permanentemente a reflexão será feita regularmente avaliação coletiva de todas as atividades. Os cantores serão estimulados a observar outros grupos e

avaliá-los quanto à maneira de se portar no palco, de se vestir, a qualidade do repertório e de sua realização. Nesses debates todos os participantes do grupo poderão expressar livremente seus sentimentos, suas impressões e dar sugestões para a continuidade dos trabalhos.

A atividade coral trabalha com o desenvolvimento da concentração, exigindo de todos certa dose de disciplina. Ouvir a si próprio e ao grupo como um todo, buscar uma correta reprodução do ritmo e da altura de cada som, responder ao gesto do regente, desenvolver a compreensão musical, a interpretação musical, o domínio da técnica vocal, encontrar a postura adequada para o cantar, descobrir novas maneiras de se posicionar no palco (como entrar e sair do palco, como se posicionar, como se portar durante a música, como se movimentar durante a apresentação), produzir um conjunto sonoro harmonioso de modo que nenhuma voz sobressaia em relação às demais ao mesmo tempo em que cada um dá o melhor de si para que o conjunto encontre seu maior vigor, são aspectos cuidados e desenvolvidos durante a atividade. A conscientização de que cada um desses aspectos não pode ser feita de forma impositiva. Ela tem que ser construída em conjunto, através de dinâmicas, da vivência e principalmente do diálogo. É a partir dele que se fazem as descobertas, traçam-se novas metas e desenvolve-se todo o planejamento do grupo. Nesse contexto o foco da disciplina não é o controle do corpo pelo outro, mas o controle desse corpo pelo próprio indivíduo de forma que esse possa, organizado seu caos interno, romper com o limite a que está preso num determinado momento, e alcançar um novo estágio de amadurecimento, de desenvolvimento. Nesta proposta não interessa ter um sistema disciplinar que funcione como um mecanismo de repressão, de dominação hegemônica e submissão e sim uma disciplina que contribua para o crescimento individual de cada um. Deseja-se que se tenha o controle do corpo para que o próprio indivíduo possa fazer uso desse corpo da maneira que desejar e a partir daí possa romper com seus próprios limites. Não se deseja uma

disciplina que tenha como função principal cercear, coibir, robotizar, mas que possa auxiliar o indivíduo a encontrar seu equilíbrio interno, favorecendo o seu crescimento como cidadão crítico e consciente. Como nos diz Paulo Freire:

A autoridade coerentemente democrática, fundamentando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário aposta nela [...]. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta. (FREIRE, 1998, p.104)

4 A PESQUISA DE CAMPO

Para a realização da pesquisa de campo criei, em março de 2003, o Coral Meninos de Luz, integralmente formado por alunos do Solar Meninos de Luz, residentes na comunidade e que já estivessem cursando da 3ª série em diante. O colégio está situado nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, zona sul do Rio de Janeiro.



Fig 1 – Localização das Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho

4.1 AS COMUNIDADES DO CANTAGALO E PAVÃO-PAVÃOZINHO

As Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho localizam-se na zona sul do Rio de Janeiro, junto aos bairros de Copacabana e Ipanema. A população diferencia bem a existência de três morros: Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, como referência de moradia, mas para efeitos administrativos são considerados apenas dois: Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. O Cantagalo estende-se por detrás das ruas de Ipanema: Antônio Parreiras e Barão da Torre, desde a altura da Rua Piragibe de Aguiar até a Rua Alberto de Campos. O Pavão-Pavãozinho alonga-se por detrás das ruas Saint-Roman, Sá Ferreira, Djalma Ulrich e Av. Nossa Senhora de Copacabana.

A ocupação dessas áreas teve início em 1930. As construções eram precárias, feitas de taboa e cobertas com folhas onduladas de zinco. Somente em 1970 chega a esse local a energia elétrica da LIGTH. Os moradores passam a se sentir mais seguros e empreendem melhorias em suas casas. O Pavão-Pavãozinho foi ocupado, em sua maioria, por imigrantes do nordeste brasileiro. Atraídos pela oferta de empregos nos setores de serviços e comércio, associada às facilidades de transporte e infra-estrutura de serviços públicos como escolas e hospitais que os bairros no entorno oferecem, muitos nordestinos escolheram esse local para habitar. Atualmente novos tipos de moradores incorporam-se à comunidade. São pessoas que pertenciam à classe média e que perderam o poder aquisitivo, mas que desejam continuar vivendo em Copacabana. São os denominados “novos pobres”. O censo realizado pelo IBGE para esta área, em 2000, aponta um total de 2219 domicílios com 8140 habitantes.

Durante o governo Brizola, na década de 80, a comunidade recebeu uma série de melhorias. Foi construído um plano inclinado, apartamentos para as famílias desabrigadas, sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, calçamento de caminhos e a Estrada do Cantagalo. Em 1990 Brizola voltou ao governo e distribuiu títulos de promessa de cessão de direitos para os moradores.

Baseados em diagnóstico da Secretaria Municipal de Habitação, realizado em 2002, com vistas à implementação do programa Favela-Bairro, os investimentos realizados na década de 80 e 90 pelo Governo de Leonel Brizola representaram a consolidação e a garantia de permanência dos moradores que rapidamente substituíram edificações em madeira por alvenaria e concreto armado. A demanda habitacional gerada por imigrantes nordestinos, atraídos pelo mercado de trabalho e pela presença de amigos e parentes, fez com que houvesse uma ampliação no número de quartos para aluguel. Na medida em que esse imigrante se estabelece, melhora sua inserção social, obtém uma laje e constrói sua própria casa. A população imigrante é absorvida principalmente pelo mercado da construção civil, o que proporciona a aquisição do conhecimento de técnicas construtivas, favorecendo a ocupação sobre rocha e a verticalização dos imóveis. Alguns setores chegam a possuir edificações com 3, 4 e 5 pavimentos. Embora ainda haja habitações em estado precário, a maior parte delas é de alvenaria, com bom padrão construtivo, concentrando unidades multifamiliares com quartos-domicílios, próprios e alugados.

De acordo com a Secretaria Municipal de Habitação, a ocupação desta região pode ser resumida em cinco etapas: o pioneiro negro, o nordestino, o proprietário de quartos de aluguel, o dono de bar e o novo pobre.

A escolaridade da população em geral é baixa. Considerando-se a população com idade acima de cinco anos há um total de 1169 analfabetos e outros que deixaram a escola nas primeiras séries. Poucos são aqueles que possuem o 2º grau completo e raros os com 3º grau, como pode ser observado nas tabelas que se seguem. Os empregos refletem a baixa escolaridade. São peões de obra, padeiros, copeiros, garçons em bares modestos, domésticas e babás. Há profissões consideradas de melhor *status*, até mesmo pela maior escolaridade requerida, como: auxiliar de escritório, atendente de dentista, balconista, cabeleireiro. O salário mensal dos moradores desta comunidade está, em média, entre dois e três salários mínimos. Esta renda quase sempre é a

familiar, pois em geral, em cada casa, apenas uma pessoa trabalha. Apenas 25 famílias conseguem renda acima de dez salários mínimos. Existem 599 famílias com renda igual ou inferior a um salário mínimo. Há em geral, o expediente de se complementar a renda familiar com trabalhos alternativos. Tem-se observado um número crescente de desempregados que vivem de biscates, efetuando trabalhos simples, como o de carregador de material de obras, ou pequenos serviços de manutenção, lavagem de roupa ou faxina. Há um grande número de famílias em miséria total devido, em parte, ao aumento do desemprego. O censo realizado pelo IBGE no ano 2000 revelou que há 307 chefes de família sem renda alguma. Surpreendentemente as famílias de traficantes vivem em penúria extrema, pois os menores que estão à frente do tráfico gastam o que ganham com o vício das drogas e do álcool e não contribuem para a melhoria de vida dos familiares, separando-se deles.

Os núcleos familiares vão se modificando não existindo, na maioria das vezes, a presença paterna. Cada vez mais adolescentes têm filhos e continuam a morar na casa da mãe. Frequentemente, numa mesma casa, por motivos econômicos, residem a mãe, a cunhada, a sogra, as tias, os sobrinhos e os netos.

DADOS DO CENSO 2000 – IBGE / INSTITUTO PEREIRA PASSOS

- Tabela 1 - Pessoas residentes por grupo de idade

Favela	Total de pessoas	1 de 0 a 4 anos	2 de 5 a 9 anos	3 de 10 a 14 anos
Morro do Cantagalo	3.884	477	452	397
Pavão-Pavãozinho	4.256	496	421	371
Total	8.140	973	873	768

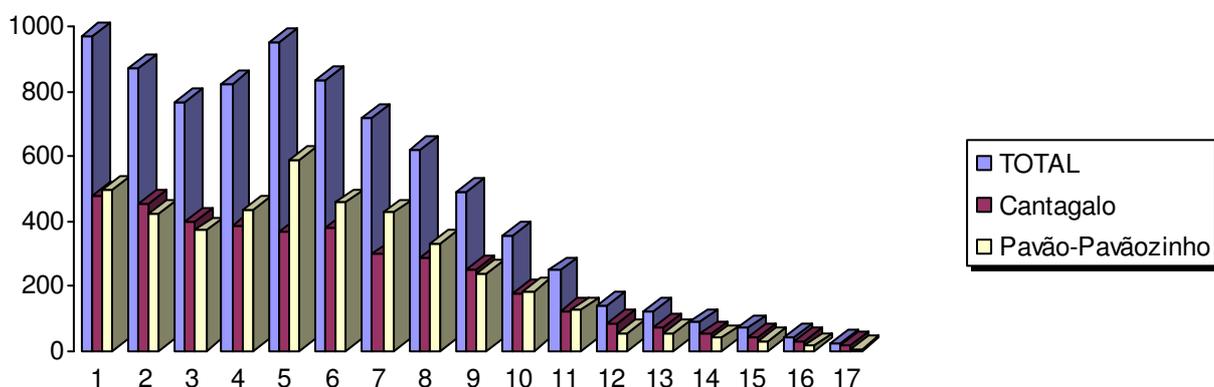
Favela	4 de 15 a 19 anos	5 de 20 a 24 anos	6 de 25 a 29 anos	7 de 30 a 34 anos
Morro do Cantagalo	388	367	380	297
Pavão-Pavãozinho	434	588	456	426
Total	822	955	836	723

Favela	8 de 35 a 39 anos	9 de 40 a 44 anos	10 de 45 a 49 anos	11 de 50 a 54 anos
Morro do Cantagalo	288	250	175	123
Pavão-Pavãozinho	331	239	181	124
Total	619	489	356	247

Favela	12 de 55 a 59 anos	13 de 60 a 64 anos	14 de 65 a 69 anos	15 de 70 a 74 anos
Morro do Cantagalo	83	70	50	40
Pavão-Pavãozinho	55	53	37	29
Total	138	123	87	69

Favela	16 de 75 a 79 anos	17 + de 80 anos
Morro do Cantagalo	29	18
Pavão-Pavãozinho	14	04
Total	43	22

PESSOAS RESIDENTES POR GRUPO DE IDADE



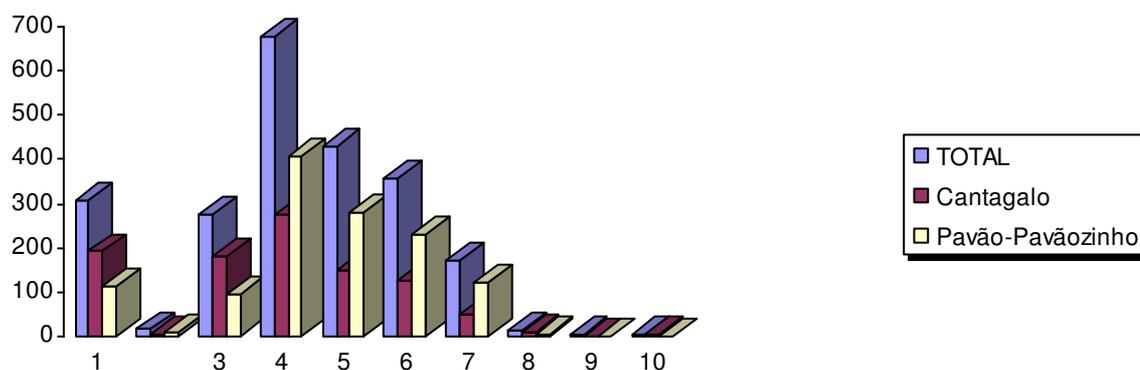
- Tabela 2 - Pessoas Responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por valor do rendimento nominal mensal em salários mínimos:

Favela	Total de responsáveis	1 Sem Renda	2 Renda até ½ Salário Mínimo	3 Renda + de ½ a 1 Salário Mínimo
Morro do Cantagalo	986	192	05	179
Pavão-Pavãozinho	1.273	115	11	97
Total	2.259	307	16	276

Favela	4 Renda de +1 a 2 Salários Mínimos	5 Renda de +2 a 3 Salários Mínimos	6 Renda de +3 a 5 Salários Mínimos	7 Renda de +5 a 10 Salários Mínimo
Morro do Cantagalo	273	148	125	49
Pavão-Pavãozinho	405	281	232	122
Total	678	429	357	171

Favela	8 Renda de +10 a 15 Salários Mínimos	9 Renda de +15 a 20 Salários Mínimos	10 Renda de +20 Salários Mínimos
Morro do Cantagalo	09	02	04
Pavão-Pavãozinho	06	02	02
Total	15	04	06

PESSOAS RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR
VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MENSAL EM SALÁRIOS MÍNIMOS

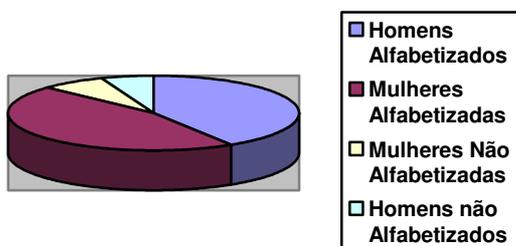


- Tabela 3 - Pessoas residentes, a partir de 05 anos de idade, alfabetizadas e não alfabetizadas, por sexo

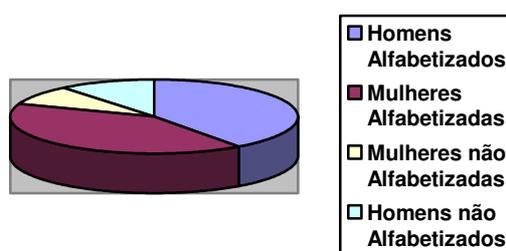
Favela	Total de Homens Alfabetizados	Total de Homens Não Alfabetizados	Total de Mulheres Alfabetizadas	Total de Mulheres Não Alfabetizadas
Morro do Cantagalo	1.404	197	1.561	245
Pavão-Pavãozinho	1.504	404	1.529	323
Total	2.908	601	3.090	568

Favela	Total de Moradores	
	Alfabetizados	Não Alfabetizados
Morro do Cantagalo	2.965	442
Pavão-Pavãozinho	3.033	727
Total	5.998	1.169

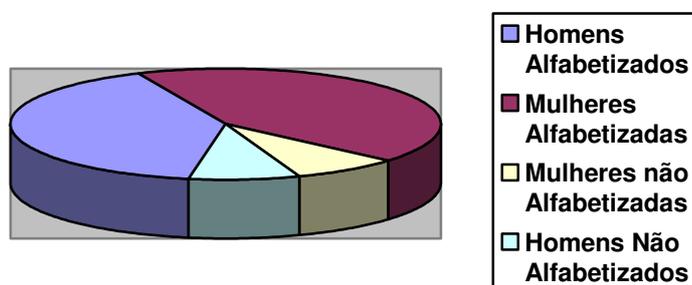
CANTAGALO



PAVÃOZINHO



TOTAL DOS MORADORES

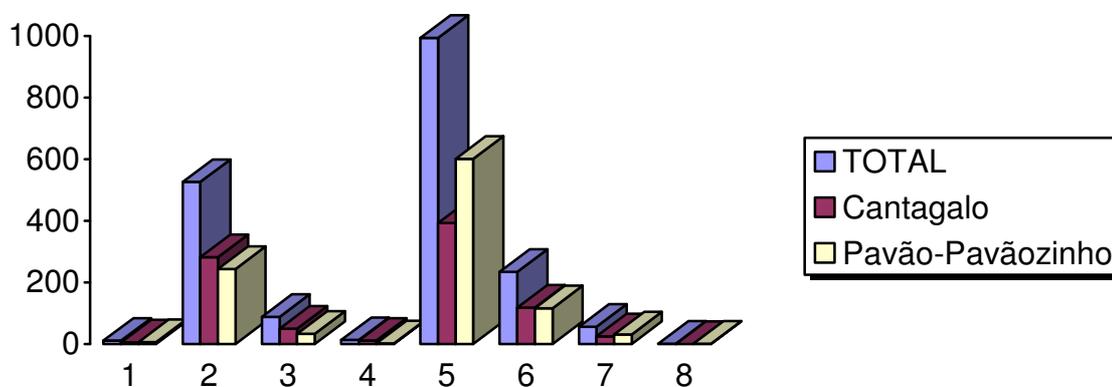


- Tabela 4 - Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por curso mais elevado que frequentaram

Favela	Total Responsáveis	1 Freq. Alfabe.	2 Freq. Primário	3 Freq. Ginásio	4 Freq. Colegial
Morro do Cantagalo	986	05	282	50	11
Pavão-Pavãozinho	1.273	06	244	33	02
Total	2.259	11	526	83	13

Favela	5 Freq. 1º Grau	6 Freq. 2º graus	7 Freq. Superior	8 - Mestrado ou Doutorado
Morro do Cantagalo	393	118	25	00
Pavão-Pavãozinho	601	116	31	01
Total	994	234	56	01

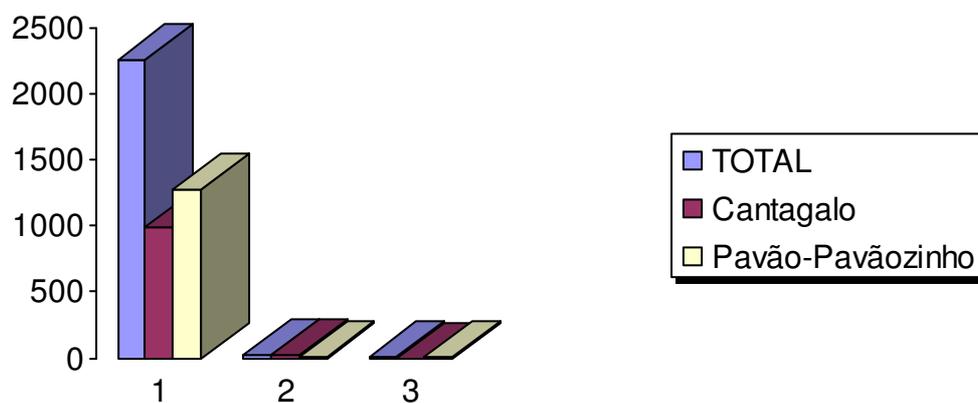
PESSOAS RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES,
POR CURSO MAIS ELEVADO QUE FREQUÊNTARAM



- Tabela 5 - Domicílios por espécie de domicílios

Favela	Total Domicílios	1 Part Permanente	2 Part. improvisados	3 Coletivos
Morro do Cantagalo	1.009	986	23	00
Pavão-Pavãozinho	1.283	1.273	04	06
Total	2.292	2.259	27	06

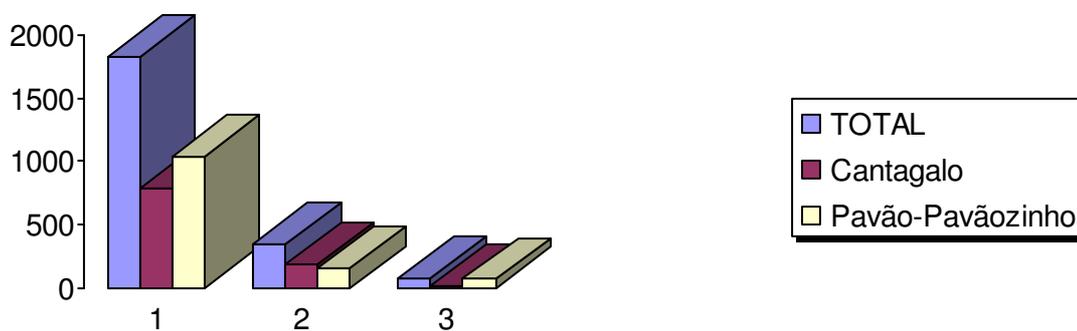
DOMICÍLIOS POR ESPÉCIE DE DOMICÍLIOS



- Tabela 6 - Domicílios particulares permanentes por tipo

Favela	Total Domicílios	1 Casas	2 Apartamentos	3 Cômodos
Morro do Cantagalo	986	789	185	12
Pavão-Pavãozinho	1.273	1.037	165	71
Total	2.259	1.826	350	83

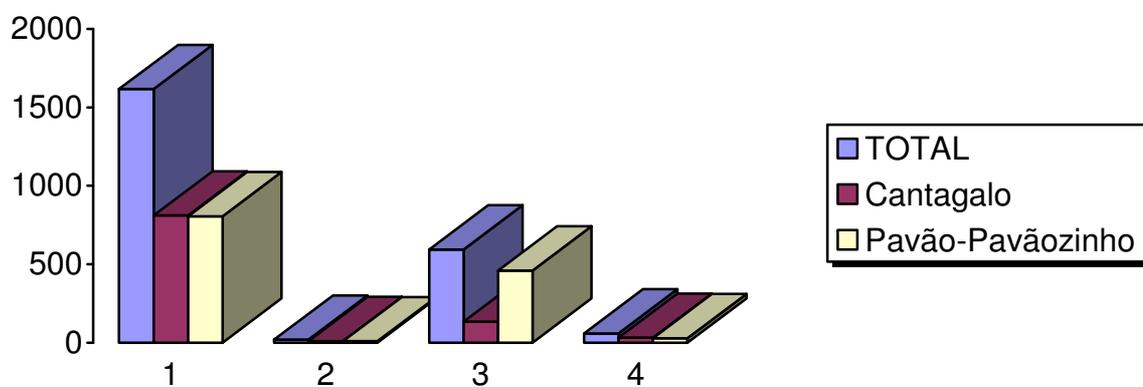
DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES POR TIPO



• Tabela 7 - Domicílios particulares permanentes - condição de ocupação

Favela	1 Quitado	2 Em Aquisição	3 Alugado	4 Outros
Morro do Cantagalo	811	10	134	31
Pavão-Pavãozinho	806	09	460	28
Total	1.617	19	594	59

DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES - CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO



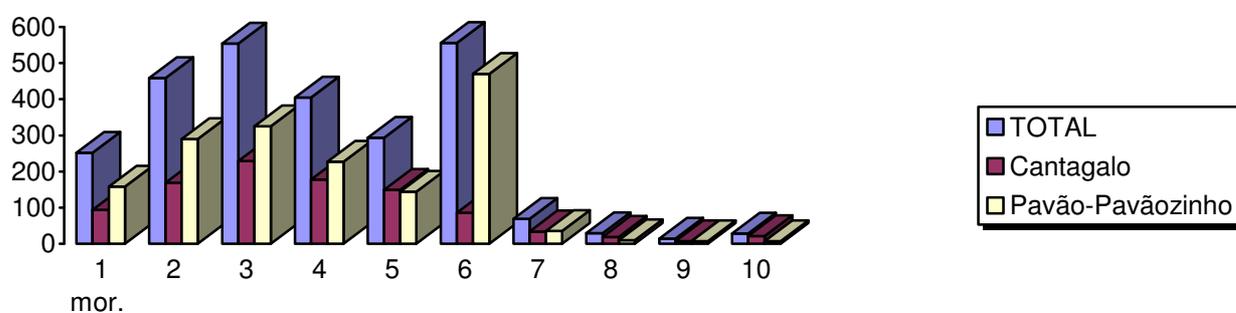
• Tabela 8 - Domicílio particulares permanente por número de moradores

Favela	Total Domicílio	01 Morador	02 Moradores	03 Moradores
Morro do Cantagalo	986	94	169	229
Pavão-Pavãozinho	1.273	158	290	325
Total	2.259	252	459	554

Favela	03 Moradores	05 Moradores	06 Moradores	07 Moradores
Morro do Cantagalo	178	149	86	34
Pavão-Pavãozinho	227	144	470	35
Total	405	293	556	69

Favela	08 Moradores	09 Moradores	+ 10 Moradores
Morro do Cantagalo	19	07	21
Pavão-Pavãozinho	10	07	07
Total	29	14	28

DOMICÍLIOS PARTICULARES POR NÚMERO DE MORADORES



4.2 O SOLAR MENINOS DE LUZ

Na véspera do Natal de 1983 houve uma tragédia no Pavãozinho: uma grande caixa d'água caiu morro abaixo, matando oito pessoas e deixando ao desabrigo várias famílias. A presidente do atual Solar Meninos de Luz, Yolanda de Moraes Rego, foi levar alimentos e apoio afetivo àquelas pessoas. Começava ali uma séria obra social, que culminaria com a fundação do Lar Paulo de Tarso para apoio à sua manutenção, em outubro de 1984. Após um ano e meio de trabalho o Lar comprou um casebre e em três anos e meio construiu um pequeno prédio na Av. Pavãozinho, 51. Durante sete anos ali permaneceu promovendo pequenos cursos profissionalizantes, atividades de recreação, evangelização, atendimento médico e doação de alimentos. Eram assistidas duzentos e cinquenta crianças e adolescentes e suas famílias. Por demanda da comunidade criou-se uma creche, em agosto de 1991, com trinta e cinco crianças. O Projeto Meninos de Luz, de educação integral e qualificação profissional, foi então idealizado. Hoje o Solar Meninos de Luz conta com seis casarões, à Rua Saint Roman.



Figura 2 – Solar Meninos de Luz - Rua Saint Roman nº 146

O Solar Meninos de Luz se pauta em uma educação holística, preventiva, em horário integral, para crianças e jovens em situação de risco social nos morros do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. O projeto se propõe a resgatar as crianças por ele assistida da exclusão e da violência com uma proposta multidisciplinar, que preencha todo o seu tempo, procurando lhe proporcionar amplas oportunidades de desenvolvimento. Os alunos do Solar Meninos de Luz não são simplesmente crianças de uma comunidade carente. Elas são primordialmente filhos de adolescentes, filhos de famílias desestruturadas pelo uso ou tráfico de drogas e alcoolismo e filhos de famílias desestruturadas por problemas de doenças, separações, abandono ou carência material. Atualmente o Solar possui 400 alunos, em horário integral, de três meses de idade até os 18 anos, recebendo instrução formal do berçário ao ensino médio.

4.3 CORAL MENINOS DE LUZ: UMA APLICAÇÃO DA SOCIOLOGIA DO LAZER DE JOFFRE DUMAZEDIER E DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

A proposta de utilizar a atividade coral como agente de transformação sociocultural no Solar Meninos de Luz, nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho teve como referenciais teóricos o pensamento do sociólogo Joffre Dumazedier e do educador Paulo Freire.

Oriundos de famílias sem grandes recursos financeiros e tendo perdido o pai ainda jovens, Joffre Dumazedier e Paulo Freire não podiam se conformar com as diferentes oportunidades dadas às diversas camadas sociais. Acreditavam no poder do diálogo, na liberdade de expressão, na democracia plena, na força e capacidade de cada ser humano. Por esta razão cada um, a seu modo, partindo de realidades distintas, mas sempre da realidade social local, procurou contribuir ativamente para a democratização do saber. Joffre Dumazedier criou e desenvolveu a partir de 1935, na França, o **método de treinamento mental** e Paulo Freire criou no Brasil nos anos 60 o **método de alfabetização de adultos**. Embora o método de treinamento mental tenha sido

idealizado para atender uma realidade cultural e socioeconômica totalmente diversa das condições que levaria Paulo Freire a criar no Brasil o método de alfabetização de adultos, percebe-se uma clara convergência entre o pensamento desses dois grandes humanistas.

A idéia do lazer, vinculado, em particular, a um indivíduo que canta num conjunto coral, como instrumento de ruptura de estereótipos, de conceitos e pré-conceitos, como agente de desenvolvimento cultural e social, fez-se também presente durante os trabalhos por mim desenvolvidos, à frente de diferentes grupos corais amadores. Trabalhando neste ramo há 24 anos, com crianças a partir de sete anos de idade, com jovens, universitários e adultos (até a faixa dos 40 anos), que optaram pela atividade do canto coral em seu momento de lazer, pude observar de perto transformações ocorridas nestes cantores a nível emocional, social e cultural, muitas vezes profundas. Através de depoimentos pessoais e da própria mudança de comportamento, pude constatar que esses, a partir das vivências que a atividade coral proporcionava, incorporavam novos valores ao seu universo cultural e social, tornando-se mais seguros, autoconfiantes, com espírito crítico mais aguçado, capazes de melhor se conhecerem e a partir daí, redirecionavam suas vidas.

Ao criar o Coral Meninos de Luz, com crianças residentes nas comunidades Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, dentro de uma proposta de lazer, se ofereceu a esse público um momento lúdico, de prazer e a possibilidade de vivenciar novas experiências. Um lazer que ao mesmo tempo informa, instrui, incentiva e valorizava a liberdade de expressão, a reflexão, a crítica e o questionamento. A participação numa atividade de lazer recreativa e instrutiva pode ser um elemento facilitador de transformações culturais, um momento de reexame dos comportamentos, valores e crença dessas crianças, criando possibilidades de rupturas, bem como a formulação de

novos conceitos, capaz de contribuir no sentido de abrir possibilidades de enfrentamento dos problemas cotidianos e do desenvolvimento de um novo estilo de vida.



Figura 3 - Coral Meninos de Luz - Concerto na Fábrica da Cera Johnson – Julho de 2005
Direção Musical e Regência: Maria José Chevitaese

Nesta proposta o pesquisador se introduz na comunidade para trabalhar com crianças que ali vivem. Foi dado às crianças o direito de escolher, experimentar e decidir se desejam ou não fazer parte do grupo bem como o de expressar seus sentimentos e desejos. Procurou-se manter um ambiente de cooperação mútua, de entendimento e harmonia entre os cantores e regente a fim de que se trabalhe com alegria e prazer. Por estar inserido em um programa de lazer, o Coral Meninos de Luz se mantém em torno da proposta do grupo, da oportunidade de adquirir novos conhecimentos, conhecer lugares e pessoas, do prazer e da alegria que o canto coletivo

proporciona aos seus cantores e das afinidades cultivadas entre os membros do grupo e o regente. O prazer está intimamente ligado à dinâmica que é travada durante todos os encontros do conjunto. Um ambiente de confiança, de valorização do indivíduo, de estímulo à criação e ao diálogo foi mantido durante ensaios e apresentações. Assim a competência técnica e o rigor caminharam junto com a afetividade.

Como nos chama atenção Dumazedier, numa atividade de lazer o indivíduo é capaz de se submeter a grandes esforços e a uma rígida disciplina em busca de seu prazer e da satisfação de suas necessidades. Disciplina e liberdade podem andar juntas como um meio para se atingir prazer e alegria em atividades de lazer. A busca da satisfação, da realização pessoal, de encontrar novos rumos, uma nova sonoridade e interpretação, construída em conjunto, lado a lado: regente e cantores, que necessariamente precisam estar em comunhão para que esta música que fazem juntos soe verdadeira e consiga atingir o ouvinte.

Através do canto coral as crianças tiveram a oportunidade de experimentar novas sonoridades, com músicas em estilo diverso daquele que é promovido dentro de seu ambiente cultural, de entrar em contato com grupos advindos de outras camadas sociais, de freqüentar e interagir com ambientes diferentes do oferecido no seu cotidiano, possibilitando a vivência de novas experiências a esses indivíduos, cumprindo a função de desenvolvimento de que nos fala Joffre Dumazedier. Esta proposta não teve o intuito de destruir a cultura musical local, mas sim de agregar valores, trazendo novos significados para aquelas crianças que, limitadas ao espaço da favela, estavam mais familiarizadas com manifestações musicais tais como funk, hip hop, rap, e pagode. Nesta perspectiva a música foi utilizada como instrumento capaz de levar o indivíduo a conhecer outras culturas, novos estilos musicais. Através do fazer musical ele entrou em contato não apenas com o universo sonoro que já conhecia, como também com novas sonoridades, próprias de outros grupos culturais. No exercício da interpretação musical pode descobrir e

trabalhar sentimentos e emoções. No intercâmbio feito durante as apresentações, o grupo exercitou a escuta, interagiu com outros grupos sociais, conhecendo novos ambientes e trocando com esses, experiências que podem se incorporar ao seu subjetivo. No ritual do palco foi possível vivenciar a emoção de mostrar e compartilhar com o público uma experiência para a qual dedicou, com a máxima seriedade, horas de sua vida e ainda, materializado através dos aplausos e da emoção do público, teve reconhecido sua manifestação artística.

Estas experiências vivenciadas certamente não ficaram restritas apenas a esses pequenos cantores. De acordo com Dumazedier (2001), ao participar ativamente de uma atividade de lazer o indivíduo não guarda apenas para si mesmo suas aquisições culturais. Ele as leva para todas as pessoas de seu círculo de amizade, família, colegas de trabalho, impregnando os ambientes por onde circulam e influenciando, pouco a pouco, todo seu entorno.

As idéias de Dumazedier vão de encontro com àquelas preconizadas na teoria do conhecimento desenvolvida por Paulo Freire e que também são utilizadas nesta pesquisa como referencial teórico. Não no que se refere à questão da alfabetização propriamente dita uma vez que o trabalho desenvolvido no Coral Meninos de Luz é feito com jovens entre 8 e 16 anos, todos já alfabetizados. É justamente a essência do pensamento freiriano que é aqui aplicada. O diálogo, a valorização do indivíduo, a conscientização de que somos seres históricos em permanente construção, a liberdade, a autonomia, o compromisso social, o desenvolvimento do pensamento crítico com vistas a uma possível transformação sócio-cultural, são a base desse trabalho. O canto coral como prática educativa, como espaço de produção de conhecimento e de fortalecimento da identidade crítico-reflexiva do cantor e do regente/educador. Uma prática que possibilite a ampliação dos horizontes destas crianças e que, ao mesmo tempo, colabore para o entendimento de que, através de uma ação organizada, mudar é possível.

Quando se fala em alfabetização se pressupõe que o educando, ao chegar à escola, possua um conhecimento prévio de sua língua, uma vez que já é capaz de se comunicar por meio do discurso verbal, dentro de seu grupo. A alfabetização conscientizadora, emancipadora e libertadora é feita a partir desse universo lingüístico já dominado pelo educando. Em relação ao canto o que podemos perceber é que o hábito de cantar não tem sido trabalhado dentro das famílias brasileiras em geral. A música escutada por essas crianças é predominantemente as dos bailes Funk, que acontecem dentro do morro onde habitam e as que são veiculadas pela televisão, nos canais e programas voltados para esse público específico. A música praticada em comunidades de baixa-renda é, na sua maior parte, o funk, hip-hop e o rap, um estilo de música muito próximo à fala. Estas músicas são cantadas e ouvidas em alto volume o que, aliado ao hábito de falar bastante alto, faz com que um grande número de crianças chegue à escola com problemas nas pregas vocais. Desta forma grande parte das crianças, ao ingressarem no coral, encontra-se com a saúde vocal prejudicada, falando com a voz excessivamente rouca, além de possuírem uma extensão vocal pouquíssimo desenvolvida, principalmente no que diz respeito à região mais aguda da voz. Esses hábitos fazem parte da realidade social na qual estão inseridos. Como nos diz Marcel Mauss, “os hábitos variam não apenas com os indivíduos, eles variam sobretudo com as sociedades, a educação, as conveniências e a moda, o prestígio.” (MAUSS, 1996, p. 369)

Por estas razões a primeira etapa realizada constituiu-se num trabalho de técnica vocal associado à fonoaudiologia e a conscientização da importância da mudança de hábitos como o de falar extremamente alto, para que o aparato vocal pudesse, aos poucos, voltar a funcionar adequadamente. Dentro da visão Freiriana e de Dumazedier o educando é sujeito de sua própria aprendizagem. Era preciso fazer com que eles se conscientizassem de seus hábitos, refletissem sobre o porquê desses comportamentos, de como esses hábitos estavam refletindo na sua saúde

vocal para que, a partir daí, decidissem que caminhos desejavam tomar. Esse trabalho foi realizado através do diálogo. Como a cada ano novas crianças são incorporadas ao grupo, esse assunto é frequentemente tratado. Durante os debates buscou-se a participação ativa das crianças, dando a essas plena liberdade de expressão. É bem verdade que as primeiras tentativas de debates abertos não foram fáceis, pois os educandos não tinham ainda desenvolvido esta prática. Aos poucos esta forma de interação se tornou rotina no grupo, o que facilitou o andamento dos trabalhos.

Mas havia uma outra questão a resolver. As crianças precisavam aprender a cantar linhas melódicas com extensão mais ampla, para que pudessem ampliar seu universo musical. Quando era pedido para que cantassem alguma coisa, na maior parte das vezes, as crianças se restringiam a reproduzir o texto e não a linha melódica da canção. Assim, em 2003 e 2004 o trabalho musical teve como foco o desenvolvimento da extensão vocal, da afinação e do ouvido harmônico das crianças ao mesmo tempo em que se estimulava o diálogo e o desenvolvimento do pensamento crítico. A partir de 2005 o coro foi dividido em dois grupos. O primeiro com as crianças que estavam iniciando no trabalho coral e o outro com as que já haviam ampliando sua extensão vocal e já reproduziam uma linha melódica com relativa facilidade.

A vivência destas crianças se restringia ao morro, à família, à escola de horário integral e, em alguns casos, à igreja. Ao chegar ao coral o educando já traz consigo um conjunto de informações, crenças e valores. As teorias defendidas por Joffre Dumazedier e Paulo Freire levam esse fato em consideração, porém acreditam que não há conhecimento pronto e acabado. O conhecimento é elaborado pelo sujeito partindo de um saber anterior, mas está sempre em construção. Através da reflexão crítica e da conscientização ele incorpora novos conhecimentos ao seu saber, refaz sua leitura de mundo, e reestrutura seu pensamento. Era preciso ampliar as vivências dos jovens que participavam do coral, pô-los em contatos com outros grupos sociais,

outras situações e possibilidades, para enriquecer nossos debates. Esse trabalho foi realizado através do repertório adotado e das apresentações fora da comunidade durante anos de 2003, 2004, 2005 e 2006.

Dumazedier e Freire trabalharam em favor dos desfavorecidos. Lutaram contra o conformismo e o determinismo econômico e sócio-cultural. Partindo de situações do cotidiano propunham reflexões profundas das situações enfrentadas para em seguida pensar coletivamente soluções e formas de implantação destas. Para eles a história é uma possibilidade construída por cada ser humano no decorrer de suas vidas.

Tanto Dumazedier como Freire propunham que fossem feitas reflexões, a partir de situações concretas, de vivências cotidianas, para um questionamento mais amplo. Com habilidade o “educador”, que deve funcionar muito mais como um orientador do processo, um incentivador e instigador, deve juntar as idéias e propostas trazidas pelo próprio grupo, dissecando o problema nos mínimos detalhes. Toda reflexão, análise e busca de solução deve ser feita em conjunto, por meio do diálogo. Nesses debates os participantes treinam a expressão oral, ampliando sua linguagem e aprendendo a “ler o mundo”, passando da condição de “consciência ingênua” para “consciência crítica”, adquirindo maior confiança, segurança e capacidade para intervir em seu mundo com ações organizadas eficazmente.

Com objetivo de favorecer o pensamento crítico e a reflexão foram realizados círculos de reflexão, partindo do próprio repertório adotado além de avaliações em grupo focando as relações internas, as experiências vividas durante os ensaios, as apresentações, o andamento geral das atividades, o repertório e as regras a serem estabelecidas dentro do grupo.

4.3.1 ENSAIOS

Os ensaios e apresentações do grupo foram feitos durante o tempo de lazer das crianças. Nesse contexto a valorização da liberdade de escolha começa pela própria entrada no coro que é feita de forma espontânea. Foi incentivado o diálogo e a liberdade de expressão com vistas a produzir cidadãos críticos, conscientes que buscassem uma melhoria de qualidade de vida.



Figura 4 - Pré-Coro Meninos de Luz - Concerto na Fábrica da Cera Johnson
Direção Musical: Maria José Chevitarese
Regente: Ana Carolina Godinho

O coral foi implantado no horário da tarde, como atividade de lazer para as crianças a partir da terceira série que desejassem participar da atividade durante seu tempo livre. De 2003 até o ano de 2004 foram realizados dois ensaios semanais, com uma hora e trinta minutos de duração.

Até o ano de 2004 tínhamos em média quarenta crianças participando do projeto. Em 2005 o número de crianças interessadas em participar da atividade coral se elevou para 62 crianças. Em 2006 o projeto atingiu 91 crianças, o que representa cerca de cinquenta por cento das crianças pertencentes ao Solar Meninos de Luz em idade de participar do canto coral. As atividades musicais foram concentradas em um único dia. O projeto recebeu aproximadamente 50 novos integrantes que ainda não possuíam nenhuma experiência em relação ao canto. A fim de que o grupo não ficasse extremamente heterogêneo, causando desinteresse nos cantores que já praticavam o canto coral há dois ou três anos foi criado um pré-coro com os novos cantores. No pré-coro, foram trabalhadas noções básicas sobre o uso da voz para o canto, afinação, letra e melodia dentro de um repertório bastante simples. O diálogo e o pensamento crítico também foram igualmente estimulados através de debates e avaliações coletivas.

Além do aumento do número de crianças interessadas, houve outro aspecto interessante a ressaltar. No decorrer do primeiro semestre de 2005 as crianças mostraram-se interessadas em praticar algum instrumento e aprender a leitura e escrita da notação musical. Por esta razão, a partir do segundo semestre desse mesmo ano foi iniciado o ensino de teoria musical, instrumentos de percussão, flauta doce e teclado com todos os cantores. Cada criança teve a oportunidade de escolher de quais oficinas gostaria de participar.

4.3.2 REPERTÓRIO ADOTADO

Em relação ao repertório adotou-se a seguinte sistemática. A cada ano foram trabalhados três blocos de música de modo que o universo cultural das crianças fosse sendo continuamente ampliado. O primeiro bloco é composto por música popular brasileira, o segundo por músicas do folclore nacional e estrangeiro e o terceiro por obras corais em outros idiomas. Optou-se por peças

que trouxessem elementos que se relacionassem com a realidade do grupo ou que pudessem auxiliar na compreensão da realidade na qual se encontram inseridos. Em cada ano foram escolhidas algumas músicas para serem tema gerador dos debates e reflexões. Esses debates foram realizados durante a fase de construção da interpretação musical da obra em estudo. Procurou-se abordar temas que atendessem as necessidades e a realidade dessas crianças e adolescentes ainda em formação e ao perfil da comunidade. Levou-se em consideração que o público alvo trabalhado nesta pesquisa é composto por jovens que moram em uma área de risco, onde existe uma forte atuação do tráfico de drogas. As crianças convivem no seu dia a dia com a violência, incentivada e glorificada nas letras do funk, e com o incentivo ao sexo sem responsabilidade. Os “temas geradores” ou “situações problema” focaram as relações sociais, violência x paz, relações interpessoais e possibilidades de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas. Eles foram trabalhados a partir de canções cuidadosamente escolhidas, que abordavam ou faziam menção a essas questões. Procurou-se também trabalhar aspectos como a auto-estima, a solidariedade, cidadania, responsabilidade social, família, e preservação e aumento dos laços de afetividade entre as pessoas.

Repertório trabalhado em 2003:

a) Música Popular Brasileira – MPB

- Acalanto, de Dorival Caymmi com arranjo de Dulce Leal
- Clareana, de Joyce com arranjo de Dulce Leal
- Corcovado, de Tom Jobim
- É Bom Amigos a Gente Ter, de autor desconhecido

b) Folclore Nacional e Estrangeiro

- Cirandas do Recife, com arranjo de Chevitarese
- Escondido (espanhol), folclore argentino
- Shake the Papaya Down (inglês), folclore do Caribe com arranjo de R. Dwyer e J. Walle
- Yonder Come Day (inglês), negro spiritual

c) Composições em Língua Estrangeira

- Dona Nobis Pacem (latim), autor desconhecido
- Oh, Happy Day (inglês), de Edwin Hawkins com adaptação de Chevitarese
- Al Shlosa D'Varim (hebraico), de Allan Naplan e Pirkei Avot
- Unity (inglês), de Glorraine Moone e Freddie Washington com arranjo de Daniel Cason

d) **Tema Gerador: Relações Sociais**

Foi trabalhado a partir dos textos das músicas:

É Bom Amigos a Gente Ter
Autor desconhecido

É bom amigos a gente ter;

É bom amigos a gente fazer;

É bom amigos se ter;

É bom amigos rever;

É bom amigos a gente ter!

Al Shlosha D'Varim

Autor: Allan Naplan e Pirkei Avot

Al shlosha d'varim haolam kayam.

Al haemet, v'al hadin, v'al hashalon.

Tradução: O mundo é sustentado por tres pilares: Verdade, Justiça e Paz.

Repertório trabalhado em 2004:

a) Música Popular Brasileira – MPB

- Anel Mágico, de Marcos Viana
- A Paz, de João Donato e Gilberto Gil
- Aquarela do Brasil, de Ary Barroso com arranjo de Chevitarese
- O Caderno, de Toquinho com arranjo de Célia Cortez e Chevitarese
- Pela Luz dos Olhos Teus, de Vinicius de Moraes

b) Folclore Nacional e Estrangeiro

- Rosa Vermelha, com arranjo de Chevitarese
- Jeanne Mamma, folclore do Caribe
- Tsena (hebraico), folclore israelense
- I Wanna Be Ready (inglês), negro spiritual com arranjo de Rosephanye Powell

c) Composições em Língua Estrangeira

- Dodi-li (hebraico), de Nira Chen e Doreen Rao

d) Músicas de Natal

- O Natal é Tempo de Amar, de Ernie Rettino e Debby Kerner
- O Primeiro Natal, tradicional inglês
- Pastoril Alagoano, tradicional brasileiro com arranjo de Samuel Kerr
- Noite Feliz, de Franz Gruber

e) **Tema Gerador: Paz x Violência**

Foram trabalhadas a partir das músicas:

A Paz

Autor: João Donato e Gilberto Gil

A paz

Invadiu o meu coração

De repente, me encheu de paz

Como se o vento de um tufão

Arrancasse meus pés do chão

Onde eu já não me enterro mais.

A paz

Fez o mar da revolução

Invadiu meu destino a paz
Como aquela grande explosão
Uma bomba sobre o Japão
Fez nascer o Japão na paz.

Eu pensei em mim,
Eu pensei em ti,
Eu chorei por nós.
Que contradição
Só a guerra faz
Nosso amor em paz.

Eu vim
Vim parar na beira do cais
Onde a estrada chegou ao fim
Onde o fim da tarde é lilás
Onde o mar arrebenta em mim
O lamento de tantos "ais".

Anel Mágico
Autor: Marcos Viana

Se corações e as mentes se unirem
Num grande anel, com a força da paz.

A luz do amor que engrandece as estrelas

Irá nos iluminar.

A vida é tão breve, há tanto por fazer.

Porque então matar e morrer?

Crianças da África, crianças da América,

Crianças da Ásia, da Europa e Brasil,

Crianças da Terra herdaram a paz,

Herdaram a paz!

Repertório trabalhado em 2005:

a) Música Popular Brasileira – MPB

- Ai que Sôdade D'oce, de Vidal Faria com arranjo de Eduardo Carvalho
- Duba, de autor desconhecido
- Leãozinho, de Caetano Veloso com arranjo de Patrícia Costa
- Não Quero Dinheiro, de Tim Maia com adaptação de Chevitarese
- Menina, de Paulinho Nogueira com arranjo de Tânia Vaz
- Valsa de uma Cidade, de Antonio Maria e Ismael Neto com arranjo de Eduardo Feijó
- Sorte, de Celso Fonseca com adaptação de Chevitarese
- Qui nem Jiló, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, com arranjo de Eduardo Dias e adaptação de Chevitarese

b) Folclore Nacional e Estrangeiro

- Syahamba (dialeto africano), folclore da África do Sul
- When the Saints Go Marching in (inglês), negro spiritual com arranjo de Chevitarese

c) Composições em Língua Estrangeira

- Panis Angelicus (latim), de César Franck

d) **Tema Gerador: Relações Interpessoais**

Foram trabalhadas a partir das músicas:

Não Quero Dinheiro

Autor: Tim Maia

Vou pedir pra você voltar

Vou pedir pra você ficar

Eu te amo,

Eu te quero bem.

Vou pedir pra você me amar

Vou pedir pra você gostar

Eu te amo,

Eu te adoro, meu amor!

Refrão:

A semana inteira fiquei esperando

Pra te ver sorrindo

Pra te ver cantando

Quando a gente ama não pensa em dinheiro

Só se quer amar.

De jeito maneira,

Não quero dinheiro

Quero amor sincero,

Isso que eu espero.

Digo ao mundo inteiro

Não quero dinheiro

Eu só quero amar!

Espero para ver se você vem

Não te troco nessa vida por ninguém

Eu te amo, eu te quero bem.

Acontece que na vida a gente tem

Que ser feliz por ser amado por alguém

Eu te amo,

Eu te adoro, meu amor!

Sorte

Autor: Celso Fonseca

Tudo de bom que você me fizer
Faz minha rima ficar mais rara.
O que você faz me ajuda a cantar
Põe um sorriso na minha cara.
Meu amor, você me dá sorte.
Meu amor, você me dá sorte na vida.

Quando te vejo não saio do tom,
Mas meu desejo já se repara.
Me dá um beijo com tudo de bom,
E acende a noite na Guanabara.
Meu amor, você me dá sorte
Meu amor, você me dá sorte de cara.

Ai que Sôdade D'oce

Autor: Vidal Faria

Não se admire se um dia
Um beija flor invadir
A porta da sua casa,
Ihe der um beijo e partir.

Fui eu que mandei o beijo
que é pra matar meu desejo
Faz tempo que não te vejo,
Ai que sôdade d'oce!

Se um dia ocê lembrá
Escreva uma carta pra mim
Bote logo no correio
Com frases dizendo assim:

Faz tempo que eu não te vejo
Quero matar meu desejo
Te mando um monte de beijos
Ai que saudade d'ocê!

E se quiser recordar
Aquele nosso namoro
Quando eu ia viajar
Você caia no choro

E eu chorando pela estrada
Mas o que eu posso fazer
Trabalhar é minha sina,
Eu gosto mesmo é d'ocê!

Repertório trabalhado em 2006:

a) Música Popular Brasileira – MPB

- Aquele Abraço, de Gilberto Gil
- Minha Jangada, de Dorival Caymmi com arranjo de Chevitarese
- Samba Rasgado, de Portela Uno e J. Pereira com Arranjo de Claudia Feitosa
- Sem Compromisso, com arranjo de Chevitarese
- Semente do Amanhã, de Gonzaguinha com arranjo de Jardel Maia
- Tambatajá, de Valdemar Henrique com arranjo de Carmem Sylvia Vasconcelos
- Vida de Viajante, de Luiz Gonzaga e Hêrve Cordovil

b) Folclore Nacional e Estrangeiro

- Alecrim, com arranjo de Carlos Barcelos, Lívia Dias e Noeli Mello
- Go Tell it on the Mountain, negro spiritual

c) Composições em Língua Estrangeira

- Cantate Domino, de Händel
- Gloria, de Carole Stephens

d) Músicas de Natal

- Nascido em Belém, adaptação de Chevitarese
- Boas Festas, de Assis Valente com arranjo de Chevitarese

e) **Tema Gerador: A possibilidade de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas.**

Foram trabalhadas a partir das músicas:

Semente do Amanhã

Autor: Gonzaguinha

Ontem um menino que brinca me falou que

Hoje é semente do amanhã.

Para não ter medo que este tempo vai passar.

Não se desespere não, nem pare de sonhar.

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs,

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo, nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será.

Aquele Abraço

Gilberto Gil , 1969

O Rio de Janeiro continua lindo

O Rio de Janeiro continua sendo

O Rio de Janeiro, fevereiro e março

Alô, alô, Realengo - aquele abraço!

Alô, torcida do Flamengo - aquele abraço!

Chacrinha continua balançando a pança
E buzinando a moça e comandando a massa
E continua dando as ordens no terreiro
Alô, alô, seu Chacrinha - velho guerreiro
Alô, alô, Terezinha - Rio de Janeiro
Alô, alô, seu Chacrinha - velho palhaço
Alô, alô, Terezinha - aquele abraço!
Alô, moça da favela - aquele abraço!
Todo mundo da Portela - aquele abraço!
Todo mês de fevereiro - aquele passo!
Alô, Banda de Ipanema - aquele abraço!
Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço
A Bahia já me deu régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu - aquele abraço!
Pra você que meu esqueceu - aquele abraço!
Alô, Rio de Janeiro - aquele abraço!
Todo o povo brasileiro - aquele abraço!

4.3.3 DINÂMICA DE ENSAIO E DE DEBATES A PARTIR DO TEMA GERADOR:

Os ensaios seguiram o seguinte esquema:

- Relaxamento
- Aquecimento vocal e exercícios para afinação e ampliação da extensão

- Aprendizagem do repertório coral. Debatendo as situações problema através do tema gerador

1) Apresentação da letra e linhas melódicas das diversas vozes que compõe a obra a ser estudada.

2) Montagem da peça: melodia e harmonia. Foram trabalhados: afinação e precisão rítmica.

3) Interpretação da obra. É nesta etapa que aconteceram as discussões em torno do tema gerador ou situação problema, trazido através letra da canção. A sala de ensaios passou a ser o lugar de debate, questionamentos, reflexão e conscientização. O tema abordado por cada canção foi o eixo em torno do qual é feita toda discussão. A compreensão desse texto foi trabalhada em seus mínimos detalhes. Foi feito um paralelo entre os conceitos trazidos pela letra da música e a vida de cada um e da comunidade em geral. Perguntas sobre o porquê, o como, o para quê e o para quem, foram trazidas para a discussão. Esse exercício de reflexão foi realizado em conjunto cantores e regente. Nele o regente/educador funcionou como um colaborador, um mediador desta discussão. O seu papel nesse processo foi fundamentalmente o de fazer aguçar a curiosidade desses pequenos cantores a fim de que os questionamentos e a reflexão fossem ampliados ao máximo. Coube ainda a ele criar situações que permitissem que as crianças se conscientizassem em relação a seus direitos e deveres e de como podem se tornar sujeitos do seu processo histórico, pessoas que podem criar e transformar a si próprio e ao mundo em seu entorno. Desta forma as músicas escolhidas exerceram função semelhante as das “situações problema” do método de treinamento mental de Dumazedier ou das “fichas de cultura”, do método Paulo Freire, utilizadas como ponto de partida para as reflexões.

Em 2006 optou-se por realizar dois círculos de reflexão com um grupo reduzido de crianças. O grupo foi formado por seis cantores que já estavam no coral desde 2003 e que haviam participado das entrevistas feitas em 2004.

4.3.4 CONCERTOS

Em relação às apresentações procurou-se diversificar os espaços, o tipo de concerto e os grupos participantes a fim de que as crianças tivessem ampliando ao máximo suas vivências, com oportunidade de conhecer novos lugares e entrar em contato com grupos de diferentes níveis sociais. No anexo 2 encontra-se a lista de locais onde foram realizados os concertos de 2003 a 2006.

Visando uma maior conscientização das experiências vivenciadas, após cada apresentação foram realizadas avaliações coletivas da atividade. Nela o cantor foi estimulado a refletir sobre os pontos positivos e negativos do evento e a construir soluções para os problemas encontrados. Buscou-se encontrar novas propostas para aquilo que devia ser modificado seja em relação aos ensaios, à relação regente x cantor, ao repertório coral, à postura de palco do conjunto, à forma de vestir, aos hábitos higiênicos, ao novo lugar conhecido, às pessoas com as quais interagiram, à condução, à alimentação ou qualquer outro assunto que viesse a tona durante os debates. Procurou-se criar um ambiente onde questionar fosse uma rotina, onde o educando compreendesse que “ser” significa transformar e retransformar o mundo e não se adaptar a ele. Por esta razão o questionar fosse sempre atrelado a discussões sobre que soluções podem ser propostas para superar determinada “situação limite”, o que é possível fazer, como posso intervir nesse problema, que parcela de contribuição posso dar para modificar esta situação transformando o mundo num mundo melhor.

5 ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO

Segundo Dumazedier a ruptura com o determinismo pode se dar através do lazer e da auto-formação. Ele acreditava que através de um lazer ao mesmo tempo prazeroso e instrutivo, associado ao método de treinamento mental, o indivíduo se apropriaria de um novo conhecimento e de um tipo de raciocínio que lhe permitiria interferir em seu mundo de forma eficiente e criativa. Ao buscar um tipo de lazer e/ou auto-formação o indivíduo se aprofundaria em assuntos com os quais tem maior afinidade, construindo seu próprio perfil cultural, sua história, que não seria necessariamente a reprodução da história de seus antepassados.

Na mesma direção caminham os círculos de cultura propostos por Freire que privilegiavam o diálogo, o desenvolvimento do pensamento crítico, o questionamento de cada situação, com o objetivo de criar uma consciência política, romper com os pré-conceitos e pensamentos estereotipados. A meta é instrumentalizar o sujeito para que esse esteja apto a construir um novo caminho onde soluções mais racionais e criativas tomem lugar de antigos comportamentos e que o indivíduo seja capaz de intervir em seu mundo de maneira mais consciente.

Com o objetivo de se acompanhar e verificar o uso que as crianças que participaram do Coral Meninos de Luz entre 2003 e 2006 estavam fazendo das experiências vivenciadas foi feito, desde o início da pesquisa, um rigoroso acompanhamento destas. Buscou-se conhecer como estava se processando seu desenvolvimento sociocultural, que mudanças foram ocorrendo no decorrer do processo e que novos valores estavam sendo incorporados.

Foi feito o acompanhamento dos cantores que passaram pelo coral bem como de todos aqueles que permanecem no grupo. (anexo 1)

Para conhecer a influência da atividade coral na formação de jovens, foram realizadas em novembro e dezembro de 2004 entrevistas com oito crianças que já estavam no coral há dois anos

(anexo 3 e 4). Através da análise do conteúdo destas buscou-se saber se houve aquisição de novos conhecimentos, crescimento individual e/ou novos significados se incorporaram ao mundo de cada um desses pequenos cantores.

Durante os anos de 2003, 2004, 2005 e 2006 foram trabalhados os temas abaixo.

- Relações Sociais
- Paz x Violência
- Relações Interpessoais
- A possibilidade de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas

Foi utilizado o próprio repertório coral adotado como elemento motivador para os debates coletivos. O último tópico foi tema de dois círculos de reflexão, realizados em agosto e setembro de 2006, com apenas seis cantores, e encontram-se transcritos no anexo 5.

5.1 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS EM 2004

As práticas culturais são constituidoras de identidades e subjetividades. Sobre elas incidem formações discursivas que se modificam a todo o momento, promovendo novas visões de mundo e novas maneiras de vivermos nesse mundo. À medida que acontecem essas mudanças, surgem modificações na linguagem, nas práticas sociais e nos discursos.

De acordo com Beck a subjetividade está presente em todos os conjuntos sociais, pois segundo esse autor, ela é de natureza essencialmente social, sendo absorvida e vivida pelos indivíduos em suas vidas particulares (BECK, 1997).

No que diz respeito à identidade Michael Pollak afirma que o sentimento de identidade, no seu sentido mais superficial

é o sentido da imagem de si para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Se a construção da identidade é feita tendo o outro como referência e a partir de critérios de aceitabilidade, de credibilidade em relação ao outro então ela é fundamentalmente social e cultural, não podendo ser isenta a mudanças e transformações e, conseqüentemente, não pode ser compreendida como essência de uma pessoa ou de um grupo.

Para Vygotsky os homens são princípios ativos e vigorosos de sua própria existência e os mecanismos de mudança individual tem sua raiz na sociedade e na cultura. Baseado no princípio de que, ao longo do desenvolvimento, surgem sistemas psicológicos que unem funções separadas em novas combinações e que os componentes psicológicos superiores emergem no processo de desenvolvimento cultural e dependem das experiências sociais vividas, ele procura mostrar que, a cada estágio de seu crescimento, a criança adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma (VYGOTSKY, 2000). A atividade coral, dentro desse quadro, funciona como um conjunto de estímulos auxiliares ou “artificiais” através dos quais uma situação inédita e as reações ligadas a ela seriam alteradas pela intervenção humana ativa de cada cantor.

Joffre Dumazedier acredita que é possível a transformação do indivíduo através de uma atividade de lazer que ao mesmo tempo diverte, entretém, informa e instrui e que estas vivências ajudarão o indivíduo ampliando sua criatividade, facilitando sua relação com os problemas enfrentados na vida cotidiana e favorecendo o desenvolvendo de seu estilo próprio de vida. (DUMAZEDIER, 2001)

O pensamento de Paulo Freire também aponta no sentido do inacabamento do indivíduo, na eficácia de uma educação dialógica que privilegie o pensamento crítico, a ética, a solidariedade, a liberdade e a humanização.

A prática coral é uma atividade artística essencialmente sociocultural. É certo que a participação no Coral Meninos de Luz proporciona novas vivências a estas crianças, estimula a reflexão e a busca de solução para a superação das “situações-limite”. Segundo Nasciutti o social atua de forma determinante sobre o comportamento individual, e se insere no corpo e no psiquismo do indivíduo, na representação que ele faz de si mesmo e dos outros, e nas relações que ele mantém com o outro (NASCIUTTI, 1996). No entanto é preciso que se conheça o “uso” que estas crianças fazem destas vivências, ou seja, como elas as empregam em suas “existências particulares”. Interessa compreender que contribuições estas vivências promovem na construção dessas identidades bem como que outros efeitos elas produzem sobre essas crianças e sobre suas vidas.

Assim, partindo do pressuposto que: o lazer recreativo e instrutivo, podendo ser um momento de reexame das rotinas, dos estereótipos e das idéias já prontas, torna-se um tempo importante para a aprendizagem, aquisição e integração do indivíduo (DUMAZEDIER, 2001); que uma educação para liberdade e autonomia pode ser alcançada na medida em que cada indivíduo se conscientiza de sua posição enquanto sujeito histórico no mundo (FREIRE, 1998), que o social atua de forma determinante sobre o comportamento individual (NASCIUTTI, 1996); que os processos psicológicos superiores surgem e sofrem transformações ao longo do aprendizado e do desenvolvimento, emergindo no processo de desenvolvimento cultural dependendo das experiências sociais e ainda que, a cada estágio de seu desenvolvimento, a criança adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma (VYGOTSKY,

2000); buscar-se-á conhecer em que medida, a atividade coral tem interferido no desenvolvimento sociocultural das crianças assistidas pelo Solar Meninos de Luz e em seu entorno. Para tanto será traçado, através de uma entrevista semi-estruturada, o cotidiano de um grupo de crianças que vem participando desse trabalho.

Ao relatar sua vida cotidiana a criança estará revelando seus hábitos, aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana estão presentes nossos sentimentos e paixões, nossas idéias e valores culturais. Narrando sua história pessoal a criança trará a tona vivências, valores e significados próprios. Ora, se esses valores e significados são construídos socialmente, ao propiciar novas situações de vida, oportunidades e práticas sociais, estas poderão possibilitar uma nova leitura do mundo, se incorporando ao seu cotidiano. Assim novas subjetividades serão produzidas e de alguma forma reveladas através do discurso. Ao ouvir o que as crianças têm a dizer sobre as experiências vividas através do canto coral poder-se-á conhecer e identificar, sob a perspectiva da criança, o significado subjetivo que ela atribui a sua experiência coral e conhecer como a atividade coral se insere nesse cotidiano. Irá se buscar compreender como elas constroem, reconstroem e /ou resistem aos diferentes valores que lhes são apresentados e desvendar as transformações ocorridas durante todo esse processo, descobrindo assim o indivíduo no qual ela está se transformando.

5.1.1 Roteiro da entrevista

A atividade coral procura trabalhar diversos aspectos do indivíduo. Através das experiências do cotidiano o sujeito vai tomando consciência de si mesmo e do mundo. Jussamara Souza nos diz que o cotidiano,

do ponto de vista das ciências sociais é visto como um lugar social de processos, de crenças, de achar sentido comunicativo e interativo, nos quais os participantes da sociedade constroem suas identidades sociais e em cujas molduras se estabelece um entendimento sobre as normas sociais, realizam-se as interações sociais e se reconhecem processos intersubjetivos como sua parte essencial. (SOUZA, 2000, p. 34)

Através da fala sobre o cotidiano destas crianças poderemos saber que significados são construídos a partir das experiências por elas vivenciadas, ou seja, o “uso” que estas crianças fazem das experiências vividas. As suas falas trarão a tona processos de subjetivação e de construção de suas identidades, valores e representações que compõe seu mundo subjetivo.

Embora esse tipo de relato privilegie o sujeito, o ator individual, não se possa deixar de lembrar que a vida cotidiana se realiza dentro de um quadro sociocultural e, portanto estará impregnada pelas relações que ocorrem nesse tempo e espaço.

O roteiro de entrevista foi dividido em cinco tópicos, cada um deles relacionado com um aspecto da vida pessoal da criança a ser entrevistada. (anexo 3)

- a) Dados Pessoais
- b) Vida em Família e Moradia
- c) Escola (Solar Meninos de Luz)
- d) Coral Meninos de Luz

Estas entrevistas foram realizadas ao final do ano de 2004, ou seja, dois anos após o início dos trabalhos de campo. Os três primeiros itens da entrevista tiveram como objetivo deixar registrado não apenas o padrão econômico e sócio-cultural dos entrevistados, mas principalmente, conhecer como essas crianças se percebiam dentro desse contexto e se já notavam alguma modificação em sua vida a partir do trabalho que estava sendo desenvolvido.

Procurou-se conhecer como se organizava a estrutura familiar e que valor era dado a esse núcleo. Buscou-se ainda informações a respeito das condições de moradia de cada família e das

atividades desenvolvidas no período em que essas crianças estavam em suas residências, durante todos os dias da semana.

Como essas crianças passam a maior parte do dia dentro da escola, que é de tempo integral, foram feitas perguntas sobre os motivos que levaram as famílias a escolherem essa escola para seus filhos e perguntas que trouxessem à tona a opinião das crianças a respeito da escola.

O último bloco de perguntas tem como foco unicamente as experiências vivenciadas no Coral no Solar Meninos de Luz. As perguntas foram escolhidas de maneira que fosse possível conhecer como as crianças estavam lidando com a atividade em relação aos ensaios, apresentações, colegas, regras disciplinares, repertório adotado, aceitação familiar de sua participação no coral, relacionamento com o regente, além de buscar informações a respeito dos valores que estariam sendo constituídos a partir da atividade proposta.

As crianças escolhidas para serem entrevistadas já participavam da atividade em 2003, quando teve início o desenvolvimento da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em novembro e dezembro de 2004 pelas monitoras Cristina Canosa Gil e Ana Carolina Godinho de Carvalho.

5.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

5.2.1 Vida em família e na escola

a) Dados pessoais dos entrevistados

Entrevistado	Idade na época da entrevista	Série	Idade de entrada no Solar	Religião
Participante A	13 anos	6ª Série	8 anos	Católica
Participante B	13 anos	6ª Série	2 anos	Católica
Participante C	13 anos	6ª Série	3 anos	Católica

Participante D	13 anos	7ª Série	7 anos	Ainda não sabe
Participante E	12 anos	6ª Série	1 ano	Católica
Participante F	13 anos	5ª Série	10 anos	Espírita
Participante G	10 anos	4ª Série	4 meses	Não tem
Participante H	18 anos	8ª Série	14 anos	Católica / Assembléia de Deus
Participante I	14 anos	7ª Série	3 meses	Assembléia de Deus

b) Como o/a entrevistado/a se descreve.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Sensível, estudiosa... / Nervosa com tudo.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável. Gosto de cumprir com as coisas que falo.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Inteligente. Legal.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Muito chorona, muito simpática, amorosa, muito apegada a qualquer pessoa.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Estudiosa, que quer um futuro bom pra mim.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Engraçada. / Estressada.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Hoje sou uma pessoa melhor do que antes. / Sou uma pessoa legal. / Gosto de ser amiga das pessoas.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Sou uma semente nova que tá nascendo agora.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Simpática. / Muito séria.

c) Familiares com os quais o/a entrevistado/a reside.

Entrevistado	Mãe	Pai	Avó	Avô	Irmã / Irmão	Madras-ta	Tios Primos	Cunhada Sobrinho
Participante A	X				1			
Participante B	X				1			
Participante C	X	X			1			
Participante D		X			2	X		
Participante E	X		X	X	1		X	
Participante F	X	X			2			X
Participante G	X				1			
Participante H			X		-			
Participante I	X				1			

d) Pessoa da família da qual o/a entrevistado/a é mais próximo/a.

Entrevistado	Mãe	Avó	Irmão
Participante A	X		
Participante B	X		
Participante C	X		
Participante D		X	
Participante E	X		
Participante F	X		
Participante G	X		X
Participante H		X	
Participante I	X		

e) Frases que mostram a relação do/a entrevistado/a com a família.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Minha mãe é tudo para mim. / Não sou muito chegada a ele não (pai). / Gosto muito dela (irmã).
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • As mais próximas, eu acho muito importante. / Eles me apóiam. (família) / Sou muito apegada com ela... (mãe)
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Muita (importância da família). / Sem elas não é nada...
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Muita... Nossa uma importância enorme... principalmente minha vó, ela é uma segunda mãe pra mim.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Muitas, ela me ensinou a viver a vida.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Tudo.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • É muitas coisas porque sem elas, sem as pessoas da minha família, eu não sei como eu ia viver, sabe. As pessoas da minha família são muito legais comigo e muito carinhosas.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Ela é importante porque se não fosse ela acho que não estaria aqui agora.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Muita porque da onde eu vim, né... / Eu gosto muito deles.

f) O que o/a entrevistado gostaria de ter em sua casa que ainda não tem.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Computador.

Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Um quarto só pra mim.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Um quarto.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Ela tem tudo... O que pode ter na casa da senhora que não pode ter na minha?
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Ar condicionado.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Um quarto só pra mim.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Microondas. • Eu queria que meu pai tivesse junto da minha mãe.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Um teclado. / Coisas que me incentivasse a aprender mais música, mais desenhos. / Livros pra eu aprender.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Um quarto só pra mim.

g) Atividades de lazer que o/a entrevistado/a pratica fora da escola.

Entrevistado	TV	Praia	Dança	Computador	Brincar com colegas	Outros
Participante A	X	X				X
Participante B	X	X				
Participante C	X	X			X	
Participante D	X			X		
Participante E		X				
Participante F	X					
Participante G		X	X		X	X

Participante H	X					X
Participante I						X

h) Atividades de lazer desenvolvidas no Solar Meninos de Luz que mais gosta de fazer.

Entrevistado	Coral	Bijuteria	Dança	Informática	Costura	Capoeira	Teatro
Participante A	X	X	X	X			
Participante B	X						
Participante C	X				X		
Participante D	X						
Participante E						X	
Participante F						X	
Participante G	X						X
Participante H	X						
Participante I	X						

i) Atividade desenvolvida no Solar Meninos de Luz que menos gosta de fazer.

Entrevistado	Evangelização	Bijuteria	Ficar presa na escola	Dança	Percussão
Participante A					
Participante B	X				
Participante C	X	X			
Participante D	X				

Participante E			X		
Participante F				X	
Participante G				X	X
Participante H	X				
Participante I	X				

j) Frases que mostram porque os pais escolheram o Solar Meninos de Luz para seus filhos estudarem.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Porque a professora do outro colégio faltava muito e porque aqui era perto de casa.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Porque ela (mãe) tinha que trabalhar, não tinha com quem deixar a gente. Porque também é um lugar próximo.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Porque minha mãe queria botar aqui porque achava a escola boa. / Acha que eu vou ter um futuro bom.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Porque minha vó via que o desempenho era muito bom. (dos primos que estudavam no solar)
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Porque minha mãe queria que eu ficasse mais tempo aqui pra não ficar igual às outras pessoas.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Minha mãe adora o colégio.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Ela (mãe) precisava me deixar em algum lugar pra ela ir trabalhar... / Achou a escola boa.

Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Minha família acha (a escola) boa./ forte / que no futuro eu vou me dar bem. / Ela (avó) queria que eu ficasse o dia inteiro no colégio.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Elas acreditam que essa escola possa me dar um futuro melhor.

l) Frases que mostram o que os/as entrevistados apontam como sendo pontos positivos do Solar Meninos de Luz

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto das aulas de informática e do coral. / Acho o estudo daqui muito bom. / Aqui também vai dar faculdade de graça para os melhores alunos.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto porque o objetivo deles é fazer com que as crianças não fiquem soltas pelo morro e aprendam bobagens, coisas ruins. / Quando crescer ter uma profissão.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • A educação.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Os professores preocupam contigo. / Ocupa o nosso tempo com coisas boas que nós gostamos.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Porque ele ensina a gente a fazer coisas boas e dão lazer também.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns amigos.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • As explicações das professoras./ O ensino daqui do solar eu acho ótimo.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • As atividades que eu tô aprendendo muito./ O estudo que é muito forte.

Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • O estudo na parte da manhã e algumas atividades.
----------------	--

m) Frases que mostram o que os/as entrevistados apontam como sendo pontos negativos do Solar Meninos de Luz

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Eles estão botando muita regra na escola.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • É que a gente fica muito preso aqui na escola e não tem quase nada pra fazer. É obrigado a ficar aqui (até as dezoito horas).
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Ter que assistir a evangelização.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Porque às vezes eles não entende a gente quando a gente fala pra eles liberar a gente.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Acho que nada.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns professores que são meio chatos.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Antigamente eu achava o tempo (integral). Agora acho o espaço que tá muito pequeno.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • As crianças quando brigam. / O desespero delas na escola / A aula de evangelização.

n) Frases que mostram o que significa para os/as entrevistados o Solar Meninos de Luz

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Eu quero estudar muito aqui pra ter um futuro melhor. Eu quero me

	formar em advogada e o estudo aqui é muito bom.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Uma escola como as outras, querem o bem dos alunos e que eles vão prum caminho bom.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Significa uma esperança de arranjar alguma coisa melhor na vida... / de ser uma pessoa diferente.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Minha segunda casa.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Boa pra aprender e só.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Uma oportunidade que eles deram pra todos nós estudarmos.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Uma coisa muito boa. / Se não fosse o Solar eu não saberia que eu tava fazendo agora, onde eu estaria, não saberia qual era meu comportamento sabe, como eu ia agir.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Significa não uma escola só, mas sim um lugar que ensina a viver, não sobreviver no mundo sabe, mais viver uma vida normal decente. • Ter um futuro melhor. / Esperança de fazer uma faculdade, ter uma profissão.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Significa assim, acho que muita coisa, porque eu queria cursar uma faculdade, sabe e ter um futuro e eu acho que na escola eu vou ter a oportunidade de ter isso aqui.

5. 2.2 Experiências relacionadas com as atividades desenvolvidas no Coral Meninos de Luz

a) Frases que mostram a existência da busca por prazer e aprendizado em todas as etapas da atividade coral.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho legal cantar... Eu gosto. • (Agora) Eu sei mais música. • Vem pro coral porque tem muita apresentação e lá vai ter muita comida. • Também é bom conhecer lugares novos, cantar para as pessoas... • Acho legal. (cantar músicas em outros idiomas) • Acho que o Clube Naval (lugar que mais gostou de cantar). (Por que?) Porque lá é muito grande, bonito. • Eu gosto quando canta, dos aplausos... • Eu gosto. (da apresentação) Porque conhece um lugar novo. • Acho (que aprendi vendo outros corais). Sei lá... A maneira deles cantar, o que eles cantam...
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto de cantar. / Achei que ia ser bom para mim (participar do coral). • Antes eu assim, eu sabia cantar, mas não sabia afinar muito minha voz, agora eu estou melhor, com certeza. Ela melhorou muito, bastante... Não tem nem comparação. • Eu gosto de cantar assim... E eu achei que ia ser bom pra mim. • Eu ia falar pra ela que é muito bom, que a gente faz várias apresentações, que nós vamos a muitos lugares, que aprendemos bastante. • Eu gosto mesmo é quando a gente tá aprendendo as músicas. (Por

	<p>que?) Ah! Porque você começa a aprender a música nova. É legal, é divertido.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pra mim é o ensaio (é a melhor parte do coral). Que se a gente ensaiar e se apresentar aqui mesmo na escola, tá bom. Pelo menos tá aprendendo músicas novas, até mesmo culturas que a música apresenta. • A Zezé escolhe as músicas muito bem para nós cantarmos. Eu acho bom (o repertório adotado). Eu gosto. (cantar músicas em outros idiomas). • Eu gostei quando nós fomos lá no Shopping Botafogo. Porque foi bom, tinha muitas pessoas e o coral cantou muito bem lá. • O que eu mais gosto na apresentação é quando a gente vai numa apresentação e ouve outros corais cantar, a gente aprende músicas novas e novas vozes. • Eu sinto uma emoção muito grande das pessoas gostarem do que nós cantamos, que acharam bom nosso repertório. • Muito (aprendeu vendo outros corais)! Até mesmo as posições, o modo que eles cantam, até algumas músicas que a Zezé nem passou pra gente nós aprendemos assim vendo eles cantando. • A vida fica mais alegre, mais feliz... (cantando no coral)
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • É bom (cantar). • Minha voz mudou no coral. • Eu ia falar que o coral é bom.

	<ul style="list-style-type: none"> • Legal. (cantar músicas em outros idiomas) • (gosto de aprender) Música diferente. (Por que?) Porque a gente tá aprendendo mais uma coisa, né? • É eu gostei... no, naquele negócio é... Clube Naval. Porque é... o espaço é bonito, aí teve mais emoção na música.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Eu gosto de cantar. • Fazer uma coisa que eu gosto, que vai me fazer bem. Que até às vezes, o coral, quando eu me lembro de coisa triste, é bom pra mim esquecer. Eu me animo um pouco com o coral. • Primeiro eu ia saber se ele gostava de cantar. Se é uma coisa que ele gosta de fazer então faça como eu: eu faço coral porque eu gosto, não porque eu fui obrigada. Eu faço porque eu gosto, porque eu quero, faça você o mesmo. Quando a gente quer uma coisa a gente consegue. É só batalhar por ela. • Ótimo... Poderia ser melhor. (o repertório adotado) • Gosto (cantar músicas em outros idiomas). É bom, além de já... tô aprendendo na 7^a série inglês e espanhol, até. Eu não sei, por exemplo, francês eu não sei. Tem música em francês, em hebraico, não sabia. É muito bom. É bom até na hora... Você vê que as crianças ficam felizes cantando. Às vezes a música fica até mais gostosa e as crianças tão aprendendo, fica até com um sorriso mais bonito no rosto. E isso é bom na hora de cantar: ter aquele sorriso no rosto. Mostrar pro público a música que você está cantando. É isso.

	<ul style="list-style-type: none"> • É sempre bom você aprender coisa nova. Quando você tava no CA, não era bom você aprender a ler e a escrever? Então, é sempre bom você aprender coisas novas. • Do Clube Naval (lugar que mais gostou de cantar). Porque é lá que foi minha primeira apresentação agora, e ela vai marcar. • O que eu mais gosto numa apresentação é quando o coral é bastante aplaudido. • Muito bom conhecer outros corais, também, pra saber as músicas que eles cantam também. Corais com flauta, violão. Cê viu lá o do Clube Naval, eles trouxeram outros instrumentos. Não, foi só vozes.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Eu achava minha voz assim, boa pra cantar. • (o coral) Bom assim, bom pra aprender a deixar a voz no lugar, pra ensinar a voz. • Porque as músicas que a gente canta aqui prá eles deve ser um aprendizado. • Eu gosto de (aprender) outras músicas. • Aqui no Colégio Cidade (lugar que mais gostou de cantar). Na formatura, porque todo mundo chorou. • (O que acha de conhecer outros corais) Acho bom. / Porque a gente vê o desempenho deles e quer aprender também as coisas.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Queria provar o que é cantar, aí eu comecei a fazer e gostei. • Vem pro coral porque vai aprender músicas. • (Gosto) de aprender músicas novas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Porque você vai aprender mais coisas. • Gosto. Acho legal (o repertório adotado). • (gosto de aprender músicas) Diferentes. • Clube Naval (lugar que mais gostou de cantar). Porque lá é bonito e eu sempre quis conhecer. • (O que mais gosta em uma apresentação) As pessoas admirando a gente cantar.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Eu queria cantar também. Eu descobri que minha voz também era boa. Aí eu entrei pro coral. • O coral é bem legal, tem pessoas legais, que tem uma voz boa. • É bom aprender música nova. • O conhecer novos lugares é bom sim, mas é as músicas (que eu mais gosto). São legais. Eu não me importo com a apresentação. Olha a gente pode ficar só aqui cantando. O importante é cantar, participar. Mas se a gente for num lugar assim fazer mais apresentações é bom, a gente conhece novos lugares... • As músicas são boas, têm algumas que são legais, mas a música assim que eu menos gosto é que é muito lenta assim... • Ah, é legal pra gente (cantar músicas em outros idiomas) porque a Zezé explica de vez em quando cada letra assim, o que a música significa, e é bom cantar essas músicas pras pessoas verem que a gente não sabe cantar só uma coisa, que a gente aprende várias coisas. • Gosto de aprender músicas diferentes porque se a gente faz uma

	<p>apresentação, daí cantar só a mesma música. De repente vai no mesmo lugar de novo e cantar a mesma música vai ficar enjoado.</p>
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro eu perguntaria se a vida dela estava completa, aí se ela falasse que não, aí eu falava: Falta um pedacinho? Quer entrar no coral pra você saber que pedaço é esse? Aí ela ia perguntar por quê? Não vai ter nada haver, né? Falei assim não, mas a música muda muito a pessoa, porque é verdade a música muda tudo, ainda mais o coral que é vários tipos de músicas assim. • (o que mais gosta no coral) Os ensaios e conhecer novos lugares porque além de lugares conhece novas pessoas. • É, tem umas músicas que eu gosto, outras não. Mas são boas (risos). / Eu acho maneiro ainda mais inglês. (Você gosta de inglês?) Muito. • (Gosto de) Aprender músicas diferentes. É bom aprender cada vez mais. • Vou botar no Shopping (local que mais gostou de cantar). Porque, não foi aquela pessoa que tava marcada prá ir lá, foi a pessoa tava passando e se interessou pela gente cantar e parou prá ver a gente. Pô achei aquilo maneiro a pessoa parando e olhando, tipo filme, sabe. Foi olhando assim e gostando, algumas chorando. Pô, foi muito bom. • Eu acho bom (ouvir outros corais) porque a gente aprende com outros corais, eles aprendem com a gente e conhecer pessoas novas.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • (Quis entrar no coral) Pra eu poder melhorar minha voz. • Pra eu poder melhorar minha voz

	<ul style="list-style-type: none">• Ah, eu achei muito bom porque, a (técnica) que a Zezé faz quando ela fica na sala sozinha, ela faz umas técnicas assim, mexe com a gente, que a voz aumenta mais, incrível né?• (o que mais gosta no coral) Os ensaios, conhecer novos lugares também. (Por que?) Porque eu não saio daqui, eu não saio pra outros lugares e eu gostaria de conhecer assim conforme vai vendo as apresentações vou conhecendo mais pessoas, conhecendo mais... é... corais, outros grupos também e é bom.• Acho bom. (o repertório adotado)• Ótimo (cantar músicas em outros idiomas), porque a gente apresenta, e tinha línguas assim que eu nem conhecia direito e no coral eu passei a conhecer mais.• (Gosto de aprender música) Diferente. Porque conforme a gente assim, quando nós ouvimos a música nós gostamos, mas depois enjoa um pouquinho.• Clube Naval (local que mais gostou de cantar). Porque assim nas outras não teve, teve outros corais também mais no clube naval teve mais, a gente conheceu mais pessoas.• Eu gosto (ouvir outros corais), e gosto também de conhecer as músicas que eles cantam. (Você só gosta de conhecer as músicas que eles cantam?) Não, porque a gente conhece pessoas diferentes.• Aprendi (vendo outros corais). É, sei lá porque eu entrei assim no coral faz pouco tempo, mas a gente vê assim pessoa que tem mais
--	--

	tempo no coral o que eles fazem. Até mesmo a voz deles como são. Assim eu aprendo mais.
--	--

b) Frases que apontam para uma aumento da auto-estima dos cantores.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Considero (uma pessoa importante dentro do coro). Sei lá... Acho que canto bem... • Fico feliz. (quando sou aplaudida)
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Eu me considero, não importantíssima, mas um pouco importante. • Eu sinto uma emoção muito grande das pessoas gostarem do que nós cantamos, que acharam bom nosso repertório.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Mais ou menos (importante no grupo). Ah! Sei lá... . Porque eu comecei primeiro, assim, aí eu tenho a voz mais determinada. • (quando é aplaudida) Aí para o nervosismo, mas ainda fico nervosa. Fico me sentindo... (risos)
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • O que eu mais gosto numa apresentação é quando o coral é bastante aplaudido. Quando o coral canta bastante afinado, assim, com comportamento, assim, educação, sabe? Quando a gente passa assim por um e fala: “nossa esses daí nem parece que mora numa comunidade carente”. Porque nós somos visto lá fora, assim, como: “Nossa! Vai roubar a gente. Vai não sei que...”. Eu gosto quando não me vê assim.

	<ul style="list-style-type: none"> • Eu fico tremendo (antes de fazer uma apresentação). Eu sou nervosa e tenho problema na mão, fico tremendo mesmo. / (durante a apresentação) Ah! Não... Aí não tem como fugir mesmo, aí eu me solto. Deixo de ser a Participante D, a tremedeira, e sou outra pessoa já. Até eu me surpreendo: “Nossa Participante D, não sabia que você era capaz de fazer isso”! Tem coisa que eu acho que não sou capaz de fazer, mas que eu faço. / (durante os aplausos) Nossa, aí eu choro... . • Eu elogiei a garota que tava cantando “Aquarela do Brasil”. Eu gostei muito da voz daquela garota. Quando acabou o coral, que acaba passando pela gente, eu fui lá e elogiei e ai ela: muito obrigada, você também canta bem.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho. (importante no grupo) Porque assim, todos fazem falta, mas porque tem 1ª voz 2ª voz que precisa de uma voz assim boa pra cantar.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Sim (importante no grupo). Porque a união faz a força e se um faltar vai fazer falta. • (O que mais gosta em uma apresentação) As pessoas admirando a gente cantar. • (Como se sente antes de uma apresentação) Tomara que eu não erre nenhuma música. / (como se sente durante a apresentação) Eu consegui. / (quando é aplaudida). Sinto superior.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Acho que sim (importante no grupo) porque eu acho que agora a minha voz é boa. Aí eu acho que eu ajudo na 1ª voz. • Quando eu sou aplaudida, (sinto) felicidade e nervosismo. / (como se

	sente após o concerto?) É, fiz bem.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • As pessoas, sabendo que eu sou do coral, me convida prá cantar em lugar fora, participar de grupos. • (Agora) Eu sou convidado para participar do coral da igreja, sou convidado pra assim, dar aula de música no colégio, não de coral mas de outro instrumento, flauta. Pô, muitas pessoas já me conhecem do coral porque me viram na televisão... • Eu entrei no coral quando o coral começou, foi uns quatro ou cinco meses que eu coral começou. / Eu achava minha voz horrível. Eu achava que eu não sabia cantar. • Foi bom porque nem eu mesmo não sabia onde eu podia ir. (E como você se sentiu?) Sei lá me senti assim é pô, eu sei cantar! (risos). • (como se sente quando faz uma apresentação) Antigamente eu me sentia um calafrios, agora não sinto nada não, sinto alegria. • Antes de entrar no palco, mão suada. (risos) / Tremor na perna / É quando eu sou aplaudido, quando é no meio da música eu sinto um tremor na perna quando é no final um alívio. / Pô, tudo acabou infelizmente. Queria mais...
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Ah, faz falta (no coral) porque a Zezé mesmo fala que quando uma pessoa falta mesmo que a gente pensa que ela não faz falta no coral mas ela sempre faz, sempre tem uma pessoa que faz, todas as pessoas fazem falta no coral. • (Como se sente quando vai fazer uma apresentação) Ah, o coração

	bate um pouquinho mais forte mais acelerado e às vezes uma tremidinha nas pernas, mas acho que isso é normal. (como se sente quando é aplaudida) Ah. orgulho do coral.
--	--

c) Frases que mostram ruptura de conceitos e conscientização de novos hábitos.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Eu achava que (o coral) era só chegar lá e cantar, sei lá... Não precisava desse trabalho todo. (E agora?) Agora não. Tem trabalho, tem que estudar a voz...
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Imaginava que era chato... (cantar em coral) • Porque se você cantar numa posição assim, cantar deitado, sua voz não sai totalmente. Não sai correta como se você ficar direito sentado na cadeira na posição correta, com a boca na posição correta, sai muito melhor sua voz. • Eu acho bom, porque não tem como a gente cantar sem ter um preparo vocal. Porque assim, se você chegar logo num coral e vou cantar, às vezes prejudica até mesmo a sua voz, entendeu? Ai se não consegue cantar é nada.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Minha voz mudou no coral.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Eu sempre fiquei no coral, só que foi esse ano, no começo do ano, entrou essas criança nova. Aí eu falei: “esse coral não vai dar certo com essas crianças”. Não sei o que aconteceu comigo que eu emburrei.

	<p>Fechei a cara e sai, falei assim eu não vou ficar no coral esse ano e sai. Aí foi passando o tempo, me arrependendo, a Zezé falando que eu ia me arrepender do que eu tinha feito, que eu tinha que aceitar as crianças e eu vi que as crianças não tavam atrapalhando em nada. Aí aproveitei que a Isabella me chamou, eu conversei com ela e ela foi e me colocou e agora tô de volta.</p> <ul style="list-style-type: none">• Nossa!!! São totalmente corretas, são essenciais para sair uma afinação correta ou até mesmo para o futuro desse próprio aluno. O aluno sempre tem que sentar numa postura correta, ter modos porque isso vai ser para a vida, etiqueta pra vida toda dele. Ele conseguir um emprego, o emprego vai bater na porta dele, ele vai chegar lá para o patrão, ficar todo desajeitado? Ele tem que ter uma postura correta. Até na sala de aula ele tem um lugar certo, não vai quere pegar o lugar do outro para arrumar confusão. Na minha sala tem gente que faz isso de propósito pra arrumar confusão, intriga. Quer brigar, acha que quem mora no morro tem que fazer briga pra ficar famoso.• Sem o ensaio você vai cantar nas apresentações pode ser Paris, pode ser Estados Unidos, pode ser Washington, na Casa Branca, pode ser o lugar que for; pode ser no barraco que tiver caindo ali. Que que adianta cê chegar lá não saber cantar ou cantar desafinado, totalmente errado? Quem vai ficar péssima? Além dos alunos vai ficar mais ainda a regente que vão falar que a regente é burra, que comprou o diploma na padaria. Que não conquistou o objetivo.
--	---

Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • (O que você imaginava que era um coral antes?) Chato. • Acho meio chata (as regras relativas à atividade), mas no final de tudo é bom prá gente.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Ao mesmo tempo chatas e ao mesmo tempo boas
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho as regras certas porque se a gente ficar conversando não vai ter como ensaiar as músicas.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Pô, eu achava no começo assim sabe é de aquecer a voz é horrível, não sei prá que aquecer a voz se a gente vai cantar, mas tudo bem, aí depois eu fui ver que aquecendo a voz a gente fica com ela mais solta assim, fica melhor. • Sei lá, antigamente eu achava que assim que entrar as pessoas novas ia atrapalhar os velhos porque, ia ter que repetir música ficar um pouco tempo com aquela pessoa passar isso passar aquilo, mas agora não porque a gente aprende até com os novos também, porque se a regente passar a música prá gente de novo nós vamos estar fazendo a música de novo ensinando prá eles e aprendendo coisa nova com eles mesmo, sabe, Assim de se comportar, aprender coisas à beça com eles.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Ah, eu achava que era chato (coral). Porque eu via assim era muitas pessoas sabe, aí ficava e achava que dava sono nas pessoas, mas depois que eu soube o que era estar no coral eu achei mais interessante, gostei mais. • Ah, eu acho que é importante porque se a gente não seguisse essas

	regras a gente não ia cantar direito.
--	---------------------------------------

d) Modificações de comportamento e na maneira de ser, percebidas pelas próprias crianças, devida a sua participação no Coral Meninos de Luz.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Disciplina. Ter sempre que olhar para a regente.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • A vida fica mais alegre, mais feliz...
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • A melhorar a voz, porque minha voz não era assim.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Melhora o comportamento, organizar a atenção na pessoa. A pessoa tá falando contigo e você parar pra ouvir. Porque eu, eu tenho ponto negativo. Eu vejo que eu não gosto de ouvir. Eu sei que eu tô errada, mas a pessoa quer me corrigir e eu não gosto que a pessoa me corrija. Aí eu começo a falar. A pessoa falando comigo e eu fico falando: não, não, tá bom; eu sei, eu sei, eu sei. E o meu mal é esse, eu tenho que ouvir a pessoa falando, entendeu? Isso eu tô aprendendo, agora, a parar para ouvir o que os outros falam de mim... • Aprendi organização (vendo outros corais) • Tem ajudado a ser mais sentimental, ser mais amiga, mais amorosa, mais simpática... .
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendi companheirismo e novas músicas. • Aprendi como eles fazem (vendo outros corais). Eles são companheiros.

Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade (aumentou) • Ficar concentrada.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • A coisa mais importante que eu aprendi cantar no coral... é quando assim, quando a gente vai fazer uma apresentação, a gente canta, quando é a vez da outra pessoa a gente tem que ficar quieto sabe, é respeitar as pessoas que tão cantando e ouvir e observar para aprender.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendi. Postura (vendo outros corais). Aprendi é como a gente pode se valorizar nossa voz porque, eu antigamente tinha medo de cantar de abrir a boca sabe, articular as palavras como dizia a Rafa... Aí depois que eu fui, que eu vi um garoto da minha idade pô, ele cantava e cantava muito mermo. Eu falei, pôxa eu posso ser igual a ele. Se eu me esforçar eu posso ser. Aí tô tentando agora. • Eu aprendi que eu não tenho só uma qualidade, que eu tenho algumas qualidades. Eu tenho outras que eu posso usar dia a dia. • Sei lá, antigamente eu achava que assim que entrar as pessoas novas ia atrapalhar os velhos porque, ia ter que repetir música ficar um pouco tempo com aquela pessoa passar isso passar aquilo, mas agora não porque a gente aprende até com os novos também, porque se a regente passar a música prá gente de novo nós vamos estar fazendo a música de novo ensinando prá eles e aprendendo coisa nova com eles mesmo, sabe. Assim de se comportar aprender coisas à beça com eles.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Tirou um pouquinho mais a timidez. Eu peguei mais intimidade assim com as pessoas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Assim, as técnicas que têm e também porque eu melhorei muito até as pessoas assim da minha igreja que sabiam como era a minha voz antes sabem como está agora e gostaram do resultado.
--	--

e) Frases que mostram a não tolerância com o comportamento das crianças recém chegadas ao grupo.

No segundo semestre de 2003 o Solar Meninos de Luz perdeu vários patrocinadores, o que provocou uma crise financeira na Instituição. Todos os profissionais contratados para desenvolver atividades no horário da tarde foram demitidos no final desse ano. Em 2004 a escola passou a trabalhar apenas com voluntários. Esta desestabilização trouxe como consequência para o coral a perda de vinte e quatro cantores. Em contrapartida entraram treze crianças da terceira série, duas da quarta e uma da oitava. O coral teve seu número total de integrantes diminuído de quarenta e nove para quarenta e um cantores, sendo 39,02% desses, novos cantores.

As crianças que já vinham cantando no grupo e permaneceram em 2004 sentiram muito esta mudança e passaram a reclamar do comportamento dos novos participantes, como pode ser observado nas entrevistas feitas ao final de 2004. As reclamações dos antigos cantores geralmente estão ligadas aos hábitos da rotina coral, mostrando que os antigos cantores já haviam incorporados novos comportamentos ao seu modo de ser, os quais as crianças recém chegadas ao grupo ainda não conheciam.

Para que esse problema não voltasse a acontecer quando novas crianças entrassem para o coral foi criado, em 2005, um pré-coro. Nesse núcleo as novas crianças aprendem os hábitos básicos relacionados com a atividade como: postura correta para cantar, olhar para o regente,

atender ao gesto do regente, permanecer calado enquanto o regente canta a frase musical para que possa ouvi-la com precisão e reproduzi-la corretamente (desenvolvimento rítmico e do ouvido melódico) e concentração durante o ato de cantar.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas são muito chatas, quer dizer... Eu achava que a Zezé tinha que tirar logo essas crianças... (Por que são chatos?) Porque a Zezé tem que falar dez vezes e eles não obedecem... A Kelly, por exemplo, ela fala dez vezes com ela e ela continua fazendo a mesma coisa. • Não é muito legal porque às vezes atrapalha o coro, né? Porque o coro assim, já tem dois anos, aí vem chegando gente nova que não sabe nada, tem que começar tudo de novo... Eu acho meio chato isso. (Você não acha que gente nova é importante, para mudar?) Até é, mas é meio chato ter que começar tudo de novo.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Eu não acho bom. Porque aí a Zezé repete, assim as mesmas coisas, que eu que entrei desde o começo tenho que aprender tudo de novo. Fica meio chato, né? Que aí eles começam a fazer uma coisa errada, o coral não rende muito, aí fica meio chato.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • As pessoas que a Zezé mais chama, assim, gostam de prejudicar... Isso só prejudica, mas eles cantam bem. Se todos ficassem em silêncio, se todos fazer o que a Zezé pede o coral vai ser melhor do que já está.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Acho ruim porque eles não sabe, ainda são pequenos. Aí fica fazendo bagunça lá...

Participante F	<ul style="list-style-type: none"> No começo eu acho chato. (Por que?) Porque, tem que ficar falando as coisas que as pessoas velhas já sabem
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> Eu acho que elas deviam ter mais interesse assim. Ah, por enquanto eu tô achando que elas, é muita criança. (Por que?) Porque elas fazem muita bagunça.

f) Frases que revelam a associação da música com experiências vividas pelo cantor e/ou despertam fortes emoções

Ao cantar uma obra musical, texto, melodia, ritmo e harmonia se misturam fazendo despertar diferentes emoções no cantor. A mensagem transmitida pela letra, associada ao ambiente sonoro criado pela linha melódica e pela harmonia colocam o indivíduo em um certo estado emocional. A forma de perceber esta mensagem não será necessariamente a mesma para todas as pessoas, uma vez que cada cantor leva consigo um conjunto de experiências anteriores que interferirão na forma como esse recebe a música. Se por um lado é comum ter uma música que caia no agrado da maioria dos cantores, é igualmente comum que a música preferida de algum cantor seja rejeitada por outro integrante do coral.

As músicas apontadas pelas crianças como sendo as que mais lhes tocaram estão sempre relacionadas com algum aspecto que consideram importante ou marcante dentro de suas vidas ou com a sensação de bem estar. Ao cantá-la elas lembram de fato(s), vivenciam sensações agradáveis ou não, que fazem com que essa música passe a ter um significado especial para ela.

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Eu me sinto diferente (tipo de emoção), mas não demonstro.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • “Acalanto”. Porque é uma música leve, suave, bem gostosinha de ouvir. • Ah! Muda, muda bastante. É diferente. Uma música mais triste assim é um modo diferente de cantar de uma música mais alegre.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Não, diferente. Porque tem mais emoção nas músicas de assim... não música de agito, música calma assim, tem mais emoção.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Não... Ela muda (o tipo de emoção). • Você vê que as crianças ficam felizes cantando. • Depende da música. Se for triste você vai ficar triste, né. • “O Natal é Tempo”... / Porque agora o que tá acontecendo na minha família, a separação da minha vó, foi porque o próprio filho dela tirou ela de casa. Aí, pra mim, essa música... Quem dera isso acontecesse na minha vida realmente, que o natal é tempo de amar. Todo mundo se reunir. Se eles percebessem que estão fazendo falta... Meu irmão maior tá aprontando muito no colégio, parece que ele tá percebendo, não sei... Isso faz falta, a família toda reunida. Já não mora com a mãe, só tem o pai e a pessoa que ele também gosta mora longe. • Todas (as músicas) eu tento encaixar na minha vida, sabe? Eu vejo que todas se enquadram na minha vida. Não tem aquela música que não tem nada a ver com a minha vida. Eu vejo que muita música tem a ver com a rotina da minha família.

Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • “O natal”. / Porque vê que no natal não é só ficar comendo a ceia de natal. É ficar também em parceria com a família.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Diferente (o tipo de emoção). • “Brasil” / Porque fala do nosso Brasil. Fala do nosso Brasil!!!
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Tem música que a Zezé ensina que não é a mesma emoção, é outra emoção. • Eu gosto de qualquer música que é do natal, é o natal é tempo e a outra que é... A música do natal que a gente cantou ano passado também... Essa daí... “Nesses dias tudo fica diferente...” / Porque essa música eu acho muito assim, porque tudo que está escrito na letra é eu acho que é realidade, porque no natal as pessoas ficam mais perto das outras e no natal a gente melhora, o mundo fica bem mais carinhoso.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Que mais me marcou foi “Menina”. / Porque quando começou a cantar “Menina” eu estava saindo com uma menina do coral. Aí pô, essa menina cantou prá mim “Menina” sabe, cantou prá mim, eu falei pó, aí, gostei. Aí, depois porque eu parei de sair com ela assim sabe, de ficar com ela, aí sempre que eu canto “Menina” eu me lembro dela. Aí eu olho prá ela, aí não dá certo (risos). • Como eu falei cada música tem uma emoção diferente porque, tem umas que mexe assim comigo porque, em umas músicas eu posso me lembrar de algumas pessoas. Têm outras que eu posso me lembrar de coisas que eu fiz antes, ou depois sabe? • (Apresentação que mais gostou) Acho que é sempre no final do ano

	<p>pra comemorar o natal ou assim sabe, é em época de ano novo porque assim as pessoas vão prá uma coisa diferente, uma música que toca na vida, que comove elas, e o coral é uma parte que é música que toca mesmo as pessoas, sabe. Aí as pessoas ficam feliz, aí vai a família. Acho que ver as pessoas feliz é bom também.</p>
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • É diferente (o tipo de emoção). / (Como?) Ah, não sei explicar. • “Menina”. Ah porque conforme a gente vai cantando assim a gente sente também algo dentro de nós sobre a música, e a música em si é muito bonita.

g) Caminhos que o/a entrevistado/a deseja para sua vida

Entrevistado	
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar muito e formar em advogada • Ter minhas filhas.
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Ser pediatra. Preciso estudar muito. Ter muita força de vontade. • Que a minha vida fosse muito feliz, sem problemas / Ter um emprego bom pelo menos para sustentar minha família.
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • Do jeito que é, tá dando... • Crescer e ter uma vida boa, tudo certinho. Ué, ter fé e tentar conseguir as coisas.
Participante D	<ul style="list-style-type: none"> • Sem, sofrimento. Basta de sofrimento que eu já tô tendo na minha juventude, por causa da minha mãe. Se eu pudesse ver minha mãe,

	<p>assim, sempre que eu quisesse... Estar com o meu pai do meu lado, ajudando meu pai... Minha vó também. Queria que minha vó tivesse até quando eu tivesse maior. Eu não queria perder minha vó agora, se bem que, ela tá jovem, tá com cinquenta e pouco. Pra você ver, minha mãe me teve quando tinha 14 anos... Era uma criança, era mais um motivo pra me ter deixado de lado...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Meu maior sonho? Vai ser impossível acontecer, mas nunca se sabe. Meu pai e minha mãe decidirem ficarem junto de novo. / Eu não sei, eu já tentei de tudo. Eu já tentei de tudo...
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • Sonho assim sem nada ruim, tudo bem. • Ser um dia um bom profissional, ter um emprego bom no futuro. / Estudar muito, e correr atrás do que você quer.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma pet só pra mim. / Estudar bastante. • Ser atriz. / Preciso fazer bastante teatro, ser bastante responsável e esperar porque é muito difícil.
Participante G	<ul style="list-style-type: none"> • Uma vida alegre com meu marido e os filhos que eu tiver / Ser atriz e se eu não conseguir ser, eu ia ser dentista que eu adoro mexer em dente / Uma pessoa legal e amiga. • Meu maior sonho é... é... é assim o sonho da minha mãe que é sair daqui do morro, consegui a profissão que eu quero quando eu crescer, e consertar meus dentes.
Participante H	<ul style="list-style-type: none"> • Continuar perto de Deus. Continuar com coral e flauta que é legal à beça.

	<ul style="list-style-type: none"> • Pô, meu maior sonho, não tem nada haver com música. Eu queria conhecer o melhor desenhista japonês que fez o estilo Dragãobol, eu sou fascinado por desenho japonês. / Estudar muito, muito. Estudar muito inglês e fazer uma faculdade e fora isso eu posso sair daqui do Brasil pra ir em outros lugares conhecer outras pessoas. Quem sabe eu não conheço ele?
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • O mais perfeito possível. • Ter a oportunidade de um dia é... falar assim palavras de Deus pras outras pessoas através da música e de um dia é... poder gravar um, sei lá, um CD. Não que fizesse assim sucesso, mas que as pessoas é... pudessem assim ouvir assim um pouquinho. / Ah, mais esforço de mim mesmo.

5.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS CÍRCULOS DE REFLEXÃO REALIZADOS EM 2006

Os círculos de reflexão realizado em agosto e setembro de 2006 partiram das músicas “Semente do Amanhã” de Gonzaguinha e “Aquele Abraço” de Gilberto Gil, respectivamente. Ao escolher essas músicas para o repertório do coro e para serem trabalhadas nos círculos de reflexão, tive como proposta fazê-los refletir sobre o ser humano como sujeito histórico, dentro da perspectiva de Joffre Dumazedier e Paulo Freire, isto é de um sujeito inacabado, que ao contato com o outro e através de suas escolhas e suas ações vai construindo sua própria história. Queria trazer para a discussão a possibilidade de ruptura com o determinismo social, de

modificação das estruturas sociais, da quebra de preconceitos e da luta por melhores condições de vida, através de nossas ações individuais e/ou coletivas.

5.3.1 Metodologia aplicada aos círculos de reflexão.

- a) Para compor o círculo de reflexão foram convidadas seis crianças do coral que já haviam participado das entrevistas em novembro e dezembro de 2004 e que permaneciam no coral até 2006. Participaram dos círculos de reflexão os cantores: Caroline Evelyn Coutinho da Silva, Cristiane Nascimento Maciel, Luma Cordeiro de Araújo, Marcela do Nascimento, Priscylla Hidd Santos, Shayene Cassimiro da Silva e a regente Maria José Chevitarese.
- b) A letra da música foi entregue a todos os participantes do círculo de reflexão.
- c) Foi feita uma leitura pausada para que as crianças pudessem ir percebendo a mensagem contida em todo o texto.
- d) Para música “Semente do Amanhã” foi solicitado que as crianças marcassem a(s) frase(s) que mais as tocavam. Foi perguntado às crianças qual a mensagem que a música trazia para elas. Dentre as várias colocações feitas foi escolhida a frase: “Que as coisas ruins vão passar” como ponto de partida para os debates.
- e) Para a música “Aquele Abraço” foi destacada diretamente a frase: “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço” para ser o ponto de partida das reflexões.
- f) A partir daí foi feito, em conjunto com as crianças, um paralelo entre a mensagem trazida pela música e as situações vivenciadas por estas crianças. Foram levantados os problemas, as reivindicações, num debate bastante aberto. Os participantes foram estimulados a dar seus depoimentos e a defenderem suas posições a respeito de todos os assuntos discutidos.

5.3.2 Resultados das discussões no círculo de reflexão de agosto de 2006

O círculo de reflexão realizado em agosto de 2006 teve como foco o levantamento dos aspectos existentes na sociedade que os participantes consideram como problemas para eles e para a comunidade em geral. Procurou-se encontrar as causas desses problemas e as soluções que poderiam ser buscadas para melhorar cada uma dessas situações.

a) Mensagens percebidas pelas crianças, na música “Semente do Amanhã”

Participante	
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • O que a gente faz hoje é que vai dar fruto amanhã. • Que a gente não pode desistir das coisas que a gente quer, porque se a gente quer de verdade, a gente consegue.
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Que a gente pode tudo se a gente se esforçar. • Não é deixar qualquer obstáculo acabar com os nossos sonhos.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Pra você nunca desistir.
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Que tudo que a gente está passando agora de ruim vai passar.

b) Problemas sociais levantados pelos participantes, na ordem em que aparecem durante os debates:

Problema	
Violência	<ul style="list-style-type: none"> • Por que com a violência assim na vida, a gente não pode fazer nada. A violência está pelas ruas, em todos os lugares. Não dá para você sair para trabalhar.

	<ul style="list-style-type: none"> • Não dá para sair nem para se divertir
Falta de honestidade do poder público	<ul style="list-style-type: none"> • Se o governo tivesse mais honestidade não teria tanta violência, miséria e também tanta violência. Teria melhores hospitais, remédios, saúde. • Se os impostos fossem altos, mas com os impostos eles resolvessem as coisas que tem para se resolver, mas não. A gente paga caro e o que a gente paga, ainda roubam. Esse é o problema.
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Os hospitais estão uma porcaria.
Saneamento básico	<ul style="list-style-type: none"> • Se isso fosse feito a população ficaria menos doente e usaria menos os hospitais.
Falta de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo assim, o certo não era assim dar tudo na mão das pessoas, e sim dar trabalho pra a pessoa receber seu salário. • Ninguém precisa disso (vale gás, cheque cidadão) se tivesse trabalho, tivesse emprego para todo mundo. Se desse oportunidade pra todo mundo, ninguém ia precisar nada disso. • Se tivesse trabalho para todos, não ia ter nem carente, todo mundo ia ser normal, nem muito pobre, nem muito rico. Ninguém teria mais ou menos. Todo mundo teria igual para poder viver, o necessário para poder comer, beber, se vestir, sair e se divertir e pronto. Se tivesse trabalho igualmente pra todos. • Eu penso que a gente tem que dar escola e trabalho para as pessoas poder ganhar um salário que possa manter sua família. Não é dar cheque cidadão e a pessoa não precisar fazer nada. Ninguém precisa

	<p>disso. Se desse trabalho, as pessoas não iam precisar de nada disso. Se todos tivessem trabalho ninguém precisaria dessas micharias aí que eles dão.</p>
<p>Política Sociais: vale gás, cheque cidadão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque as pessoas pensam assim: a pessoa mora no morro porque é carente então ela precisa receber vale gás, cheque cidadão. Aí a pessoa fica lá e fica recebendo tudo. (se posicionou contra esta atitude) • Esse cheque cidadão é um cheque sem vergonha porque eles ficam lá sem fazer nada e vão recebendo tudo. Tem que dar é trabalho para as pessoas correrem atrás e ter as coisas. Ficar só em casa não é certo. Tem que trabalhar também. • Todo mundo vai lá e fica recebendo o cheque cidadão. Tem que trabalhar também. • Não é dar cheque cidadão e a pessoa não precisar fazer nada. Ninguém precisa disso. Se todos tivessem trabalho ninguém precisaria dessas micharias aí que eles dão.
<p>Diminuição de Impostos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuir os impostos. Porque se todo muito recebesse R\$1.000,00 (mil reais) e o preço das coisas iam aumentar. Aí os R\$1.000,00 (mil reais) não iam valer nada, não daria para pagar as conta e todas as coisas. Porque os impostos iam aumentar, tudo ia aumentar. Não ia adiantar nada...
<p>Educação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mas tem que investir muito na educação também, eu acho. • A educação é a base de tudo. • Às vezes tem empresas que querem montar alguma coisa aqui no

	Brasil, mas não têm profissionais capacitados para trabalhar nessa empresa.
Drogas	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo em relação às drogas. Se o governo quisesse acabar com eles já teriam acabado. É porque eles também ganha com isso. (Eles quem?) Os policiais!
Sexo	<ul style="list-style-type: none"> • É que nem sexo. A família vai lá e não fala ou fala pela metade. Não fala tudo às claras como tem que falar. O filho começa a namorar, aí o namorado pede ela vai e dá, porque não sabe o que é e quais as conseqüências.

b) Soluções propostas pelos participantes para começar a mudar as situações que não acham boas.

Participante	
Conduta positiva de cada cidadão	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um fazendo a sua parte, tipo assim, às vezes você fazendo a sua parte você já tá ajudando alguma coisa. Se você não joga papel no chão já tá contribuindo para o lixeiro não estar ali o dia todo varrendo, se você num maltrata uma pessoa você já vai contribuir para a não violência, essas coisas. Não fazer essas coisas que a gente acha que os outros também não devem fazer. Assim a gente já tá contribuindo para alguma coisa.
Estudar	<ul style="list-style-type: none"> • Só o fato da gente estudar já está contribuindo porque se a gente estuda já vai querer que nossos filhos estudem também. Isto vai acontecer o quê? A população vai estar estudando cada vez mais, vai

	<p>ser um profissional capacitado, vai ficar sabendo das coisas da vida, da sociedade. Só o fato da gente estudar, estar se esforçando para ter um futuro melhor, já está ajudando.</p> <ul style="list-style-type: none"> • (O que você faz hoje para poder alcançar as coisas que você que) Eu estudo. • Estudando pra ter um futuro bom e conseguir um bom emprego. • Mas eu acho que quero ser atriz. / Eu faço teatro aqui no colégio e estudo. • Me tornar um grande profissional na área do direito. / O caminho é sentar e estudar muito. • Eu ainda não sei o que quero ser. Já pensei em uma porção de coisas. Mas eu estudo porque quero me formar em alguma coisa, exercer minha profissão e a primeira coisa que eu quero é receber um dinheiro bom e comprar uma casa para minha mãe, que é o sonho dela.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Eu penso que a gente tem que dar escola e trabalho para as pessoas poder ganhar um salário que possa manter sua família. Não é dar cheque cidadão e a pessoa não precisar fazer nada. Ninguém precisa disso. Se desse trabalho, as pessoas não iam precisar de nada disso. Se todos tivessem trabalho ninguém precisaria dessas micharias aí que eles dão.
Propostas em relação as drogas:	<ul style="list-style-type: none"> • Liberar a droga • Acho que é melhor liberar. • Sabe como ia terminar a boca de fuma no morro? Liberando, tipo

<p>A favor de liberar o uso</p>	<p>assim, a maconha. As pessoas não precisavam subir o morro para comprar, comprava na rua mesmo em qualquer botequim ia tá vendendo. Aí o morro ia ficar sem condições de comprar arma fora, essas coisas assim, contrabandear...</p> <ul style="list-style-type: none"> • E a droga pesada? Devia de liberar também. Porque tudo que é proibido é mais gostoso. / Eu penso assim que tudo que é proibido é mais gostoso. • Eu penso assim que tudo que é proibido é mais gostoso. Tem país aí que faz isso (liberar o uso das drogas). / Na Holanda é liberado
<p>Propostas em relação às drogas: Contra liberar o uso</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mas pensa só uma coisa, se liberarem a droga vão poder usar droga na rua e também ninguém é obrigado a ficar sentindo o cheiro de maconha e essas coisas na rua, como ninguém é obrigado a ficar sentindo o cheiro de cigarro. Como eu que sou alérgica ao cheiro de cigarro. • Mas aí tem um problema porque a pessoa vai usar a droga e depois vai ficar doente aí vai querer ir para um hospital público. Não devia poder. Tem que proibir pessoa que quer ficar se drogando ir depois se consultar nos hospitais públicos. Se ela quer se drogar então quando ficar doente ela tem que pagar. Tem que ir para um hospital particular. Se tem dinheiro para comprar droga então tem dinheiro também para comprar remédio. • Mas ia morrer mais pessoas. • E também esse negócio de droga, de cigarro também aumenta o câncer e depois vai ocupar o hospital de câncer e tirar a vaga de uma

	<p>pessoa que ficou doente não pelo uso de alguma droga. Tem que cortar o mal pela raiz. Para não ter o câncer tem que cortar logo o cigarro. Para a pessoa não ter câncer lá no futuro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • É preciso ter informação através das escolas, das famílias. • Informar seu filho desde quando é criança sobre o perigo das drogas. Tem pai rico que não fala nada sobre drogas com o filho aí quando vem alguém e oferece, ele aceita porque não sabe o que é. Tem que criar o filho para o mundo e não para ele.
Sexo	<ul style="list-style-type: none"> • O povo não fala e quando fala, fala tudo pela metadinha... Fala como se tivesse falando com um bebezinho. É aí que acontecem as coisas. Tem meninas novinhas, tudo grávida. Minha mãe fala mesmo. Fala tudo abertamente. Explica como é e se quiserem fazer quais as precauções que tem que ser tomadas.

5.3.3 Resultados das discussões do círculo de reflexão de setembro de 2006

O círculo de reflexão realizado em setembro de 2006, a partir do verso: Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço, da música “Aquele Abraço” de Gilberto Gil, teve como objetivo central a conscientização do indivíduo como um ser em permanente formação, que tem a possibilidade de romper com os determinismos sócio-econômicos e de traçar um caminho próprio para si. O quadro abaixo destaca frases que mostram a conscientização dos participantes do círculo em relação à possibilidade de romper com o determinismo e de construir seu futuro melhor.

Participante	
Participante B	<ul style="list-style-type: none"> • Tem gente que fala assim: Eu sou assim por causa das circunstâncias da vida. Não é mesmo. Tem gente que nasce pobre e que consegue reverter essa situação. Que nem muitos jogadores que nasceram pobres e agora viraram grandes jogadores; pessoas que correm, tipo assim, atletas. Então eu acho que esse negócio de falar eu sou assim por causa da minha mãe, por causa da vida, não é bem assim. Na verdade você quer ser assim. É você que não quer buscar uma solução. • As coisas que você faz por obrigação, nunca é bom. Você nunca gosta das coisas quando faz por obrigação....
Participante C	<ul style="list-style-type: none"> • A vida às vezes não te ajuda, bota um obstáculo para você desistir, mas você tem que correr atrás. Tem que ir criando soluções para os problemas.
Participante A	<ul style="list-style-type: none"> • Você tem que correr atrás da vida mesmo que ela não te ajude.
Participante E	<ul style="list-style-type: none"> • A vida corre na frente, você tem que correr atrás dela, não pode ficar parado. Tem que correr atrás de seus sonhos.
Participante F	<ul style="list-style-type: none"> • Que você escolhe o seu próprio futuro. • Desde o momento que a gente quer se torna fácil. • Tem gente que vive reclamando das coisas que faz. Mas foi ele que escolheu aquilo. Então porque faz?
Participante I	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que se a gente tiver fé, a gente pode chegar aonde quiser.

6 CONCLUSÕES

A primeira parte das entrevistas teve como foco a vida em família e na escola. A idade média dos entrevistados, em 2004, era de 13,2 anos. Através de suas respostas foi possível conhecer o padrão socioeconômico e cultural dos mesmos, alguns de seus valores, comportamentos, desejos e a influência da atividade coral em suas vidas.

Todas as crianças são moradoras das comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Residem em casas de tijolo aparente com quarto e sala ou com quarto conjugado. Elas consideram seu núcleo familiar de fundamental importância para suas vidas. A maior parte das famílias é constituída em torno da figura feminina (mãe ou avó), quase sempre com a ausência da figura paterna. Na maior parte dos casos as mães precisam trabalhar para garantir o sustento da casa. Esse fato faz com que elas procurem o Solar Meninos de Luz, escola em regime de tempo integral, situado na ladeira de acesso ao morro e que recebe crianças a partir de três meses de idade.

Para todos os entrevistados a escola onde estudam é vista como a possibilidade de melhoria de condições de vida, de um futuro melhor, seja pela qualidade do ensino, que é considerada superior ao das escolas municipais e estaduais do entorno, seja pelo regime de tempo integral de ensino que proporciona, além do ensino formal, atividades complementares importantes para a sua formação.

O ensino em tempo integral faz com que essas crianças, que vivem em área de risco, não fiquem soltas nas ruas e no morro, afastando-as do perigo de aliciamento pelo crime organizado e pelo tráfico de drogas. Esse aspecto, associado à proximidade da escola, é considerado por praticamente todas as famílias como fator decisivo para a escolha desta instituição para a educação de seus filhos.

Verifica-se que a maior preocupação dos pais e familiares está relacionada com a intenção de ocupar as crianças com uma atividade sadia, tirando-as da rua e da possibilidade de entrada no mundo das drogas e do crime organizado. A grande maioria não mostra uma conscientização em relação à importância do lazer na formação do indivíduo e na sua auto-realização. Para eles a grande mudança sociocultural se passa no sentido das crianças não usarem seu tempo extra-escolar andando livremente pelas ruas. É comum que pais e até mesmo professores utilizarem o expediente de impedir que a criança participe da atividade de lazer como um mecanismo de castigo ou repreensão por algum comportamento que julguem inadequado. Estas mesmas pessoas não imporiam como castigo à criança o não ir à escola ou deixar de fazer sua lição de casa ou tarefas domiciliares. Dentro desta estrutura de valores nota-se que ainda não existe uma conscientização de que as atividades de lazer são importante instrumento, necessário à formação do indivíduo, e não mero preenchimento do tempo livre, uma brincadeira sem maiores conseqüências, um dispositivo de barganha, um prêmio pelo cumprimento adequado de tarefas ou pelo comportamento de acordo com as normas sociais vigentes. Por outro lado, o comportamento desses pais e educadores nos faz ver que a participação das crianças no Coral Meninos de Luz é feita com prazer e alegria, estando voltada para a realização pessoal desses jovens.

Através das entrevistas registramos uma gama bastante grande de frases que revelam o prazer que os cantores encontram nas várias etapas da rotina coral. Ele está presente em cada momento de aprendizado, nos ensaios, no repertório estudado, nas apresentações dentro e fora da comunidade, nos aplausos que recebem durante os concertos realizados, nos lanches oferecidos após as apresentações, nas viagens feitas com o grupo, no assistir a outros grupos corais, no ato de cantar ou de conhecer novas pessoas, enfim em todas as experiências vivenciadas através da atividade coral.

A escolha do canto coral como atividade de lazer está geralmente relacionada com o fato de a criança gostar de cantar. Das crianças entrevistadas, três possuíam uma imagem negativa em relação à atividade coral. Eles relatam que antes de entrar para o grupo achavam que cantar em coral era uma coisa chata. Após vivenciarem a experiência de participação no grupo, esse valor foi modificado, rompendo-se o pré-conceito em relação à atividade.

Entrevistador: Antes de cantar, como você imaginava que era um coral?

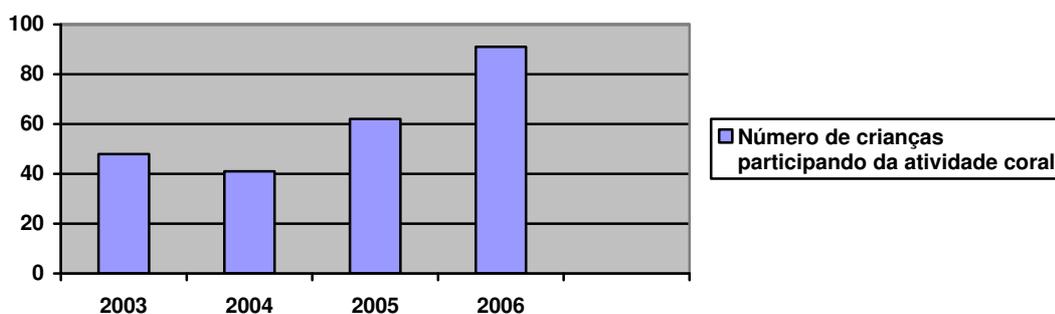
Participante I: Ah, eu achava que era chato.

Entrevistador: Por que?

Participante I: Porque eu via assim, era muitas pessoas sabe, aí ficava e achava que dava sono nas pessoas mas depois que eu soube o que era estar no coral eu achei mais interessante, gostei mais. (anexo 4, pág. 223)

É interessante constatar o aumento do interesse, principalmente por parte das crianças mais jovens, em participar da atividade coral. O número de crianças passou de 49 em 2003 para 91 em 2006, conforme gráfico abaixo.

Tabela 9 – Número de crianças inscritas no Coral Meninos de Luz de 2003 a 2006



Em 2005 e em 2006 praticamente todas as crianças que ingressaram na 3ª série, entraram para o coral, o que provocou um aumento considerável no número de crianças atendidas pelo projeto. Esse fato aponta no sentido de uma mudança cultural nos alunos do Solar Meninos de Luz. Mostra também a influência que as crianças que participavam do grupo exerceram sobre os

demais alunos do Solar. Como nos fala Joffre Dumazedier (2001), as experiências vividas pelas crianças durante a atividade de lazer não ficam restritas apenas a elas. Elas são levadas para todas as pessoas de seu entorno, influenciado pouco a pouco o ambiente por onde circulam.

A rotina das crianças entrevistadas resume-se a vida em casa, na escola de tempo integral, na igreja. O lazer fora da escola é basicamente assistir televisão e/ou ir à praia. A atividade coral, oferecida dentro do horário escolar como atividade de lazer proporciona não apenas oportunidade de aprender músicas, mas também de entrar em contato com pessoas diferentes e de conhecer novos lugares. Os entrevistados relatam possuir grande interesse em entrar em contato com esses novos aprendizados que a atividade coral lhes tem proporcionado, reafirmando a posição de Joffre Dumazedier (2000) de que as atividades de lazer além de proporcionar entretenimento, são importante momento de aprendizagem.

Entrevistador: O que você mais gosta no coral?

Participante I: Os ensaios, conhecer novos lugares também. Porque eu não saio daqui, eu não saio pra outros lugares e eu gostaria de conhecer. Assim conforme vai vendo as apresentações vou conhecendo mais pessoas, conhecendo mais... é... corais, outros grupos também e é bom. (anexo 4, pág. 233)

O repertório adotado procura valorizar a música popular brasileira - MPB, o folclore nacional e estrangeiro e as composições para coro, além de proporcionar a descoberta de novos idiomas como o latim e o hebraico, e de sonoridades próprias de outras culturas. A plena aceitação pelos cantores do repertório revela que esses não sentem nenhum desconforto ao cantar obras que normalmente não são veiculadas pela grande mídia. Músicas como “Al shloscha D’Varim”, de Allan Naplan e Pirkei Avot, em hebraico, que fez parte do repertório coral em 2003 e “Gloria” da compositora americana Carole Stephens, em latim, aprendida em 2006 foram recebidas com entusiasmo pelas crianças do grupo, sendo apontadas pela maior parte delas como sendo sua música predileta. As entrevistas feitas revelam que não há nenhum preconceito em

relação a esse tipo de música, que as crianças são ávidas pelo novo e que têm uma grande sede de saber e de aprender com tudo que vêem e/ou fazem. Esse dado contraria um conceito muito difundido entre regentes de coros amadores e professores licenciados em música e em educação artística de que é necessário trabalhar um repertório totalmente voltado para a música popular para atingir os cantores de coros não profissionais.

Participante G: O conhecer novos lugares é bom sim, mas é as músicas (o que eu mais gosto). São legais. (anexo 4, pág. 233)

Participante I: Ótimo (cantar músicas em outros idiomas), porque a gente apresenta, e tinha línguas assim que eu nem conhecia direito e no coral eu passei a conhecer mais. (anexo 4, pág. 234)

O trabalho desenvolvido em um coro vai muito além do trabalho vocal, do desenvolvimento do ouvido harmônico, da percepção auditiva e rítmica. O ato de cantar, para alguns dos entrevistados, é visto como um momento de recobrar forças, ganhar energia, para que possam enfrentar seus problemas cotidianos com mais equilíbrio e tranquilidade. As crianças relatam ainda que o trabalho feito no Coral Meninos de Luz contribuiu para a modificação de condutas como: aumento da capacidade de concentração, diminuição da timidez, disciplina, desenvolvimento da sensibilidade, fortalecimento do companheirismo, ampliação do senso de responsabilidade, além de ter possibilitado a descoberta de potencialidades e ensinado a ouvir o outro.

Entrevistador: Você acha que cantar no coral te ajudou em alguma coisa?

Participante D: Organizar a atenção na pessoa. A pessoa tá falando comigo e eu parar para ouvir... Isso eu tô aprendendo agora, a parar para ouvir o que os outros falam... (anexo 4, pág. 249)

Participante G: A coisa mais importante que eu aprendi cantando no coral... É quando assim, quando a gente vai fazer uma apresentação, a gente canta, quando é a vez da outra pessoa a gente tem que ficar quieto, sabe, é respeitar as pessoas que estão cantando e ouvir, observar e aprender. (anexo 4, pág. 249)

As falas das crianças revelam ainda que a atividade coral tem contribuído para o fortalecimento da sua auto-estima. Se sentem valorizados dentro do grupo onde acreditam ser peças importantes, contribuindo com eficácia para o sucesso da atividade.

Participante H: Aprendi como a gente pode se valorizar utilizando nossa voz. Eu antigamente tinha medo de cantar, de abrir a boca sabe, articular as palavras... Aí depois eu fui e vi um garoto da minha idade pô, ele cantava e cantava muito bem mesmo. Eu falei, poxa eu posso ser igual a ele, se eu me esforçar eu posso ser, e eu tô tentando. Eu aprendi que não tenho só uma qualidade, que tenho outras, que posso usar dia a dia. (anexo 4, pág. 245)

O momento do concerto parece ser particularmente interessante no que diz respeito à auto-estima. A ansiedade da apresentação em público somada à excitação de estar conhecendo um novo lugar, é coroada pela emoção do público, que ao vê-los cantar com qualidade e a se comportar dentro dos padrões sociais vigentes, reage com efusivos aplausos, chegando muitas vezes às lágrimas e fazendo comentários elogiosos ao grupo. Isto faz com que os cantores se sintam valorizados, aceitos, mais confiantes, orgulhosos do seu fazer e com sua auto-estima fortalecida.

Depoimento a respeito das apresentações

Participante D: O que eu mais gosto numa apresentação é quando o coral é bastante aplaudido. Quando o coral canta bastante afinado, assim, com comportamento, com educação, sabe? Quando a gente passa por um e ouve: Nossa, esses aí nem parece que mora numa comunidade carente! Porque nós somos vistos lá fora assim: nossa, vai roubar a gente! Vai não sei o que... .Eu gosto quando não me vêem assim. (anexo 4, pág. 241)

Participante D: Antes da apresentação eu fico tremendo. Eu sou nervosa e tenho problema na mão, fico tremendo mesmo. Durante a apresentação eu penso: Não tem como fugir mesmo, aí eu me solto. Deixo de ser “fulana”, a tremedeira e sou outra pessoa. Até eu me surpreendo: Nossa “fulana”, não sabia que você era capaz de fazer isso!!!

Quando eu sou aplaudida? Nossa! Aí eu choro... (anexo 4, pág. 243)

Nas entrevistas feitas em 2004 as crianças ainda se expressavam com bastante deficiência, com frases truncadas muitas vezes de difícil compreensão. Comparando-se as falas das entrevistas de 2004 com as do círculo de reflexão em 2006 (aproximadamente um ano e meio depois), percebe-se claramente que as crianças tiveram uma melhora considerável na forma de expressar suas idéias. As frases passam a ser mais bem construída, com posicionamentos mais compreensíveis. Nota-se que houve um amadurecimento bastante significativo e um aumento do grau de conscientização política. Percebe-se uma melhora substancial na forma de defender as posições, fazer reivindicações e um senso crítico mais apurado. Os posicionamentos são colocados com firmeza e defendidos com uma argumentação lógica bastante pertinente.

Participante A: Mas tem que investir muito na educação. (anexo 5, pág. 258)

Participante A: Às vezes tem empresas que querem montar alguma coisa aqui no Brasil, mas não têm profissionais capacitados para trabalhar nessa empresa. (anexo 5, pág. 258)

A preocupação com problemas locais e os problemas nacionais como: violência, drogas, sexo na adolescência, a precariedade do sistema de educação, saúde e saneamento básico, a falta de trabalho para toda população, as altas taxas de impostos, a falta de honestidade, são aspectos apontados durante o círculo de reflexão como sendo problemas brasileiros que precisam ser solucionados a fim de que haja uma real melhoria da qualidade de vida da população, mostrando um amadurecimento considerável dos entrevistados, considerando sua faixa etária.

Participante B: Um outro problema do Brasil é a falta de honestidade. Porque se o governo tivesse mais honestidade não teria tanta violência, miséria [...] Teria melhores hospitais, remédios, saúde. (anexo 5, pág. 256)

Participante A: Cuidar do saneamento básico. Se isso fosse feito a população ficaria menos doente e usaria menos o hospital. (anexo 5, pág. 256)

Interessante notar a forte oposição feita, por parte das crianças, contra as políticas sociais de distribuição de vale gás e cheque cidadão para as comunidades carentes. Todos se mostraram

indignados com essa situação e consideram esta ação totalmente equivocada. Foi apontado por eles como solução, a atuação firme das autoridades no sentido de viabilizar educação de qualidade e oferta de trabalho, com salários justos, para todos.

Participante A: Eu penso que a gente tem que dar escola e trabalho para as pessoas poder ganhar um salário que possa manter sua família. Não é dar cheque cidadão e a pessoa não precisar fazer nada. Ninguém precisa disso. Se desse trabalho, as pessoas não iam precisar de nada disso. Se todos tivessem trabalho ninguém precisaria dessas micharias aí que eles dão. (anexo 5, pág.256)

Outro aspecto importante revelado nas falas dos participantes durante os círculos de reflexão foi a consciência de que cada um deles, através de suas ações pessoais, tem a possibilidade de contribuir para um mundo melhor e que é possível alcançar suas metas, seus sonhos através do estudo e de seu esforço pessoal.

Participante B: Tem gente que fala assim: Eu sou assim por causa das circunstâncias da vida. Não é mesmo. Tem gente que nasce pobre e que consegue reverter essa situação. [...] Então eu acho que esse negócio de falar eu sou assim por causa da minha mãe, por causa da vida, não é bem assim. Na verdade você quer ser assim. É você que não quer buscar uma solução. (anexo 5, pág. 265)

Eles já possuem a consciência de que esse percurso não é fácil nem simples, que encontrarão obstáculos a todos os momentos, mas que é preciso buscar soluções, construir caminhos, para alcançar a realização de seus sonhos e melhorar a qualidade de suas vidas. Defendem ainda a educação como fundamental para que possam alcançar seus objetivos e romper com o determinismo social. Como pode ser visto estas crianças já tem a consciência de que são seres históricos, e como tal podem construir seu próprio futuro.

Participante C: A vida às vezes não te ajuda, bota obstáculos para você desistir, mas você tem que correr atrás. **Tem que ir criando soluções para os problemas.** (anexo 5, pág. 266)

Desta forma é possível concluir que o canto coral, implantado nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho como atividade de lazer, num processo que estimulou a liberdade de escolha, o livre posicionamento, o diálogo e o pensamento reflexivo, preenche todas as funções daquilo que Dumazedier chamou de um **lazer completo**: é descanso, entretenimento, além de promover desenvolvimento da personalidade. (DUMAZEDIER, 2004)

O canto coral, conduzido dentro dos princípios estabelecidos por Joffre Dumazedier e Paulo Freire, mostrou ser eficaz prática educativa, contribuindo para que essas crianças, que vivem em situação de risco social, adquirissem maior controle sobre si mesmas, melhor equilíbrio emocional; ampliassem seus conhecimentos, sua capacidade de concentração, sua auto-estima, seu senso de responsabilidade; desenvolvessem a habilidade de expor suas idéias com maior clareza e de pensar criticamente. Uma prática educativa que tem no prazer, na liberdade de escolha, no diálogo franco e aberto suas bases e que ao educar prepara o indivíduo para pensar criticamente, possibilitando o entendimento de que como seres históricos que são, podem intervir de forma competente no seu mundo, construir seu próprio futuro, e sair da condição de vida em que hoje se encontram. O canto coral se estabelece desta forma, como um valioso instrumento de educação para liberdade e autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. **Historia da Música Brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: F.Briguiet e Comp. Editores, 1942.
- ANDRADE, A de. **Francisco Manuel da Silva e seu Tempo**. Volume 1. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1967.
- ANDRADE, A de. **Francisco Manuel da Silva e seu Tempo**. Volume 2. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1967.
- ANDRADE, M de. **Aspectos da Música Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1975.
- ANDRADE, M de. **Música, Doce Música**. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.
- ANDRADE, M de. **Pequena História da Música**. 9ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1987.
- BENNETT, R. **Uma Breve História da Música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- BONIM, L. F. R. Indivíduo, Cultura e Sociedade. *In* GUARESCHI, P.A. (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**, 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BOSI, A. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- CADERNOS DO LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL CLÍNICA. Ano II, nº 1, Editora UFRJ, 1986.
- CHEVITARESE, M. J. **A Questão da Afinação no Coro Infantil Discutida a partir do Guia Prático de Villa-Lobos e das 20 Rondas Infantis de Edino Krieger**. 1996. Dissertação de Mestrado em Música brasileira – Práticas interpretativas, Escola de Música da UNIRIO, Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 1996.
- CULLEN, T. L. **Música Sacra: Subsídios para uma Interpretação Musical**. Brasília: Editora Musimed, 1983.
- DELEUSE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Tradução: Prado, B.; Muños, A. A. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DIAGNÓSTICO COMUNIDADE PAVÃO-PAVÃOZINHO, Secretaria Municipal de Habitação, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2002.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. Coleção Debates nº 82. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

- DUMAZEDIER, J. **Penser l'autoformation**. Lyon, France. Chronique Sociale, 2002.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. Coleção Debates nº 164. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2004.
- ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 11., 1998. p. 1705 a 1734. Disponível em www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a192pdf, acesso em janeiro de 2005.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 28ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra SA, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 9ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra SA, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra SA, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 41ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra SA, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. 1ª reimpressão. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**, Belo Horizonte: Editora UFMG; 2003.
- JACOBS, A. **Iniciación a la Musica Coral**. Madri, Espanha: Taurus Ediciones, 1986.
- KIEFER, B. **História da Música Brasileira dos Primórdios ao Início do Século XX**. 4ª ed. Rio Grande do Sul: 1997.
- LEITE, M. **O Melhor de Garganta Profunda**, Vol. 1, São Paulo: Irmãos Vitale, 1998.
- LETTRE N° 27 – **Homage à Joffre Dumazedier: Itinéraire d'un humaniste**, Peuple et Culture, Decémber 2002, Disponível em <http://www.peple-et-culture.org>, acesso em dezembro de 2005.
- LOVELOCK, W. **História Concisa da Música**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MANUAL PARA ELABORAÇÃO E NORMALIZAÇÃO DE MONOGRAFIAS, 3ª ed. Rio de Janeiro, Sistema de Bibliotecas e informação – SIBI, UFRJ, Série Manual de Procedimentos nº 5, 2004.
- MARIZ, V. **Figuras da Música Brasileira Contemporânea**. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1970.
- MARIZ, V. **Heitor Villa-Lobos – Compositor Brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Arte Moderna Ltda, 1977.

MATTOS, C. P. de, **José Maurício Nunes Garcia: Bibliografia**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

MAUSS, M. **Sociologie et Anthropologie**. 8^oed, Paris: Quadrige - Presses Universitaires de France, 1999.

MEUR, G. (Org) **Construire ma recherche: Joffre Dumazedier chercheur-accompagnateur**. Lyon, France: Chronique Sociale, 2005.

MONTERO, M. **Hacer para Transformar: El método em la psicología comunitaria**. 1^a ed. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2006.

NEVES, J. M. **Catálogo de Obras: Música Sacra Mineira**. 1^a ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

NEVES, J. M. **Música Contemporânea Brasileira**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Ricordi Brasileira, 1981.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G.C. Representações Sociais. In GUARESCHI, P.A. (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**, 9^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**, 8^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

PANTOLFI, D.C. (Org.), **Repensando o Estado Novo**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PAOLA, A. Q. de; GONSALES, H. B. **Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: História e Arquitetura**. Rio de Janeiro: UFRJ-Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão, 1998.

PERELLÓ, J. CABALLÉ, M. CUITART. E. **Canto-Diccion: Foniatria Estética – Audiofoniatria y Logopedia**, vol. IV. Barcelona, Espanha: Editorial Científico-Médica, 1975.

PEUPLE ET CULTURE. **Penser avec l'entraînement Mental: Agir dans la complexité**. Lyon, France: Chronique Sociale, 2003

PIQUET, R.; RIBEIRO, A.C.T.(Org). **Brasil, Território da Desigualdade: Descaminhos da Modernização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991

POLLACK, M. Memória e Identidade Social, in **Estudos Históricos**, vol. 5, n^o 10, 1992, p. 200 a 212

PRONOVOST, G.; ATTIAS-DONFUT, C.; SAMUEL, N. (Org). **Temps Livre et Modernité: Mélanges en l'honneur de Joffre Dumazedier**. Paris: Éditions L' Harmattan, 1993.

RAYNOR, H. **História Social da Música: da Idade Média a Beethoven**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

RIBEIRO, D. **O Brasil como Problema**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1995.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, D. **Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil**. 12ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

RIBEIRO, L.C.Q. **Observatório das Metrôpoles: território, coesão social e governança democrática**, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

SADIE, S.; LTHAN, A. **Dicionário GROVE de Música**. Edição Concisa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

UNESCO, **Declaration de Mexico sur les Politique Culturelles**, Article 16, Mondialcult: Conference Mondiale sur lês Politiques Culturelle, México, 26 juillet – 6 août 1982, Rapport Final, Paris: UNESCO, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho de Ensino para Graduados. Resolução nº 2, de 23 de agosto de 2002. Dispõe sobre a formatação e demais procedimentos para a preparação de dissertações de mestrado e teses de doutorado na UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

VILLA-LOBOS, H. **Educação Musical**. Boletim Latino Americano de Música, Abril de 1946.

VILLA-LOBOS, H. **Guia Prático: Estudo Folclórico Musical**. São Paulo: Irmãos Vitale Editores, 1932.

VIVER: MENTE & CÉREBRO. **Paulo Freire: a utopia do saber**, Coleção Memória da Pedagogia nº 4., Rio de Janeiro. Ediouro; São Paulo: Segmento-Dueto, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa EICOS – Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável
Doutorado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social

O Canto Coral como Agente de Transformação

Sociocultural na Comunidade Cantagalo e Pavão-Pavãozinho:

Educação para Liberdade e Autonomia

ANEXOS

Rio de Janeiro
2007

Anexo 1

(ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO CORAL DE 2003 A 2006)

CORAL MENINOS DE LUZ – 2003 ATÉ 2006

	2003		2004		2005		2006
						3ª	Ana Carolina Machado de Moraes
						3ª	Arlen Medeiro dos Santos
						3ª	Bianca de Souza Silva
						3ª	Fernanda Nascimento Vieira
						3ª	João Pedro Vieira Lima
						3ª	Juliana Alves Machado
						3ª	Lívia Farias de Andrade
						3ª	Lucas Marques da Silva
						3ª	Lucas Kirk
						3ª	Marcelo da Silva Almeida
						3ª	Max Amor Cavalcante
						3ª	Micael Torres Lopes
						3ª	Natércia Ingrid Martiliano Alves
						3ª	Paulino Maximiliano Santos Rodrigues

						3ª	Paulo Henrique Lopes Rodrigues
						3ª	Rogério Torres Souza Alves
						3ª	Vagner Faustino da Silva
						3ª	Vanderlei Vieira dos Santos Jr.
						3ª	Wellerson Faria de Brito
						3ª	Wesley Marques Torres
				3ª	Ailton Oliveira da Silva	3ª	Ailton Oliveira da Silva
				3ª	Alexandre Cascemiro da Silva	4ª	Alexandre Cascemiro da Silva
				3ª	Ana Clara do Patrocínio Resende		
				3ª	Brena de Araújo Lima	4ª	Brena de Araújo Lima
				3ª	Caroline da Silva Ripardo	4ª	Caroline da Silva Ripardo
				3ª	Elaine Leocádio Correa Fernandes	4ª	Elaine Leocádio Correa Fernandes
				3ª	Fabíola de Lima Santana	4ª	Fabíola de Lima Santana
				3ª	Gabriel Silva Guedes	4ª	Gabriel Silva Guedes
				3ª	Genesys Dias de Oliveira	4ª	Genesys Dias de Oliveira
				3ª	Gisele Souza Melo	4ª	Gisele Souza Melo

						4 ^a	Gislane
				3 ^a	Jean Olimpio Cless	4 ^a	Jean Olimpio Cless
				3 ^a	Juan Gonçalves dos Santos Costa	4 ^a	Juan Gonçalves dos Santos Costa
				3 ^a	Keith Cristina de Carvalho Marques	4 ^a	Keith Cristina de Carvalho Marques
				3 ^a	Leandro Santos	3 ^a	Leandro Santos
				3 ^a	Marcelle Costa Moura	4 ^a	Marcelle Costa Moura
				3 ^a	Matheus Lopes	4 ^a	Matheus Lopes
				3 ^a	Maylla Nascimento Penha	3 ^a	Maylla Nascimento Penha
				3 ^a	Michelle Teixeira da Silva	4 ^a	Michelle Teixeira da Silva
				3 ^a	Paula Maria Bezerra da Silva	4 ^a	Paula Maria Bezerra da Silva
				3 ^a	Renan Rodrigues Duarte	4 ^a	Renan Rodrigues Duarte
				3 ^a	Rodrigo Almeida da Silva	4 ^a	Rodrigo Almeida da Silva
				3 ^a	Sammy Alves dos Reis	4 ^a	Sammy Alves dos Reis
				3 ^a	William Araújo Feitosa	4 ^a	William Araújo Feitosa
				3 ^a	Yasmim Mendes Hilário Terra	4 ^a	Yasmim Mendes Hilário Terra
				4 ^a	Alan Medeiros	5 ^a	Alan Medeiros

		3 ^a	Alisson				
						5 ^a	Amanda
						5 ^a	Ana Beatriz
						5 ^a	Camila
		3 ^a	Bianca	4 ^a	Bianca	5 ^a	Bianca
		3 ^a	Dielly Nara Paiva Rodrigues				
				4 ^a	Douglas Patrocinio	5 ^a	Douglas Patrocinio
		3 ^a	Eduarda Leonardo Alves	4 ^a	Eduarda Leonardo Alves	5 ^a	Eduarda Leonardo Alves
						5 ^a	Igor
		3 ^a	Isis Cordeiro Parente	3 ^a	Isis Cordeiro Parente		
		3 ^a	Jeniffer do Patrocínio Lima	3 ^a	Jeniffer do Patrocínio Lima	4 ^a	Jeniffer do Patrocínio Lima
		3 ^a	José Alberto Ripardo Jr.	4 ^a	José Alberto Ripardo Jr.	5 ^a	José Alberto Ripardo Jr.
				4 ^a	Josiel Jesus Damasceno Jr	4 ^a	Josiel Jesus Damasceno Junior
				4 ^a	Káthary de Souza Miranda	5 ^a	Káthary de Souza Miranda
		3 ^a	Kelly Sobreira Matos	^a			
				4 ^a	Leonardo		

				4 ^a	Lívia Faria de Andrade	4 ^a	Lívia Faria de Andrade
				4 ^a	Matheus Silva Barbosa	5 ^a	Matheus Silva Barbosa
							Michele
		3 ^a	Monique Costa Moura	4 ^a	Monique Costa Moura	5 ^a	Monique Costa Moura
		3 ^a	Nicole Fortunato Souza	4 ^a	Nicole Fortunato Souza	5 ^a	Nicole Fortunato Souza
				4 ^a	Paloma Cristina Marques Torres	5 ^a	Paloma Cristina Marques Torres
		3 ^a	Rayara Pereira Benvindo	4 ^a	Rayara Pereira Benvindo		
						5 ^a	Ronaldo Gomes
		3 ^a	Stephany Mendes Hilário Terra	4 ^a	Stephany Mendes Hilário Terra	4 ^a	Stephany Mendes Hilário Terra
		3 ^a	Vanessa de Assis Leitão Paixão				
3 ^a	Dandara da Costa Machado	3 ^a	Dandara da Costa Machado				
3 ^a	Jefferson Ribeiro do Amaral	4 ^a	Jefferson Ribeiro do Amaral	5 ^a	Jefferson Ribeiro do Amaral	6 ^a	Jefferson Ribeiro do Amaral
3 ^a	Juliana dos Santos						
3 ^a	Leilany Oliveira de Souza						
3 ^a	Loren Ferreira Gomes da Silva	4 ^a	Loren Ferreira Gomes da Silva	5 ^a	Loren Ferreira Gomes da Silva	6 ^a	Loren Ferreira Gomes da Silva
				5 ^a	Luan Goulart	6 ^a	Luan Goulart

3 ^a	Lucas Albuquerque de Alcântara	4 ^a	Lucas Albuquerque de Alcântara				
3 ^a	Lucas dos Santos						
3 ^a	Manuella Bacelar da Silva	4 ^a	Manuella Bacelar da Silva	5 ^a	Manuella Bacelar da Silva	6 ^a	Manuella Bacelar da Silva
				5 ^a	Maricélia Farias Andrade	6 ^a	Maricélia Farias Andrade
						6 ^a	Sabrina Pereira
3 ^a	Vitor Coutinho Bento da Silva	4 ^a	Vitor Coutinho Bento da Silva	5 ^a	Vitor Coutinho Bento da Silva	6 ^a	Vitor Coutinho Bento da Silva
3 ^a	Tais Lima Ribeiro	4 ^a	Tais Lima Ribeiro			6 ^a	Tais Lima Ribeiro
3 ^a	Tainara Lopes Rodrigues	4 ^a	Tainara Lopes Rodrigues	5 ^a	Tainara Lopes Rodrigues	6 ^a	Tainara Lopes Rodrigues
4 ^a	Bruno Diogo Ferreira						
4 ^a	Carlos André						
3 ^a	Danielle Vieira Antonio	4 ^a	Danielle Vieira Antonio	4 ^a	Danielle Vieira Antonio	5 ^a	Danielle Vieira Antonio
		4 ^a	Diogo Araujo dos Santos			6 ^a	Diogo Araujo dos Santos
4 ^a	Lucas da Silva Gonçalves de Souza						
						7 ^a	Andressa E. dos S. Lopes
						7 ^a	Luis Henrique Nascimento
4 ^a	Mariana Matias da Silva						

				6 ^a	Mariana Silva Barbosa	7 ^a	Mariana Silva Barbosa
4 ^a		5 ^a	Patrícia Machado de Moraes	6 ^a			
4 ^a	Priscilla Vieira Hidd Santos	5 ^a	Priscilla Vieira Hidd Santos	6 ^a	Priscilla Vieira Hidd Santos	7 ^a	Priscilla Vieira Hidd Santos
				6 ^a	Rafaele Farias de Andrade	7 ^a	Rafaele Farias de Andrade
4 ^a						7 ^a	Vanessa de Souza
4 ^a	Thamara Agnes Alves de Souza						
4 ^a	Yuri Albuquerque Rodrigues						
5 ^a	Ana Carolina Pinto dos Santos						
5 ^a	Caroline Evelyn C. da Silva	6 ^a	Caroline Evelyn C. da Silva	7 ^a	Caroline Evelyn C. da Silva	8 ^a	Caroline Evelyn C. da Silva
5 ^a	Critiane do Nascimento Maciel	6 ^a	Critiane do Nascimento Maciel	7 ^a	Critiane do Nascimento Maciel	8 ^a	Critiane do Nascimento Maciel
5 ^a	Débora Cristina S. Nascimento	6 ^a	Débora Cristina S. Nascimento	7 ^a	Débora Cristina S. Nascimento	8 ^a	Débora Cristina S. Nascimento
5 ^a	Gabriel Francisco de Moraes Viana						
5 ^a	Janine Marinho de Jesus	6 ^a	Janine Marinho de Jesus	7 ^a	Janine Marinho de Jesus	8 ^a	Janine Marinho de Jesus
5 ^a	Jéssica de Jesus Nascimento						
5 ^a	Jéssica de Souza Hermínio						
5 ^a	Lais Vanessa Weiner Quadros	6 ^a	Lais Vanessa Weiner Quadros	7 ^a	Lais Vanessa Weiner Quadros	8 ^a	Lais Vanessa Weiner Quadros

5 ^a	Luma Cordeiro de Araújo	6 ^a	Luma Cordeiro de Araújo	7 ^a	Luma Cordeiro de Araújo	8 ^a	Luma Cordeiro de Araújo
5 ^a	Marcela T.R. do Nascimento	6 ^a	Marcela T.R. do Nascimento	7 ^a	Marcela T.R. do Nascimento	8 ^a	Marcela T.R. do Nascimento
5 ^a	Mayara Costa Moura						
5 ^a	Mônica de Souza do Espírito Santo						
5 ^a	Rômulo Pereira da Silva Alves Mello						
6 ^a	Aline Oliveira Ferreira						
6 ^a	Bruna Araújo Viera de Lima	7 ^a	Bruna Araújo Viera de Lima				
6 ^a	Dayane Pereira da Silva Mariano						
6 ^a	Iviny Marques da Silva						
6 ^a	Jorge Rodrigues de Souza Junior						
6 ^a	Joyce Araújo dos Santos	7 ^a	Joyce Araújo dos Santos				
6 ^a	Juliana Cardoso da Silva						
6 ^a	Laís de Araújo Aguiar	7 ^a	Laís de Araújo Aguiar	8 ^a	Laís de Araújo Aguiar		
6 ^a	Paulo Ricardo Pinto dos Santos						
6 ^a	Lucas Fernandes S. da Silva	7 ^a	Lucas Fernandes S. da Silva				
6 ^a	Marcela Rosa Brandão Costa						

6 ^a	Rafael Vieira Antonio						
6 ^a		7 ^a	Rafaela Ferreira Machado				
						1 ^a	Poliana
6 ^a	Shayene Cascemiro da Silva	7 ^a	Shayene Cascemiro da Silva	8 ^a	Shayene Cascemiro da Silva	1 ^a	Shayene Cascemiro da Silva
7 ^a	Anderson Cascemiro da Silva	8 ^a	Anderson Cascemiro da Silva				
			Maykon				
7 ^a	Tatiane do Nascimento Maciel	8 ^a	Tatiane do Nascimento Maciel	1 ^a	Tatiane do Nascimento Maciel	2 ^a	Tatiane Nascimento Maciel

2003	2004	2005	2006
Total de alunos - 48	Total de alunos – 41	Total de alunos – 62	Total de alunos – 91
Pianista: Leandro, Riane e Milena	Pianista: Mariana e Roberto	Pianista: Roberto	Pianista: Roberto e Maira

Anexo 2
(CONCERTOS REALIZADOS DE 2003 a 2006)

RELAÇÃO DE CONCERTOS 2003

- Encontro de Corais “Entre Amigos”
Data: 29 de maio - 15:00 horas
Local: Colégio Franco-Brasileiro (Largo do Machado - RJ)

- Encontro de Corais do Clube Naval
Data: 24 de julho - 20:00 horas
Local: Clube Naval (Centro - RJ)

- Sessão Solene de Abertura da Semana da Pátria
Data: 01 de setembro - 20:00 horas
Local: Clube Naval (Centro - RJ)

- Encontro de Corais do Colégio São Vicente
Data: 27 de setembro - 13:30 horas
Local: Colégio São Vicente (Laranjeiras - RJ)

- Encerramento da Semana de Línguas Neo-Latinas
Data: 03 de outubro - 15:00 horas
Local: Faculdade de Letras da UFRJ (Ilha do Fundão – RJ)

- Comemoração de 10 anos de criação da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável e entrega do prêmio UNITWIN AWARD pela representante da UNESCO, Paris.
Data: 03 de novembro - 18:00 horas
Local: Fórum de Ciência e Cultura - Auditório Pedro Calmon (Urca - RJ)

- Encerramento do Ano Letivo do Solar Meninos de Luz - Concerto de Natal
Data: 23 de dezembro - 11:00 horas
Local: Espaço Criança Esperança (Comunidade Pavão-Pavãozinho - RJ)

REPORTAGENS – 2003

- Imprensa escrita:

Jornal do Brasil – Caderno B – 1ª página - dia 04 de setembro

- Televisão:

Jornal da emissora SBT - dia 12 de setembro

Jornal da emissora TVE - dia 15 de setembro

Jornal da TV Globo - 03 de novembro

RELAÇÃO DE CONCERTOS 2004

- Cantos Infantis – 1ª Edição
Data: 30 de agosto - 18:00 horas
Local: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Salão Dourado (Urca – RJ)

 - Cantos Infantis – 2ª Edição
Data: 17 de Setembro — 18:00 horas
Local: Escola de Música da UFRJ, Salão Leopoldo Miguez (Centro – RJ)

 - Cantos Infantis – 3ª Edição
Data: Outubro – 20:00 horas
Local: Clube Naval (Centro – RJ)

 - Encerramento da Jornada Científica do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza da UFRJ
Data: 10 de novembro – 15:00
Local: Auditória da Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza da UFRJ (Ilha do Fundão – RJ)

 - Entrega do Troféu Beija-Flor 2004 - Rio Voluntário
Data: 9 de dezembro – 10:00
Local: Teatro SESC- FIRJAM (Centro – RJ)
- Gravação para TV – 01 de dezembro

RELAÇÃO DE CONCERTOS 2005

- Cantos Infantis – 4ª Edição
Data: de abril – 16:00 horas
Local: Campus Dorival Caymmi, Auditório da Universidade Estácio de Sá (Ipanema - RJ)
- Concerto para o Solar Meninos de Luz
Data: de maio – 15:00 horas
Local Hotel Everest (Ipanema – RJ)
- Seminário Petrobrás
Data: 01 de junho – 15:00 horas
Hotel Guanabara (Centro – RJ)
- Cantos Infantis - 5ª Edição
Data: 06 de julho – 16:00 horas
Conservatório Brasileiro de Música (Centro – RJ)
- Concerto na Fábrica Cera Johnson
Data: 20 de julho – 13:00 e 15:00 horas
(Jacarepaguá – RJ)
- Concerto no Clube Naval
Data: 21 de setembro – 20:30 horas
Clube Naval (Centro - RJ)
- UFRJ Mar
Data: 20 e 21 de outubro – 16:00 horas
(Praia do Forte - Cabo Frio)
- Concerto em evento da UniverCidade
Data: 18 de novembro – 11:00 horas
UniverCidade (Lagoa - RJ)
- Entrega do Troféu Beija Flor 2005 - Rio Voluntário
Data: 5 de dezembro – 10:00
Local: Teatro SESC (Flamengo - RJ)

- Concerto de Encerramento das Atividades (com a apresentação de todos os 61 alunos tocando instrumentos e cantando)

Data: 12 de dezembro – 15:00 horas

Solar Meninos de Luz (Pavão-Pavãozinho – RJ)

- Concerto de Natal

Data: 16 de dezembro – 21:00 horas

Clube Olímpico (Copacabana – RJ)

RELAÇÃO DE CONCERTOS 2006

- Concerto pelo dia das Mães
Data: 12 de maio – 15:00 horas
Teatro do Solar Meninos de Luz (Pavão-Pavãozinho – RJ)

- Encontro de Corais do CCJE
Dia: 29 de maio – 18:00 horas
Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Salão Dourado (Urca – RJ)

- Concerto no Hotel Caesar Park
Dia: 16 de maio – 12:30 horas
Hotel Caesar Park (Ipanema – RJ)

- Concerto de encerramento do 1º Semestre Letivo
Dia 10 de julho – 15:00 horas
Teatro do Solar Meninos de Luz (Pavão-Pavãozinho – RJ)

- I Seminário de Educação Musical da Escola de Música da UFRJ
Dia: 09 de agosto – 16:00 horas
Escola de Música da UFRJ (Centro – RJ)

- Lançamento do Selo “Selando Compromisso”
Dia: 13 de setembro – 20:00 horas
Hotel Caesar Park (Ipanema – RJ)

- Concerto em comemoração a Semana da Pátria
Dia 05 de setembro – 19:00 horas
Clube Naval (Centro – RJ)

- Encontro de Corais “Entre Amigos”
Dia: 09 de outubro – 18:00 horas
Conservatório Brasileiro de Música (Centro – RJ)

- Encontro de Corais do CCJE
Dia: 30 de outubro – 18:00 horas
Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Salão Dourado (Urca – RJ)

- Jornada de Iniciação Científica e Iniciação Artística e Cultural da UFRJ
Dia 08 de novembro – 11:00 horas
Escola de Música da UFRJ (Centro – RJ)

- Concerto de Natal
Dia 12 de dezembro – 18:00 horas
Shopping Nova América (Del Castilho - RJ)

- Concerto de Natal
Dia 14 de dezembro – 12:00 horas
Centro Cultural da Light (Centro – RJ)

- Concerto de Natal
Dia 20 de dezembro – 12:00 horas
Hotel Caesar Park (Ipanema – RJ)

Anexo 3

(ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTA)

ROTEIRO DE ENTREVISTA:

a) Dados pessoais:

- a.1 Nome:
- a.2 Data de Nascimento:
- a.3 Série:
- a.4 Religião: Sempre foi esta ou mudou?

b) Vida em Família e Moradia:

- b.1 Nome dos pais:
- b.2 Irmãos – nome e idade:
- b.3 Vivem todos juntos?
- b.4 Mora mais alguém com você? Quem?
- b.5 De quais pessoas da sua família você é mais próximo?
- b.6 Que importância tem para você a sua família?
- b.7 Sua família incentiva você a estudar?
- b.8 E o que eles acham de você participar do coral?
- b.9 Das coisas que você faz hoje quais as que mais gosta? Quais as que menos gosta?
- b.10 Para você qual a coisa mais importante que já aconteceu em sua vida? Por que foi importante?
- b.11 Como você se descreveria hoje?
- b.12 Você acha que alguma coisa mudou em você nesse último ano?
- b.13 Se você pudesse escolher todos os caminhos de sua vida, como gostaria que ela fosse?
- b.14 Onde você mora atualmente? Você já morou em outros lugares? Quais?

- b.15 Como é sua casa? Você gosta dela? O que gosta de fazer quando está em casa?
- b.16 O que você gostaria que sua casa tivesse que ela ainda não tem?
- b.17 Durante a semana você passa o dia inteiro no solar. O que você faz quando chega em casa? Você tem tarefas a cumprir? E seus irmãos?
- b.18 Como é seu fim de semana?
- b.19 O que mais gosta de fazer quando não está no Solar? E o que você menos gosta?

c) Escola (Solar Meninos de Luz):

- c.1 Quando você começou a estudar no Solar? Onde estudava antes?
- c.2 Por que veio para o Solar?
- c.3 O que você vê de bom no Solar? E de pontos negativos?
- c.4 O que sua família acha de você estudar no solar?
- c.5 Quais são seus colegas mais chegados? Você tem amigos fora do Solar?
- c.6 O que você acha que tem em comum com seus amigos? E o que tem de diferente deles?
- c.7 O que estas pessoas têm que você acha interessante e o que elas têm que você não gosta?
- c.8 O que significa para você o Solar?

d) Coral Meninos de Luz

- d.1 Quando você entrou para o coral? Você já havia cantado antes num coral?
- d.2 Você conhece alguma pessoa, fora do solar que cante em coral?
- d.3 Por que você quis participar do Coral Meninos de Luz?
- d.4 O que você acha das pessoas que cantam aqui com a gente?
- d.5 O que sua família acha de você participar do coral?

- d.6 O que seus amigos fora do coral dizem de você cantar num coral?
- d.7 Antes de entrar para o coral como você imaginava que era?
- d.8 O que você diria a um amigo para convencê-lo a cantar conosco?
- d.9 Como você vê a entrada de novos cantores no coral? Por que?
- d.10 Você se considera um elemento importante dentro do coral? Quando você não pode ir ao ensaio ou a uma apresentação você acha que faz falta? Por que?
- d.11 No coral você é submetido a um conjunto de regras: tem lugar certo para sentar, tem que prestar atenção, não conversar, ficar com uma postura adequada para cantar mais afinado, etc. Regras que exige de você disciplina e concentração. O que você acha destas regras? Em que ponto você concorda e em que ponto discorda?
- d.12 Normalmente, durante o ensaio, nós fazemos técnica vocal, ensaiamos as músicas e depois das músicas prontas montamos as posições que vamos utilizar para cantar. O que você acha de cada uma dessas etapas? Qual a que você mais gosta? Qual a que você menos gosta? O que você acha que poderia ser feito para ficar mais agradável?
- d.13 Você já ficou depois do ensaio ensaiando alguma música ou fazendo algum exercício para melhorar a voz? Em caso afirmativo o que achou da experiência? Como se sentiu?
- d.14 Para você o que é mais importante no trabalho do coro: ensaios, aprendizados, novos amigos, apresentações, conhecer novos lugares? Por que?
- d.15 O que você acha do repertório adotado pelo coral? O que acha de cantar músicas em outros idiomas?
- d.16 Que música mais marcou você?
- d.17 Nós cantamos músicas com estilos bem diferentes como, por exemplo, Panis Angelicus, Al shlosa D'Varim, Aquarela do Brasil e Yonder Come Day. Sua

emoção é diferente ao igual, dependendo do repertório cantado? Se for diferente diga que tipo de música toca mais profundamente você. Qual o tipo de música que menos toca você? Se for igual diga o que sente.

- d.18 Você gosta de aprender músicas diferentes ou prefere cantar músicas que você já conhece?
- d.19 Que música você ouve, canta em casa? E sua família, o que acha destas músicas?
- d.20 Você costuma cantar as músicas do coral fora do ensaio?
- d.21 Você já fez apresentações em vários lugares: Clube Naval, Escola de Música da UFRJ, Franco Brasileiro, Colégio São Vicente, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, na Ilha do Fundão, no Espaço Criança Esperança, Colégio Cidade, aqui no Solar e diversas gravações para o TV. Qual dessas apresentações você achou mais legal? Por que?
- d.22 O que você mais gosta em uma apresentação e o que você menos gosta?
- d.23 O que você sente quando está se preparando para ir cantar em uma apresentação? O que sente antes de entrar no palco? O que sente enquanto está cantando no palco? O que sente quando é aplaudido? O que sente quando termina um concerto?
- d.24 O que acha de conhecer novos corais? Por que?
- d.25 Acha que aprendeu alguma coisa vendo outros corais se apresentando? O que?
- d.26 O que sua família acha de você cantar em coral? Eles costumam assistir as apresentações? Eles comentam alguma coisa com vocês ou com outras pessoas sobre isto? O que dizem?
- d.27 O que você acha de sua regente? Ressalte um aspecto positivo e outro negativo.
- d.28 O que você acha que poderia ter no coral para que ele ficasse ainda melhor?
- d.29 Quais as coisas mais importantes que você aprendeu participando da atividade coral, seja no ensaio ou nas apresentações?

- d.30 Você acha que cantar no coral tem ajudado você em alguma coisa? Se for positivo dizer como.
- d.31 Diga uma obra que você gostaria de acrescentar ao repertório.
- d.32 Qual seu maior sonho? Para você o que é preciso para esse sonho virar realidade?

Anexo 4

(ENTREVISTA COM CRIANÇAS DO CORAL MENINOS DE LUZ)

(NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2004)

a) DADOS PESSOAIS:

a.1. Nome e data da entrevista:

Participante A: 22 / 11 / 2004

Participante B: 29 / 11 / 2004

Participante C: 29 / 11 / 2004

Participante D: 29 / 11 / 2004

Participante E: 01 / 12 / 2004

Participante F: 01 / 12 / 2004

Participante G: 08 / 12 / 2004

Participante H: 08 / 12 / 2004

Participante I: 29 / 11 / 2004

a. 2. Data de Nascimento:

Participante A: 31 / 12 / 1990

Participante B: 13 / 11 / 1991

Participante C: 12 / 07 / 1991

Participante D: 08 / 04 / 1991

Participante E: 16 / ... / 1992

Participante F: 28 / 06 / 1991

Participante G: 09 / 02 / 1994

Participante H: 31 / 05 / 1986

Participante I: 20 / 07 / 1990

a. 3. Série:

Participante A: 6^a Série.

Participante B: 6^a Série.

Participante C: 6^a Série.

Participante D: 7^a Série.

Participante E: 6^a Série.

Participante F: 5^a Série.

Participante G: 4^a Série.

Participante H: 8^a Série.

Participante I: 7^a série.

a. 4. Religião: Sempre foi esta ou mudou?

Participante A: Não tenho. (Nunca teve?) Eu vou numa igreja só que assim... não tem nada.

(Qual Igreja: católica, evangélica?) Eu vou na evangélica. (Mas você não se considera Evangélica?) É. (Então por que você vai?) Porque eu vou desde pequena com a minha mãe. Porque eu gosto de ir, mas pra ser mesmo você tem que se batizar, essas coisas assim...

Participante B: Católica. Sempre foi, desde pequena.

Participante C: Católica. Sempre.

Participante D: Não sei ainda. Tô testando uma de cada uma sabe? Tô experimentando um pouco de cada ainda. (Você já teve alguma religião?) Já, evangélica. (E por que você está querendo mudar?) Não tô querendo mudar, tô querendo experimentar pra ver... que todas pra mim leva ao mesmo caminho, mas eu tô tentando experimentar um pouco de cada uma pra quando eu crescer ter definitivamente uma religião. (Tem alguma que você está gostando mais?) É espiritismo, mas eu já fiz o catecismo, já fiz minha

primeira comunhão, agora tô no espírita desde a primeira série, mas eu já fiz evangelho, já fui batizada nas águas, um monte de coisa... experimentando um pouco de cada um.

Participante E: Católica. Sempre fui.

Participante F: Espírita. Sempre fui.

Participante G: Eu não tenho religião ainda.

Participante H: Católica. Não, sempre fui por causa da minha família.

Participante I: Cristã. Não era, eu era Católica, depois eu vim para a Assembléia de Deus.

b) VIDA EM FAMÍLIA E MORADIA:

b. 1. Nome dos Pais:

Participante A: Da minha mãe é Elizabeth Verônica da Silva Cordeiro e do meu pai eu só sei o primeiro nome que é Paulo. (Você não tem contato com ele?) Não. Mais ou menos assim...

Participante B: Vanda Lúcia Nunes Coutinho e Carlos Bento da Silva.

Participante C: Francisco Martins Maciel e Romilda Roberto do Nascimento.

Participante D: Sheila Martins Ferreira e Robson dos Santos Machado.

Participante E: Luiz Fernando e Jaqueline.

Participante F: Selena Maria Vieira dos Santos e José Antônio Rodrigues.

Participante G: Severino Gomes da Silva Filho, Maria Celeste Ferreira da Silva.

Participante H - Simone Cascemiro e Adilson Modesto.

Participante I: Cristina de Oliveira Cascemiro e Ubirajara Gomes da Silva.

b.2. Irmãos: Nome e Idade

Participante A: Tenho uma irmã. Isis com 10 anos.

Participante B: Tenho. (Quantos?) Dois. O Vitor que é do coral e a minha irmã Ticiane que tem 23 anos. O Vitor tem 11.

Participante C: Tenho. (Quantos?) Dois: um por parte de mãe e outro por parte de pai. Da minha mãe é Tatiane Nascimento Maciel que vai fazer 15 anos 6^a feira e da parte de pai é Fábio, não sei o resto.

Participante D: Tenho. De todos??? (São muitos?) São cinco. Não que vivem comigo, eles não vivem comigo. Os que vivem comigo são dois só, meninos. Eu sou a única menina, minha irmã menina não mora comigo.

Rafael dos Santos Ribeiro, tem 12 anos; Robson Machado Ribeiro, tem 5 anos; Raylane Hilário dos Santos, tem 11 anos; Maycon Martins Coelho Ferreira, tem 12 anos e Gabriel Francisco Ferreira, tem 5 anos também. (E quais deles moram com você?)
Rafael dos Santos Ribeiro e Robson dos Santos Machado.

(OBS.: Para o irmão Robson ela deu sobrenomes diferentes)

Participante E: Tenho dois. Leonel e Eduardo. 15 anos e o outro tem 5.

Participante F: Tenho dois. Fabio Luiz de Andrade e Paulo Maximiliano Santos Rodrigues.
Fábio tem 23 anos e o Paulinho 8.

Participante G: Tenho um. Artur. 13 anos.

Participante H: Tenho. Por parte de pai não sei (risos) por parte de mãe tenho 5 agora.
William, Sabrina, Stefany, Lucas e o bebê que está na barriga que eu não sei se é homem ou mulher.

Participante I: Tenho um irmão, Alexandre de Oliveira Faustinho de 8 anos.

b.3. Vivem todos juntos?

Participante A: Só vive eu, minha irmã e minha mãe.

Participante B: Não. Só mora eu, minha mãe e meu irmão Vitor. Minha irmã mora em outra cidade. (onde?) Cabo Frio.

Participante C: Não. Menos o irmão. (O seu irmão vive com seu pai e com a mãe dele?) Não, meu irmão vive só com a mãe dele. (E o seu pai vive com quem?) Comigo, com a minha irmã e com a minha mãe.

Participante D: Eu, minha madrasta e meus dois irmãos e meu pai. São cinco.

Participante E: Não. Só meu irmão e minha mãe.

Participante F: Ahã.

Participante G: Não. Só mora eu minha mãe e meu irmão. Minha mãe é separada do meu pai.

Participante H: Não, eu moro com a minha vó. (E o resto da família?) O resto dos meus irmãos com a minha mãe. (E seu pai?) Meu pai mora com alguns irmãos meu. O resto mora separado e não sei.

Participante I: Sim. É eu, minha mãe e meu irmão.

b. 4. Mora mais alguém com você? Quem?

Participante A: Não.

Participante B: Não, só a gente. Três pessoas. (Seu pai não mora com vocês?) Não.

Participante C: Não.

Participante D: Não.

Participante E: Mora, meus avós e meus tios e meus primos.

Participante F: Mora, meu sobrinho e minha cunhada.

Participante G: Não.

Participante H: Eu, minha vó e ano que vem minha irmã.

Participante I: Não.

b. 5. De quais pessoas da sua família você é mais próximo?

Participante A: Minha mãe.

Participante B: Da minha mãe!!!

Participante C: Minha mãe.

Participante D: Que mora comigo? Porque eu era mais próxima com minha vó, só que minha vó agora tá morando longe. Ela se separou da nossa família, tá morando em Caxias. Do que eu sou mais próxima mesmo é do meu irmão. Com meu pai eu não tenho muita intimidade porque ele chega tarde em casa do trabalho. Minha madrasta eu ainda não aceitei completamente como minha mãe e meu outro irmãozinho é pequenininho e ainda não entende muito. Eu vou e conto minhas coisas assim pra meu irmão, mas eu tenho uma proximidade com minha madrasta e também com meu pai, tô começando a ter mais... coisa de pai. (E o que aconteceu com a sua mãe?) Mora em Niterói, separada do meu pai desde que eu era pequenininha e quem me criou foi minha vó que eu falei que tinha mais intimidade. (Ela saiu daqui?) Ela saiu...

Participante E: Minha mãe.

Participante F: Minha mãe.

Participante G: Minha mãe e meu irmão.

Participante H: Minha vó.

Participante I: Minha mãe.

b. 6. Que importância tem para você a sua família?

Participante A: Sei lá... Acho que minha mãe é tudo pra mim... (E seu pai?) Ah! Ficaria triste se, sei lá, ele fosse embora, mas não sou muito chegada a ele não. (E sua irmã?) Minha irmã também, gosto muito dela.

Participante B: Dependendo assim, das pessoas da minha família, assim as mais próximas eu acho muito importante, né? Assim, se eu quiser ser alguma coisa na vida, eles me apoiarem. (Por que a sua mãe é a pessoa mais próxima?) Ah! Porque eu vivo com ela desde pequena e eu sou muito apegada com ela...

Participante C: Ué... Muita. Sem elas né nada...

Participante D: Muita... Nossa, uma importância enorme... Se não fosse eles não taria aqui. Principalmente minha vó, ela é como uma segunda mãe pra mim, porque ela não me teve, mas, assim, ela me fez como segunda filha, me criou. Porque quando ela teve a filha dela... ela teve dois gêmeos: o meu pai e o meu tio e duas gêmeas só que a outra morreu. E a filha dela... ela não gosta muito da filha dela. Que a filha dela ela, ela deu tanto amor e deu desgosto pra ela e ela me criou como se fosse uma filha dela. Ela me criou assim como se eu fosse um sonho pra ela e todos os bens dela ela tá tudo colocando em mim, como se eu fosse uma filha dela, não como se fosse uma neta, como se fosse uma segunda filha que ela não teve.

Participante E: Muitas, ela me ensinou a viver a vida.

Participante F: (silêncio) (Vai...) (silêncio) Resposta difícil... (silêncio) Tudo. (tudo?) Tudo.

Participante G: É muitas coisas porque sem elas, sem as pessoas da minha família eu não sei como eu ia viver sabe, as pessoas da minha família são muito legais comigo e muito carinhosas.

Participante H: Minha família? Ah, ela é importante porque se não fosse ela acho que não estaria aqui agora.

Participante I: Não sei, muita porque, da onde eu vim né..... E nós temos que honrar também a nossa família, e eu gosto muito deles.

b. 7. Sua família incentiva você a estudar?

Participante A: Incentiva.

Participante B: Ah! Pelo menos, assim, as minhas tias, a minha mãe, incentivam...

Participante C: Sim.

Participante D: Muito, nossa... Por isso que eu sou uma aluna exemplar, sempre tiro notas boas.

Participante E: Sim.

Participante F: Não, porque eu sou bastante responsável.

Participante G: Ahã...

Participante H: Muito porque eles querem, através deles não terem esse conhecimento, querem que eu tenha sabe, porque não tiveram muita oportunidade no passado.

Participante I: Incentiva.

b. 8. E o que eles acham de você participar do coral?

Participante A: Minha mãe acha bonito, porque ela gosta, assim, de cantar... Ela acha bonito.

Participante B: Ah! Eles acham bom, né? Eles já viram várias apresentações minhas e acharam muito bonito e falaram para mim continuar.

Participante C: Coral? Muito bom. (Só isso?) Humm, humm (afirmativo).

Participante D: Minha vó... Eu sempre conto isso pra minha vó, tudo eu conto pra minha vó, mesmo ela morando longe, eu ligo. Ela fala: melhor fazer isso do que ficar parada em casa. Apesar que aqui em casa eu também não fico parada. Eu ajudo muito em casa. Eu arrumo a casa, cuido dos meus irmãos... Ela me incentiva muito a fazer coral e as outras atividades do colégio. Ela fala que colégio igual a esse eu não vou encontrar, com certeza.

Participante E: Bom. Eles acham bonito.

Participante F: Acham legal, adoram porque eu queria sair, mais eles não deixaram.

Participante G: Eles acham muito bom. Eles acham que assim, o coral da Zezé é um bom coral e sempre minha mãe pede pra eu ir treinando porque é bom o coral.

Participante H: Eles acham que é um dom que Deus me deu sabe, cantar e entre outras coisas e aproveitar e seguir em frente.

Participante I: Eles acham legal, porque minha mãe gosta quando eu canto assim. Ela acha legal eu participar do coral que desenvolve mais a voz.

b. 9. Das coisas que você faz hoje quais as que mais gosta? Quais as que menos gosta?

Participante A: Gosto mais do coral, da bijuteria. Gosto também de dança de salão, mas não tem mais. Também gosto de informática. / Não tem.

Participante B: A que eu gosto mais é do coral. (Por que?) Porque eu gosto de cantar. Comecei a fazer o coral aqui na escola desde de começou... A que gosto menos é Evangelização (Por que?) Ah! Porque é chato, dá sono.

Participante C: As coisas que eu faço hoje? Coral e corte e costura. / Não gosto? Bijuteria.

Participante D: O Coral, que eu me arrependi de ter saído, mas agora eu voltei. Né por nada não, mas porque eu gosto do coral... só. Porque as outras atividades do colégio, tão parada assim... e bijuteria, também, que eu gosto de fazer. / Aula de Evangelização. Que acho que a Isabella poderia mudar um pouco, que ela é muito sonolenta. Metade da sala fica dormindo na aula dela. Às vezes ela poderia mudar, tipo assim, a rota de plano dela de dar aula, entendeu? Porque muita gente dorme e ela fica até sem jeito pra falar, ela fala pra gente lavar o rosto, fica com sono.

Participante E: Capoeira. / Ficar aqui na escola fazendo um monte de coisa. Ficar presa aqui.

Participante F: Capoeira. / Dança.

Participante G: É o coral e teatro. / Eu não gosto muito de percussão e dança.

Participante H: Que eu mais gosto? É a única que eu faço aqui no solar que é o coral (É o que você gosta?) É, e agora o Inglês também./ Que eu menos gosto? A verdade evangelização.

Participante I: Cantar.... Sei lá, porque eu acho que é um don que Deus me deu assim e eu gosto mais porque eu não acho que faço outras coisas melhores.

b. 10. Para você qual a coisa mais importante que já aconteceu em sua vida? Por que foi importante?

Participante A: Não sei... (risos). Nada, assim, que eu lembre.

Participante B: Mais importante? (pausa) Ah! Quando meu sobrinho nasceu... (Por que foi importante?) Ah! Porque eu gosto muito dele. (Faz muito tempo que ele nasceu?) Foi em 2000.

Participante C: Né negócio de família não, é negócio que quando eu tava na Casa Rosa, a outra escola lá, eu tinha furúnculo na perna. Aí o garoto foi e me deu um chute. Aí a moça tirou o negócio do furúnculo. Aí doeu muito. (Por que isso foi importante para você?) Não sei... (risos). (Por que você acha que isso vai marcar você?) Sei lá... (risos). (Por que doeu?) É... (risos).

Participante D: Mais importante? Foi o que? São tantas... Pode ser ruim? Ué, minha mãe, ué... Não pegou a filha dela pra criar, ué, e agora ela quer a filha dela que tá bonitinha, não sei que... Que eu era cheia de problemas, cheia de doenças, minha vó cuidou muito de mim, meus tios também e agora que a filha dela tá assim, já crescidinha, não tem problema, tá na fase da adolescência, mais jovem, ela quer pegar a filha dela pra criar. Mas isso eu vou lembrar. Eu não vou fazer isso com meus filhos. Não vou abandonar

jamais os meus filhos, por mais que aconteça. Primeiro lugar eles e isso eu não vejo da minha mãe. Ela sempre fala, fala, fala só que eu não vejo isso dela. Mas eu gosto muito dela, sabe? Eu até choro às vezes muito por ela...

Participante E: Tudo (Por que foi importante?) Foi assim, cada momento da minha vida eu aprendi mais.

Participante F: (silêncio longo) Quando eu nasci. (Por que foi importante?) Porque eu fui um presente.

Participante G: Coisa mais importante? Não sei.

Participante H: Na minha vida? É ter o apoio da minha família e tá nesse colégio aqui. (Por que é muito importante pra você isso?) Porque eu não fui abandonado desde pequeno, mais minha vó me tem desde recém nascido, pô e ela lutou até hoje pra mim estar aqui no mundo com 17 anos, e quando ela me colocou nesse colégio aqui eu ganhei muito mais recursos e quando eu sair daqui vou fazer uma faculdade tranqüilamente que eu quero fazer. É meu futuro mesmo.

b. 11. Como você se descreveria hoje?

Participante A: Sensível, estudiosa... (Só?) E fico nervosa com tudo, às vezes... (É estressadinha?) É. (Por que?) A sei lá, às vezes dá vontade de brigar com tudo, com todo mundo...

Participante B: Sou uma pessoa responsável e gosto muito, assim, de cumprir as coisas que eu falo... . É, só isso.

Participante C: Inteligente. (Só?) É... legal, também.

Participante D: Participante D? Hoje e sempre. Ela sempre foi ô, muito chorona, muito simpática, amorosa. Eu nunca tive raiva de ninguém. Raiva, ter ódio de ninguém. Nunca tive raiva de ninguém. Se eu brigasse contigo agora, passasse daquela porta eu ia

te pedir desculpa, querer voltar a falar contigo. No colégio quando deixo de falar um minuto com a pessoa eu começo a chorar. Eu sou muito, assim, apegada a qualquer pessoa... Se eu vejo a pessoa, simpatizo com a aquela pessoa, sou muito simpática. Os outros me chamam que eu falo muito, sou muito simpática, carinhosa...

Participante E: Não sei, uma menina assim estudiosa, que quer um futuro bom pra mim.

Participante F: Primeiro eu ia conhecer a pessoa melhor depois eu falaria sobre mim. (Mas aí o que você iria falar pra ela sobre você, como você é?) Engraçada. (silêncio) Sou muito estressada. Só por enquanto.

Participante G: Eu falaria hoje que eu sou uma pessoa melhor do que antes e sou uma pessoa legal que eu gosto de ser amiga das pessoas. Quando assim eu quero uma amizade eu vou até o fim. E eu falaria para as pessoas que é isso.

Participante H: Eu falaria que eu sou uma semente nova. (Por que?) Que tá nascendo agora, porque no passado eu não tinha essa noção de vida o que era assim, mais agora eu tô vendo o que está acontecendo no mundo até perto de mim mesmo, na comunidade. Eu posso tirar de exemplo que muitos queriam estar aqui no meu lugar sabe?

Participante I: Silêncio. (Tipo assim se você fosse falar como você é hoje, como você ia descrever, pra uma pessoa, se a pessoa não te conhecesse e você fosse falar de você pra ela, como que você falaria de você?) É... Um pouquinho séria, simpática assim quando a pessoa me conhece. Quando a pessoa conversa assim comigo eu sou um pouquinho... Sei lá se as outras pessoas me acham simpática, mas o meu negócio é que eu sou muito séria.

b. 12. Você acha que alguma coisa mudou em você nesse último ano?

Participante A: Não. (pausa) Eu sei mais música também... (Mas em você?) Não mudou praticamente nada.

Participante B: Ah! Mudou muito. (O que?) Antes eu assim, eu sabia cantar, mas não sabia afinar muito minha voz, agora eu estou melhor, com certeza. (Então você acha que a mudança em você foi à qualidade da sua voz?) É, ela melhorou muito, bastante... Não tem nem comparação. (E na sua vida pessoal?) Não...

Participante C: Sim. Minha voz mudou no coral.

Participante D: Eu fiquei um pouco mais madura, mas ainda falta muito... (risos), ainda falta muito... Fiquei um pouco mais madura, já tô entendendo... Porque olhando assim pra mim, você fala: “essa garota não é ingênua”, mas eu me acho ingênua ainda. Tem muita coisa que eu não sei. Eu sei muitas coisas porque as meninas ficam conversando na sala. Porque minha vó ela evitou, ela escondeu; ela mostrou o que é certo e errado, mas ela evitou, escondeu certas coisas erradas de mim. Agora eu chego aqui na sala e as meninas ficam falando certas coisas, certos palavrões... Eu não falo palavrão. As meninas ficam falando eu fico boba. Eu escuto palavrão e fica aquilo na minha cabeça. Aí eu fico atordoada, fico confundindo tudo e eu não fui criada assim. Minha educação não foi essa, foi sim, sim senhor, obrigada, não senhora. Não foi porra, puta que pariu... Eu não ouvo um dá licença dessas meninas da minha sala.

Participante E: Não. (Por que?) Porque tudo foi igual aos anos passados.

Participante F: Sim, responsabilidade.

Participante G: Mudou um pouco sim nesses últimos anos... (O que?) Ah, agora de cabeça eu não tenho, mais várias coisas mudou na minha vida.

Participante H: Oh, mudou à beça. (Por exemplo?) Eu sou convidado para participar do coral da igreja, sou convidado prá assim dar aula de música no colégio, não de coral mais de outro instrumento frauta, pô. Muitas pessoas já me conhecem do coral porque me viram na televisão.

Participante I: Eu peguei mais é... tirou um pouquinho mais a timidez. Eu peguei mais intimidade assim com as pessoas.

b. 13. Se você pudesse escolher todos os caminhos de sua vida, como gostaria que ela fosse?

Participante A: Estudar muito e formar em advogada, ter minhas filhas. (Você quer ter filhas? Meninas?) É, quero ter gêmeas...

Participante B: Minha vida? Eu gostaria que a minha vida fosse muito feliz, sem pobremas. Eu ter um emprego bom, pelo menos para sustentar minha família e só.

Participante C: Ué... Do jeito que é, tá dando... (Como ela é, me diz?) Ué, é boa. Não tem tudo que eu quero, mas as coisas que ele pode me dá, ele me dá (Quem?) Meu pai.

Participante D: Ai, sem sofrimento. Basta o sofrimento que eu já tô tendo na minha juventude, por causa da minha mãe. Se eu pudesse ver minha mãe, assim, sempre que eu quisesse...; estar com o meu pai do meu lado, ajudando meu pai...; Minha vó também. Queria que minha vó tivesse até quando eu tivesse maior. Eu não queria perder minha vó agora. Se bem que ela tá jovem, tá com cinqüenta e pouco. Pra você ver, minha mãe me teve quando tinha 14 anos... Era uma criança, era mais um motivo pra me ter deixado de lado...

Participante E: Sonho assim sem nada ruim, tudo bem.

Participante F: Ter uma pet só pra mim, só minha, e estudar bastante.

Participante G: Eu queria que a minha vida seja assim uma vida bem alegre com meu marido, e os filhos que eu tiver. Eu queria ser assim atriz e se eu não conseguir ser eu ia ser dentista que eu adoro mexer em dente e seria uma pessoa bem legal, amiga e se eu pudesse vivia minha vida toda com a minha melhor amiga que eu tenho agora.

Participante H: Primeiro lugar continuar perto de Deus e segundo lugar eu vou continuar assim em dois estilos coral e flauta que é legal à beça. Esses dois já tá na minha vida já.

Participante I: Silêncio... (Como você gostaria que ela fosse seria esse o caminho?) O mais perfeito possível.

b. 14. Onde você mora atualmente? Você já morou em outros lugares? Quais?

Participante A: No morro do Cantagalo. Não.

Participante B: Eu moro no morro do Cantagalo, no Rio de Janeiro. Já. Já morei em Cabo Frio e aqui e só.

Participante C: No morro Pavão-Pavãozinho. / Já. / Tabajara, na Rua Santa Clara, em Ramos e lá no Galo. (Aonde?) No Galo, aqui mermo na Comunidade.

Participante D: No morro. (Aqui no Cantagalo?) Humm, humm (afirmativo). / No outro morro, na Rocinha, só. Sai de morro pra morro, nunca para morar em cidade.

Participante E: No Cantagalo. / Não.

Participante F: Aqui no Cantagalo./ Já. Natal, Botafogo.

Participante G: Eu moro no Cantagalo./ Não nunca. Fui nascida e criada aqui. Minha mãe e meu pai também.

Participante H: Eu moro no Cantagalo / Já tentei morar com a minha mãe lá em Caxias mas não deu certo por causa da família do meu padrasto.

Participante I: Moro no Cantagalo / Não... Passei um tempo fora, em Caxias, mas voltei.

b.15. Como é a sua casa? Você gosta dela? O que gosta de fazer quando está em casa?

Participante A: É pequena. Tem um quarto, uma cozinha, a sala... Ela é pintada, com piso. / É, mais ou menos. Todo mundo queria ter uma casa melhor. / Ver televisão. (Só?) Só (risos)... às vezes escutar música, rádio, também...

Participante B: Minha casa é média. Tem tudo, assim... Tem um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro. (Tem eletrodomésticos?) Tem. / Gosto de ver televisão e bordar ponto cruz. (A sua casa é de tijolo aparente ou é pintada?) É pintada, tem piso...

Participante C: Não tem quarto!!! É só sala, cozinha e banheiro. / Não. / Assistir televisão e comer.

Participante D: Minha casa? É de tijolo, tem três andares e meio, porque tem a área onde ficam os cachorros. Que meu pai tá fazendo obra agora, tá colocando piso agora. Tem um quarto pra mim só, um pra meus dois irmãos. Tem três quartos no segundo andar. Embaixo é a sala, a cozinha e o banheiro. Tem um banheiro no quarto do meu pai e lá em cima é pra festas. É isso. / Gosto. / Estudar, mas aí quando eu não posso estudar, eu arrumo a casa.

Participante E: Minha casa é assim grande, de tijolo./ Gosto./ Ficar vendo televisão.

Participante F: Gosto. / Brincar com os cachorros.

Participante G: Minha casa é grande. Tem... 2 quartos, um corredor, uma cozinha, uma sala, uma varanda e 2, 3 lajes. / Gosto./ É assistir televisão.

Participante H: Minha casa é humilde de pessoas decentes, que antigamente era uma casa normal mas agora tá sendo reformada com a ajuda da minha vó. / Muito./ Que eu gosto de fazer? Dormir (risos) e fazer música.

Participante I: Não, não gosto, do local onde eu moro. Porque é... Tem muitas pessoas assim que olham pra gente com, não com um olhar assim de amizade mas de inimizade. / Cantar.

b. 16. O que você gostaria que sua casa tivesse que ela ainda não tem?

Participante A: Computador. (Algo mais?) Acho que não tem muita coisa não.

Participante B: Um quarto para mim. (Onde você dorme?) Meu irmão dorme no chão e eu durmo na cama com a minha mãe.

Participante C: Quarto. (Dorme todo mundo junto na sala?) É. (A sua casa é de tijolo aparente ou é pintada?) É normal, só não tem quarto.

Participante D: Ah, ela tem tudo, assim! Nem tudo que uma criança quer, mas eu aceito tudo que tem, porque eu sei que meu pai não tem condição de comprar... O que pode ter na casa da senhora que não pode ter na minha? Tem máquina de lavar, tem microondas, tem videocassete, tem DVD... A minha casa é nobre, mas de família humilde.

Participante E: Ar condicionado.

Participante F: Um quarto só pra mim.

Participante G: Eu gostaria de ter em casa um microondas. Só que meu pai, não mora junto com a gente mas ele mora perto, embaixo da minha casa, mas eu queria que ele tivesse junto da minha mãe.

Participante H: Gostaria de um teclado e gostaria, sei lá de uma coisa me incentivando assim a aprender mais música, mais desenhos, livros pra eu aprender.

Participante I: Um quarto só pra mim (Por que? Você divide o quarto?) Eu divido o quarto com o meu irmão.

b. 17. Durante a semana você passa o dia inteiro no Solar. O que você faz quando chega em casa? Você tem tarefas a cumprir? E seus irmãos?

Participante A: É... Tiro a roupa, vejo televisão, depois tomo banho e janto e vou dormir. / Não tem, mas eu faço. Ela obriga a fazer quando tá sujo... Mas eu gosto de fazer, de arrumar a casa. / Não.

Participante B: Chego em casa, tomo banho, fico vendo televisão, aí depois eu vou... eu lanchinho, porque eu não gosto de jantar. / Não. Minha mãe que faz. Só no sábado que geralmente, assim, eu e meu irmão ajudamos ela a arrumar a casa, mas coisas assim básicas como varrer e lavar louça.

Participante C: Ué, eu vou estudo um pouco e depois fico só assistindo televisão. / De vez em quando. (Quais tarefas?) Assim, quando tem louça ela manda eu lavar, varrer a casa... / É, também. (Ela é mais nova ou mais velha que você?) Mais velha.

Participante D: Bom, eu arrumo a casa, cuido do banho do meu irmão. Pego meu irmão no colégio, dou banho nele... (Ele estuda aqui?) Estuda, meus dois irmãos... Coloco a roupa na máquina que junta pra lavar no cesto. Meu irmão maior ajuda a arrumar a casa, depois eu estudo e deixo meu irmãozinho vendo televisão, ou quando ele quer escrever o nome dele que ele chega em cima de mim: Participante D quero escrever meu nome? Aí dou uma folha pra ele e coloco ele pra copiar, porque ele está no Jardim III e só. (E seus irmãos fazem alguma coisa?) Faz. Só meu irmão maior, o pequenininho não faz nada não. Ele só faz quando dá na telha dele fingir que tá varrendo a casa, ele acha que tá varrendo. Aí ele vai com a vassoura... ; enche a garrafa dele de beber água, porque lá em casa tem dois filtros, aí ele enche a garrafinha dele lá no filtro menor que dá no alcance dele e aí fala: Oh, mãe enchi minha garrafa! (Ele chama você de mãe?) Não!!! Pra mãe dele lá... Ele me chama de irmã, ele chama a vó dele e a mãe dele de mãe.

Participante E: Arrumo a casa, tomo banho e vou dormir./ Meu irmão fica jogando vídeo-game.

Participante F: Ligo a televisão e assisto a novela que eu mais gosto, malhação. / Tenho. / Não.

Participante G: Eu chego em casa tomo um bom banho e depois eu vou pra dança de salão e depois eu vou pra outro coral que eu faço 2^a, 4^a e 6^a também. / Tenho. Aos sábados e domingos, ajudo a minha mãe, varro a casa, lavo a louça, e ajudo ela nas tarefas de casa. / Ele estende roupa. Minha mãe sempre manda ele estender roupa porque ele estende muito bem, e ele cuida da cachorra, do peixinho e às vezes arruma o quarto junto.

Participante H: Eu chego em casa tomo um café reforçado, deito na cama, vejo desenho. / Tenho. (O que?) Ir no cachorro esperar ele comer. Cachorro é manhoso, né? Depois lavar minha louça que eu comi e só, porque a casa fica o dia inteiro vazia então não tem bagunça. / É uma ajuda ao outro. Eu ajudo minha mãe, minha mãe me ajuda. Minha vó, né... Mãe-vó.

Participante I: Faço. / Ajudo a minha mãe com as tarefas de casa, porque ela chega tarde do serviço e eu tenho que ajudar ela./ Meu irmão não faz nada. (Nada?) Nada, só joga o lixo fora e quando joga também reclama.

b. 18. Como é seu fim de semana?

Participante A: Às vezes eu vou a praia. Não tem muito lugar para ir não... Às vezes minha mãe me dá dinheiro para ir ao cinema.

Participante B: Meu fim de semana é bom. Todo sábado, assim, eu saio pra ir na praia com minha mãe, meu irmão. Todo domingo, todo domingo mesmo, eu vou a igreja às 5hs da tarde, de 5 às 6. Faço os catecismos que tem lá. Saio da igreja só 7hs. (Qual a igreja que você frequenta?) Ressurreição.

Participante C: É bom. Fico em casa, vou passear... (Onde você vai passear?) Na praia, tomar sorvete...

Participante D: Meu fim de semana? Olha, sábado minha madrasta tá trabalhando. Eu venho aqui sábado de manhã, pra ajudar aqui no colégio, que de manhã eu sou auxiliar das crianças que vêm aqui sábado. Aí eu volto pra casa, coloco a comida no microondas, que já tá pronta. É só arrumar o prato e botar pra esquentar pros meus irmãos. Aí coloco pra esquentar, dou pra eles e fico vendo televisão. (E você sai para passear?) Só saio se falar com meu pai antes. Aí ele deixa eu sair. Sem a permissão dele eu não saio de casa não.

Participante E: Eu vou prá praia, fico em casa arrumando a casa e só, estudando.

Participante F: Às vezes bom às vezes ruim.

Participante G: Meu fim de semana, quando eu não tenho nada pra fazer, ou eu tento arranjar um lugar pra ir, eu vou na praia se tiver um tempo bom, ou às vezes chamo minha prima pra brincar, sabe? Chamo ela pra brincar ou chamo as pessoas aqui da minha sala pra ir a praia andar de bicicleta.

Participante H: Meu fim de semana é casa, igreja, lagoa, jogo basquete, e também outras coisas que eu posso fazer é ficar com a minha vó.

Participante I: Meu fim de semana é lá em casa. Quando é época de prova eu estudo, teste também, e eu vou para a igreja.

b. 19. O que mais gosta de fazer quando não está no Solar? E o que você menos gosta?

Participante A: Não tem... Eu gosto de ficar em casa mesmo. Às vezes eu vou à praia a noite andar. / Quando eu tô em casa muita gente pede assim, para eu fazer favor. Aí eu não gosto muito não. (Que tipo de favor?) Ah!... vai na rua pra mim, na biosca, vai comprar não sei o que...

Participante B: O que eu mais gosto de fazer (pausa) Ô, eu gostaria de tá em Cabo Frio com a minha irmã, com meu sobrinho, mas como eu fico aqui, eu gosto de ficar vendo

televisão. /O que não gosto de fazer? Aí eu não gosto de toda hora ficar subindo em cima da laje para ver a caixa, pra a água não derramar.

Participante C: Quando eu não tô aqui? Brincar com as minhas colegas. / Menos gosto? De sair, não gosto mesmo muito de sair não. (Por que?) Sei lá, gosto de ficar em casa... Ah! É chato sair.

Participante D: Ficar no meu computador, mexendo na internet, em casa. / Aí não tem o que eu não goste de fazer em casa... É ficar na rua, que eu não fui criada pra ficar no meio do caminho. Eu fui criada pra ficar dentro de casa, tipo já uma dona de casa.

Participante E: Ir prá praia. / Lavar a louça.

Participante F: Namorar. / Ficar em casa.

Participante G: Ir para a dança de salão. / O que eu menos gosto é quando eu não estou no Solar é ficar em casa sozinha, porque não tem nada pra fazer em casa.

Participante H: Eu gosto de ir a igreja pra ficar no coral lá mocidade e também ir na Lagoa jogar basquete... / Ficar em cima da laje esperando meu cachorro comer (risos).

Participante I: Ir para a igreja. / Ficar em casa sem fazer nada.

c) ESCOLA (SOLAR MENINOS DE LUZ):

c. 1. Quando você começou a estudar no solar? Onde estudava antes?

Participante A: Quando eu era da primeira série. (Você entrou aqui na primeira série?) É. / Eu estudava no Penedo, aí eu tinha feito a prova para a segunda série, só que como eu era muito fraca, porque tinha estudado no Penedo, aí eu tive que repetir a primeira série. (Penedo é uma Escola Municipal?) É.

Participante B: Ah! Eu tinha uns dois anos de idade. Dois e pouco, assim. / Nunca estudei em outro lugar.

Participante C: É... Quando eu era do Jardim III, acho que quando eu tinha três anos. / Já estudava onde era a casa antes, ali no Pavão, mas aí eu saí de lá.

Participante D: Na 1ª série. Eu fiz uma prova. Eu saí do meu primeiro colégio público, o CIEP lá do Leblon. Eu vim fazer uma prova e me deram a prova errada, de 2ª série e eu fiz tudo tá? Direitinho... Que eu estudei muito. Deixei de fazer uma questão. Como eu chorei. Minha vó me ensinou. Desde cinco anos minha vó me ensinou a ler. Ela pegava os livros dela, da época dela lá e colocava da Rapunzel, da Cinderela, não sei que e colocava pra mim ler, e eu lia. Mas sem muita pressão, porque eu era uma criança ainda. Eu comecei a ler de 4 pra 5 anos, antes de entrar no primário, no CA ainda, no a, b, c, eu já começava a ler já, texto grande. Aí foi... Eu não sabia fazer uma questão comecei a chorar, chorar, chorar, deixei minha vó preocupada ali à toa. Eu tava mais preocupada com a minha vó do que comigo mesma. Aí foi quando a Isabella viu que eu tava chorando muito. Ela pegou a prova e viu que eu tava fazendo a prova errada, que eu tava me matando ali à toa, chorando por nada. Não me deu nem outra prova, me matriculou na 1ª série. Desde a 1ª série. Tô há sete anos aqui no Solar. / No Bom Samaritano, depois eu fui para o CIEP e vim pra cá, mas desde pequena minha vó tá tentando me colocar aqui. (Qual CIEP?) Nação Rubro Negra, lá no Leblon.

Participante E: Quando eu tinha 1 ano. / Nenhum lugar.

Participante F: 2001. / CIEP, João Goulart.

Participante G: Desde 4 meses.

Participante H: Há 4 anos atrás. / Eu comecei no CIEP João Goulart aqui na comunidade.

Depois quando fui morar em Caxias eu estudei no colégio Cassimiro de Abreu, quase meu sobrenome (risos), e agora depois de lá vim pro solar.

Participante I: Eu comecei desde 3 meses, saí no CA e voltei na quinta série. / Castelo Novo.

c. 2. Por que veio para o Solar?

Participante A: Porque minha mãe achou melhor. Também porque a professora do outro colégio faltava muito e porque aqui era perto de casa.

Participante B: Porque ela tinha que trabalhar, não tinha com quem deixar a gente. Porque também é um lugar próximo, assim para ela botar.

Participante C: Por que? Porque minha mãe queria botar aqui porque achava a escola boa.

Participante D: Porque minha vó... Meus primos sempre foram daqui, desde pequenininhos. Minha vó via que o desempenho era muito bom e minha vó queria também que eu não fosse a única excluída da família. Você pode ver que até meus irmãos pequenininhos são daqui agora. Minha vó queria que eu entrasse junto com meu primo, aí foi que minha vó me colocou.

Participante E: Porque minha mãe queria que eu ficasse mais tempo aqui pra não ficar igual às outras pessoas.

Participante F: Porque minha família incentivou.

Participante G: Ela precisava me deixar em algum lugar pra ela ir trabalhar. Aí ela achou essa escola aqui, ela achou o Solar bom, uma escola boa. Com 4 meses ela me colocou aqui com o coração apertado porque tem que trabalhar, sabe. Mas foi bom... Aí com 4 meses ela me botou aqui e até hoje com 10 anos eu ainda estou aqui no solar.

Participante H: Pô, eu fiquei sabendo que o solar é um colégio bom, que era o dia inteiro. Pô minha mãe não queria ficar sabe é... tempo limitado, sabe. Ela queria que eu ficasse o dia inteiro no colégio.

Participante I: Porque eu achei que aqui as crianças assim era mais unidas, porque na escola onde eu estudava o ginásio, o primário não se davam muito bem não, sempre brigavam.

c. 3 O que você vê de bom no Solar? E de pontos negativos?

Participante A: Gosto das aulas de informática, do coral. Também eu acho o estudo daqui muito bom. Aqui também vai dar faculdade de graça para os melhores alunos. / Eles estão botando muita regra na escola. (Que tipo de regra?) Tipo... ano que vem não vai poder mais vir de saia... Vai ser calça comprida, verde.

Participante B: Eu gosto, assim, porque eu sei que o objetivo deles é fazer que as crianças não fiquem soltas pelo morro e aprendam bobagens, coisas ruins e sim que eles fiquem num lugar bom, para eles aprenderem várias atividades. É... Quando crescer ter uma profissão boa, é isso que eu acho. / O que não gosto? (pausa) É que às vezes, assim, por mais que tem que ficar o dia todo. Antes era até às 5, agora é até às 6. É que a gente fica muito preso aqui na escola e não tem quase nada pra fazer, entendeu? Tem muitas aulas, mas tem aula que não posso fazer, dependendo por idade, por série... e é obrigado a ficar aqui.

Participante C: A educação. / Ah!... ter que assistir a evangelização, eu não gosto não. (Por que?) Porque é chato, a mulher fala muito!

Participante D: Que, cara... Tempo integral não é aquele tempo que você estuda de manhã por estudar. Os professores se preocupam contigo. Não é aquele que acabou a aula, apitou o sinal, você vai para a rua. Porque tem criança que não gosta de ficar aqui, a mãe que obriga... porque gosta de ficar na ferra, lá fora, ir para outro lugar, utilizar outras coisas que não é legal. Eu gosto de ficar, porque eu fico o tempo todo. Ocupa o nosso tempo com coisas boas que nós gostamos. / Bom, eu não tenho nada pra falar, porque eu só escolhi coisa que eu gosto de fazer realmente. A única coisa que eu não gosto muito, porque a aula é muito sonolenta, eu gosto porque eu descubro coisas novas, é evangelização. Eu gosto da matéria que ela passa, mas assim, o modo que ela dá aula, isso que prejudica muito não só a mim como a maioria do grupo.

Participante E: Porque ele ensina a gente a fazer coisas boas e dão lazer também./ Às vezes eles não entendem a gente, quando a gente fala pra eles liberar a gente.

Participante F: Alguns amigos. / Acho que nada.

Participante G: Tudo é... As explicações das professoras. O ensino daqui do solar eu acho ótimo. / De ruim... Ah, alguns professores que são meio chatos sabe...

Participante H: O que vê de bom? As atividades que eu tô aprendendo muito, o estudo que é muito forte e agora que eu acostumei ficar o dia inteiro no colégio é normal./ Antigamente eu achava o tempo, agora eu acho o espaço que tá muito pequeno. (Você acha que tá pequeno o espaço do solar?) É tá pequeno, não tem onde brincar, jogar.

Participante I: O estudo mesmo na parte da manhã e algumas atividades. /Das crianças quando brigam e o desespero delas na escola e também um pouquinho da aula de evangelização.

c. 4. O que sua família acha de você estudar no solar?

Participante A: Minha mãe quer me tirar, só que eu não quero me tirar, porque o estudo daqui é muito bom. (Por que sua mãe quer tirar você daqui?) Porque aqui dá muita dor de cabeça, sei lá. (Como, muita dor de cabeça?) Porque eles pedem muita coisa... Não sei explicar... (Que tipo de coisa eles pedem?) É muita coisa... Não sei explicar. Têm muita reunião, essas coisas...

Participante B: Minha família não, né? Minha mãe. Ela gosta porque ela tem que trabalhar e porque também ficar em casa à toa, ela fala que criança ficar à toa não é boa coisa não. Tem que ter alguma coisa pra fazer.

Participante C: Acha que eu vou ter um futuro bom.

Participante D: Já falei, minha vó queria mesmo.

Participante E: Acha bom, que não fico muito influenciada, não saio de casa também.

Participante F: Minha mãe adora, mas o meu pai não gosta. (Por que?) Porque assim, os amigos daqui é... São falsos e eu sou boba pra eles, nós somos bobos, porque são mais espertos do que eu, na malandragem, e eu não tenho maldade.

Participante H: Minha família acha bom porque, eles estão vendo que tô me esforçando, que minhas notas são boas apesar que a escola é forte. Eles estão vendo que no futuro se eu sair daqui eu posso estudar em qualquer colégio que eu vou me dar bem.

Participante I: Elas acham ótimo porque elas acreditam que essa escola possa me dar um futuro melhor.

c. 5. Quais são seus colegas mais chegados? Você tem amigos fora do Solar?

Participante A: Mais próxima a mim... a Participante B, Participante C, a Débora, a Janine... / Não.

Participante B: Aqui... Tem a Participante C, Participante A, Janine e Débora. / Tenho. Eu tenho minhas amigas que moram aqui no morro, mas fora da escola tenho só uma prima minha Michele, que mora do lado da minha casa.

Participante C: Participante B, a Participante A, a Débora e a Janine. / Tenho poucos.

Participante D: Mais chegados? A Participante I, da minha turma, desde a 5ª série. A outra era Juliana, só que ela saiu do colégio. Ela vai voltar ano que vem. Ela foi para Teresópolis passar com a vó dela que tá doente. A Tatiane da 8ª e o resto são todas colegas. Eu, pra mim, todo mundo é meu amigo, só que minha avó fala... Tem menina que gosta muito de implicar comigo, me chamar disso e eu choro. E eu não gosto de ficar de mal. Por exemplo: não fala mais com ela! Eu não gosto de ficar de mal com uma pessoa. Eu gosto de chegar no colégio com um sorriso e falar bom dia pra aquela pessoa e a pessoa me responder com o mesmo sorriso que eu dei. Não chegar bom dia e a pessoa olhar com aquela cara fechada pra mim e eu ficar triste e chorar. Ai minha vó

fala: “Participante D tem amiga que não vai levar você pro bom caminho”. Eu sei que tem amiga que não é a mesma educação que eu tenho. A mãe não dá educação e quer que a menina vá para outro caminho, vá não sei que... / Não.

Participante E: Daqui da escola a Andressa e a Laís.

Participante F: Tenho. Meninos... (Meninos são mais chegados a você?) Ahã...

Participante G: É uma amiga que já saiu da escola, a Leilane, mas mesmo assim eu continuo com ela. A Tainara, filha da Deolinda. Eu acho que eu gosto mais de ficar perto é delas e da Manuela.

Participante H: Pra falar a verdade eu não tenho colegas no colégio. (Não? Nem no coral?) Pô, no coral não é um colega, sabe. Eu venho cantar pra cantar com eles porque eu sou uma pessoa muito isolada das outras. / Tenho a minha família e na igreja agora.

Participante I: Ele é melhor amigo mais me dou melhor é a Bruna da sétima, a Joyce, a Participante D, a Laís. (sorrindo) Quase todo mundo da sétima série. / Tenho. (Muitos?) Poucos.

c.6. O que você acha que tem em comum com seus amigos? E o que tem de diferente deles?

Participante A: Com a Participante B tem muita coisa de diferente. (risos) A gente discorda de muita coisa. (Sobre o que, por exemplo?) Assim... religião, sei lá... ela é de uma forma que não tem nada a ver... (E das outras meninas?) Também tem muita coisa diferente...

Participante B: Ah! Geralmente assim, nós gostamos das mesmas coisas, de conversar sobre algum assunto especializado. Encontrar depois do almoço num lugar só, aqui na escola, pra conversas. Diferente?! Bom eu não sei... cada um tem uma coisa de especial, né? Ah! Eu sou assim, gosto de falar muito. A Débora e a Participante A não gosta, a Janine gosta de falar muito, a Participante C também.

Participante C: Tem em comum? Não sei... Sei lá, o jeito de ser legal. É, mais tem vez que eles chegam perturbado aí. (Como assim?) Assim, tem dias que eles chegam implicando com os outros, gritando, puxando o cabelo, assim. / Diferente? Nada.

Participante D: Eu tenho em comum? Ah!!! Eu e a Participante I uma dá ouvido para outra, nunca cansa de ouvir os problemas. Ela vai na minha casa e eu vou na casa dela. / Que eu não tenho assim... eu sei que eles têm rancor, eu não tenho não. A Participante I não tem não, mas as outras amigas sabe guardar mágoa. Eu não guardo mágoa de jeito nenhum. Eu tento, tento, mas não consigo. Eles ficam pisando em mim, aí a professora fala: vai falar com a Isabella, mas eu não falo não. Parece que eu fico com medo de assim perder aquela amizade que poderia ser boa para mim.

Participante E: Que um entende o outro. / Eu estudo mais e eles não gostam muito.

Participante F: Eu gosto de uma coisa e eles também gostam. / (silêncio) Eles têm a maldade e eu não tenho.

Participante G: Algumas pessoas que falam que eu sou um pouco metida. De brincar; é, eu gosto muito de brincar. / Agora não sei, agora não sei.

Participante H: Em comum? Tem alguns que eu tô conhecendo agora que eu não sei muito da vida deles, mais já sei que eles querem lutar por um mundo melhor. / É que quando eu faço besteira eu melhora, mas não pra melhor, mas pra muito mais melhor do que eu era antes, sabe?

Participante I: Acho que nada. / Seriedade. (Você acha que você é muito séria? Mais séria do que eles?) Não, porque até hoje eu não conheço nem todo mundo eu conheço aqui na escola. Têm pessoas que até hoje eu não falo muito.

c. 7. O que estas pessoas têm que você acha interessante e o que elas têm que você não gosta?

Participante A: É... A gente discorda muito, mas a gente também é muito amiga. / Não sei dizer.

Participante B: Ah! Eu gosto que elas são bastante verdadeiras e uma coisa que às vezes eu não gosto nelas é que às vezes elas estão bastante perturbadas, sabe? (Não. Como assim perturbada?) Tem vezes que elas tiram o dia só para implicar com os outros. Pra perturbar mesmo.

Participante C: O modo delas ser, assim, conversar mais. / Porque a Participante B, ela quer ser muito certinha, aí dá pra agüentar não.

Participante D: Quando elas implicam comigo. Desde pequena elas implicam comigo e eu sempre fui aquela menina chorona que chegava no canto e chorava. / Interessante? Ah, eles são muito simpáticos como eu, sabe?

Participante E: Senso de humor.

Participante F: (Silêncio) Segredos.

Participante G: É porque na verdade os amigos que eu tô falando são meus primos que eu convivo mais que fica mais perto de mim. Eles são muito legais, sabe? Às vezes eu brigo assim, discutir assim, de brincadeira assim, como acontece na família com a minha prima. Mas depois a gente volta a se falar. Eles são muito legais. / Mas que eu gosto neles é tudo.

Participante H: Pô, tem alguns colegas meus que eu acho um máximo porque são muito inteligente, sabe? Eles aprende as coisas muito fácil e eu quero ser melhor do que eles, e outras que eu acho que devem melhorar em muitas coisas, sabe? Ele é pra ser amigo ele é amigo.

Participante I: (Silêncio)... Pega amizade com os outros fácil. / As confusões que arrumam por nada.

c. 8. O que significa para você o Solar?

Participante A: Importância... é que eu quero estudar muito aqui para ter um futuro melhor...

Eu quero me formar em advogada e aqui o estudo é muito bom.

Participante B: Pra mim é uma escola... uma escola, como algumas, não sei se todas, querem o bem dos alunos e que eles vão prum caminho bom.

Participante C: Significa uma esperança de arranjar alguma coisa melhor na vida... De ser uma pessoa diferente.

Participante D: Minha segunda casa, porque eu não vou para outro lugar. É escola-casa, casa-escola. Eu fico muito à vontade aqui... Eu faço dela meu segundo lar.

Participante E: Bom pra aprender e só.

Participante F: Significa uma oportunidade que eles deram pra todos nós estudarmos.

Participante G: Significa uma coisa muito boa porque, se não fosse o solar eu não saberia o que eu tava fazendo agora, onde eu estaria... Não saberia qual era meu comportamento sabe, como eu ia agir.

Participante H: O solar pra mim significa não uma escola só mas sim um lugar que ensina a viver, não a sobreviver no mundo sabe, mas viver uma vida normal, decente.

Participante I: Significa assim, acho que muita coisa. Porque eu queria cursar uma faculdade, sabe e ter um futuro e eu acho que na escola eu vou ter a oportunidade de ter isso aqui.

d) CORAL MENINOS DE LUZ:

d. 1. Quando você entrou para o coral? Você já havia cantado antes num coral?

Participante A: Esqueci. Eu faço desde a época do Caio... É Caio? Esqueci até o nome do professor. (risos) É o professor antes da Zezé. / Não.

Participante B: Entrei desde que começou o coral. Até antes da Zezé tinha um coral aqui, com um professor chamado Caio e eu fazia com ele. Quando ele saiu eu entrei para o coral da Zezé que assim que começou eu entrei também. / Não.

Participante C: Acho que foi em 2001, quando começou. / Não.

Participante D: Nossa!!! Esse é o problema, porque eu entrei assim que inaugurou, não só quando a regente era a Zezé. Eu não me lembro quando começou o coral. Tinha um outro regente. Eu sempre fiquei no coral, só que foi esse ano, no começo do ano, entrou essas criança nova. Aí eu falei: esse coral não vai dar certo com essas crianças. Não sei o que aconteceu comigo que eu emburrei. Fechei a cara e sai, falei assim: eu não vou ficar no coral esse ano e sai. Aí foi passando o tempo, me arrependendo, a Zezé falando que eu ia me arrepender do que eu tinha feito, que eu tinha que aceitar as crianças e eu vi que as crianças não tavam atrapalhando em nada. Aí aproveitei que a Isabella me chamou, eu conversei com ela e ela foi e me colocou e agora tô de volta. Mas não foi nem um ano que eu fiquei fora, foi só uns meses só. / Não, só aqui no colégio.

Participante E: Na 4ª série

Participante F: Quando eu entrei na escola.

Participante G: Ano passado (2003) / Aqui da escola não, mas em um lugar que eu canto que eu fiquei um tempo afastada mas agora eu voltei de novo.

Participante H: Eu entrei no coral quando o coral começou. Foi uns quatro ou cinco meses que eu coral começou. / Não eu achava minha voz horrível. Eu achava que eu não sabia cantar.

Participante I: Foi no ano de 2002.

d. 2. Você conhece alguma pessoa, fora do Solar, que cante em coral?

Participante A: Conheço, mas não sei o nome dele não. (Ele é um vizinho, um amigo seu, da sua mãe?) Não, ele mora no morro, mas eu não conheço não. (Ele mora na comunidade, mas você não o conhece?) É. Ele já veio aqui, já cantou com o nosso coral...

Participante B: Não.

Participante C: Não.

Participante D: A Participante I na Igreja. A Participante I canta muito.

Participante E: Não.

Participante F: Não. Se eu conheço? Não

Participante G: Em algum coral? Eu conheci duas meninas que era da UFRJ, que a Zezé dá aula de música, a Daruã e a irmã dela. Eu esqueci o nome.

Participante H: Fora do solar? Conheço, minha prima, a Participante I canta na mocidade da igreja. E eu também canto lá agora.

Participante I: Não, só na igreja mesmo.

d. 3. Porque você quis participar do Coral Meninos de Luz?

Participante A: Porque eu acho legal cantar... Eu gosto.

Participante B: Eu quis participar porque eu gosto de cantar assim... E eu achei que ia ser bom para mim.

Participante C: Porque é bom... Sei lá.

Participante D: Ah, porque eu gosto de cantar...

Participante E: Porque eu achava minha voz assim boa pra cantar. .

Participante F: Porque eu queria, queria provar o que era cantar. Aí quando eu comecei a fazer e gostei.

Participante G: Porque quando assim, é a partir da terceira série que pode escolher o coral, sabe. Aí eu descobri que... porque meu irmão ele canta, porque ele cantava aqui no coral mas ele saiu da escola. Aí ele tem uma voz muito boa. Aí eu queria cantar também. Aí eu descobri que a minha voz também era boa. Aí eu entrei pro coral.

Participante H: Falar a verdade é eu não tinha nenhuma atividade pra fazer. Aí tipo que tava me obrigando a fazer uma atividade. Eu tava à toa. Já que a minha prima é do coral eu vou pro coral. Aí cheguei no coral, gostei. A Zezé gostou da minha voz... foi forçando... eu gostava de música...

Participante I: Foi aquilo que eu disse, pra eu poder melhorar mais a voz.

d. 4. O que você acha das pessoas que cantam aqui com a gente?

Participante A: Ah! ... Algumas são muito chatas, quer dizer... Eu achava que a Zezé tinha que tirar logo essas crianças... (Por que são chatos?) Porque a Zezé tem que falar dez vezes e eles não obedecem... A Kelly, por exemplo, ela fala dez vezes com ela e ela continua fazendo a mesma coisa.

Participante B: O que eu acho das pessoas? Bem eu não conheço todas as pessoas que cantam, porque tem uns que são de turma maior, outras de turma menor... (Turmas diferentes?) É turmas diferentes. Mas eu acho que a maioria tá aqui para poder aprender a cantar direito, pra ter, sei lá, ter uma voz melhor, aprender a cantar melhor. (Mas o que você acha deles: são legais, chatos?) A maioria é chata.

Participante C: É... Acho legal, todo mundo cantar junto...

Participante D: Bom...

Participante E: Acho que elas lutam prá ficar com uma voz boa e fazer apresentação boa.

Participante F: O que eu acho? (silêncio) Eu acho bom porque, quanto mais pessoas, melhor ainda.

Participante G: Eu acho elas bem legais, sabe. Eu acho as pessoas aqui do coral muito legais mesmo, as pessoas principalmente porque eu convivo mais com as pessoas do coral que eu gosto. É a Participante F, Tainara, Daniele e a Tatiana e a Participante C.

Participante H: Quando o pessoal tá unido eles são muito bom, mas quando eles entram no coral são uma coisa, mas depois sai do coral eles mudam. Eles são tipo assim, eles se afastam da gente. Não é que o coral foi bom tirando algumas pessoas que não são amigas, mas também não são falsas entendeu?

Participante I: Eu acho que elas deviam ter mais interesse assim, não que elas não tenham, mas que tenha mais pela música. (Você acha que elas têm pouco interesse?) Não, até tem algumas que até tem, mas tinham que se empolgar mais.

d. 5. O que sua família acha de você participar do coral?

Participante A: Minha mãe acha bonito.

Participante B: Minha mãe acha bom, porque antes minha mãe ia a quase todas as apresentações do coral porque ela saia cedo do trabalho, mas agora, geralmente, não tá dando mais porque as apresentações estão sendo muito . Aí não tem como ele ir mais. Mas ela gosta que eu participe, que meu irmão participe também do coral. Ela acha muito legal.

Participante C: Ela acha que é bom, assim... Aquecer um pouco a voz e talvez até ser cantora (risos).

Participante D: Bom, minha família não, minha vó acha bom eu participar. Fazer uma coisa que eu gosto, que vai me fazer bem. Que até às vezes, o coral, quando eu me lembro de coisa triste, é bom pra mim esquecer. Eu me animo um pouco com o coral.

Participante E: Acha bom.

Participante F: Acha bom.

Participante G: Minha mãe acha que é bom.

Participante H: Minha vó acha muito bom.

Participante I: Acha ótimo.

d. 6. O que seus amigos fora do coral dizem de você cantar num coral?

Participante A: Acham nada, porque todos cantam. Eu não tenho amigos fora da escola e aqui todos já cantam.

Participante B: (Você disse que só tem uma amiga fora do Solar que é sua prima. O que ela acha de você cantar no coral?) Ela acha bom. Ela já foi a uma apresentação minha, que minha mãe levou ela e ela achou bom. Ela disse também que, se estudasse na escola, ela gostaria de fazer coral também.

Participante C: Ué eles... Tem uns que fala que é chato, que não sei que, mas tem uns que até quer fazer, mas não estão aqui na escola.

Participante D: Que eu levo jeito, ué... .

Participante E: Falam que é chato.

Participante F: Dizem que eu sou ruim. (Por que?) Não sei, porque tem uns que implicam comigo. Falam, mas eu nem ligo.

Participante G: Às vezes nada porque eu não falo pra todo mundo que eu canto no coral, mas quando eu falo eles falam que é legal cantar no coral.

Participante H: É por eu não tenho amigos, nunca falo nada, sabe? (Mas seus conhecidos? Eles não dizem nada?) Ah, meus conhecidos falam pô, se você canta bem no coral você é bom. É, eu não sei, só vocês vendo, porque eu sei, eu acho que eu sou ruim, né (risos). Eles gostam de ver a pessoa cantando.

Participante I: Tem algumas que me incentivam a cantar mais, porque elas conhecem minha voz. (O que elas acham da sua voz?) Acham bonita (risos).

d. 7. Antes de entrar para o coral, como você imaginava que era um coral?

Participante A: Eu achava que era só chegar lá e cantar, sei lá... Não precisava desse trabalho todo. (E agora?) Agora não. Tem trabalho, tem que estudar a voz...

Participante B: Ah! Eu imaginava como eu vejo hoje: a professora ensinando os alunos e assim... de acordo como eles vão aprendendo vão fazendo as apresentações. Isso.

Participante C: Imaginava que era chato...

Participante D: Ah!!! Do jeito que tá sendo agora, não imaginava nem um pouquinho diferente. (E como ele está sendo agora?) Ué, assim, tem aqueles que cantam bem, que não atrapalham em nada; mas tem aqueles que cantam, mas que querem atrapalhar; tem aqueles que já atrapalham mesmo de propósito, tá ali só pra atrapalhar. Tipo uma aula de matemática, a professora tá passando matéria nova, sempre tem um que tá prestando atenção, sempre tem um que tá atrapalhando e sempre tem uma que não quer nada com a vida. Só tá ali porque a mãe mandou.

Participante E: Bom assim, bom pra aprender a deixar a voz no lugar, pra ensinar a voz. (O que você imaginava que era um coral antes?) Chato.

Participante F: O que você falou? Eu achava que eu ia cantar que nem as pessoas que cantam bem.

Participante G: Eu pensava que, eu não sabia como que a regente ensinava a música.

Pensava que passava uma vez ou levava um papel pra casa pra ficar treinando. Eu não sabia como é que as pessoas do coral faziam para cantar a letra da música.

Participante H: Pô, eu pensava que era aquilo com um maestro na frente com a varinha na mão fazendo vários movimentos e a gente cantando o que tava escrito num na televisãozinha lá alguma coisa assim, lendo e cantando (risos).

Participante I: Ah, eu achava que era chato. (Por que?) Porque eu via assim era muitas pessoas, sabe. Aí ficava e achava que dava sono nas pessoas, mas depois que eu soube o que era estar no coral eu achei mais interessante, gostei mais.

d. 8. O que você diria a um amigo para convencê-lo a cantar conosco?

Participante A: Vem pro coral porque tem muita apresentação e lá vai ter muita comida. (Só isso?) Só.

Participante B: Ah!... Eu ia falar pra ela que é muito bom, que a gente faz várias apresentações, que nós vamos a muitos lugares, que aprendemos bastante. Eu ia falar isso.

Participante C: Eu ia falar que o coral é bom, só uma coisa chata: é que todo mundo fica falando, aí não dava pra prestar atenção na aula.

Participante D: Primeiro eu ia saber se ele gostava de cantar. Se é uma coisa que ele gosta de fazer então faça como eu. Eu faço coral porque eu gosto, não porque eu fui obrigada eu faço porque eu gosto, porque eu quero. Faça você o mesmo. Quando a gente quer uma coisa a gente consegue. É só batalhar por ela.

Participante E: Porque as músicas que a gente canta aqui pra eles deve ser um aprendizado.

Participante F: Vem pro coral porque, vai ficar ocupado com alguma coisa, vai aprender músicas.

Participante G: Eu ia chamar essa pessoa pra vim pra ela conhecer o solar, no coral aqui pra ela de repente era mais uma ajuda assim no solar, no coral. Só conhecer o coral porque o coral é bem legal, tem pessoas legais que tem uma voz boa.

Participante H: Primeiro eu perguntaria se a vida dela estava completa, aí se ela falasse que não, aí eu falava: Falta um pedacinho? Quer entrar no coral pra você saber que pedaço é esse? Aí ela ia perguntar por que? Não vai ter nada haver, né? Falei assim não, mas a música muda muito a pessoa, porque é verdade a música muda tudo ainda mais o coral que é vários tipos de músicas assim. (Mas o que você acha que tem de atrativo no coral que chama a atenção?) A música. (risos)

Participante I: Ah, depende se a pessoa tivesse assim... porque tem algumas pessoas que a gente vê mesmo que tem aquele certo dom, mas se eu acho que a pessoa tem que melhorar mais tento incentivar bastante, falar pra ela como é importante aquela coisa pra ela. Porque Deus não deu isso pra ela à toa.

d. 9. Como você vê a entrada de novos cantores no coral? Por que?

Participante A: Não é muito legal porque às vezes atrapalha o coro, né? Porque o coro assim, já tem dois anos. Aí vem chegando gente nova que não sabe nada, tem que começar tudo de novo... Eu acho meio chato isso. (Você não acha que gente nova é importante, para mudar?) Até é, mas é meio chato ter que começar tudo de novo.

Participante B: Eu não acho bom. Porque aí a Zezé repete, assim as mesmas coisas, que eu que entrei desde o começo tenho que aprender tudo de novo. Fica meio chato, né? Que aí eles começam a fazer uma coisa errada, o coral não rende muito. Aí fica meio chato.

Participante C: Eu acho que eles... Oh, tem gente que entra no coral só por causa do lanche e tem outros que entram porque gostam mermo. Igual ano passado, só entrou gente por causa do lanche.

Participante D: Foi o que aconteceu comigo... (risos). Eu achava que não ia dar certo, mas agora eu vejo que é bom, ué. Que as pessoas que entraram não prejudicaram muuuuito.

Participante E: Acho ruim porque eles não sabe, ainda são pequenos. Aí fica fazendo bagunça lá...

Participante F: No começo eu acho chato. (Por que?) Porque, tem que ficar falando as coisas que as pessoas velhas já sabem.

Participante G: Eu acho legal, são novas vozes, novas experiências. Eu só tô acostumada a ficar com as mesmas pessoas. Aí entra uma pessoa nova já é uma novidade.

Participante H: Sei lá, antigamente eu achava que assim que entrar as pessoas novas ia atrapalhar os velhos porque, ia ter que repetir música, ficar um pouco tempo com aquela pessoa, passar isso, passar aquilo. Mas agora não porque a gente aprende até com os novos também. Porque se a regente passar a música pra gente de novo nós vamos estar fazendo a música de novo, ensinando pra eles e aprendendo coisa nova com eles mesmo, sabe, assim, de se comportar, aprender coisas a beça com eles.

Participante I: Ah, por enquanto eu tô achando que elas, é muita criança. (Por que?) Porque elas fazem muita bagunça.

d. 10. Você se considera um elemento importante dentro do coral? Quando você não pode ir ao ensaio ou a uma apresentação você acha que faz falta? Por que?

Participante A: Considero. (Por que?) Sei lá... Acho que canto bem... / Acho. (Por que?) Porque fica faltando uma voz, sei lá...

Participante B: Eu me considero, não importantíssima, mas um pouco importante, né? Eu acho que faço falta, mas pouca. (Por que?) Ah! Porque minha voz é assim mais ou menos, não faz diferença. (Você acha que sua voz é mais ou menos?) Não, eu acho minha voz boa, mas se faltar uma voz no coral, uma só, não acho que vá fazer diferença não.

Participante C: Mais ou menos. (Por que?) Ah! Sei lá... . Porque eu comecei primeiro, assim. Aí eu tenho a voz mais determinada. / Mais ou menos. (Por que?) Sei lá... Falta da bagunça... (Você sente falta da bagunça?) É. (risos) (Mas a pergunta não foi essa. Repeti a pergunta) Sim. (Por que?) Não sei.

Participante D: Não, ainda não. Eu era, já fui, mas agora eu tenho que reconhecer... (Por que você acha isso?) Ué!!! Porque eu fiquei afastada um pouco do grupo. Pra mim os elementos importantes são aqueles que ficaram desde o começo. Não se afastaram nem um minuto, como os motivos bobos como o meu. / Eu não acho que faz falta, eu sinto falta..., eu sinto falta de fazer aquilo. No dia que eu tava doente ou no dia que teve um negócio que não deu pra mim vir pro coral, fiquei péssima, não tinha nada pra fazer. Eu parada em casa, podendo tá no coral... Se eu tivesse no coral eu não tava parada, mesmo doente. Eu já vim pro coral com dor de cabeça, com febre, mas eu já cantei já.

Participante E: Sim. / Eu acho. (Porque?) Porque assim, todos fazem falta, mas porque tem 1ª voz, 2ª voz, que precisa de uma voz assim, boa pra cantar.

Participante F: Sim. / Sim. Porque a união faz a força e se um faltar vai fazer falta.

Participante G: Ahã... / Acho que sim porque eu acho que agora a minha voz é boa. Aí eu acho que eu ajudo na 1ª voz.

Participante H: Isso porque eu não faltei nenhuma mas a Zezé também nunca falou que eu sou importante. É porque nas vozes graves só tem dois, agora três. Se eu faltar vai fazer uma diferença, mas não é muito, muito importante. Pode até ser pra Zezé, mas pra mim

não. Mas prefiro nunca faltar porque eu gosto de participar. (E também todas as pessoas do coral são importantes né? Todo mundo ali.) É um conjunto se um faltar quebra a corrente.

Participante I: Não. (Por que?) Mas como assim importante? (Você acha que você faz falta numa apresentação ou no ensaio do coral?) Ah, faz falta porque a Zezé mesmo fala que quando uma pessoa falta mesmo que a gente pensa que ela não faz falta no coral mas ela sempre faz, sempre tem uma pessoa que faz, todas as pessoas fazem falta no coral.

d. 11. No coral você é submetido a um conjunto de regras: tem lugar certo para sentar, tem que prestar atenção, não conversar, ficar com uma postura adequada para cantar mais afinado, etc. Regras que exigem de você disciplina e concentração. O que você acha destas regras? Em que ponto você concorda e em que ponto discorda?

Participante A: Acho que tá tudo certo. (Você concorda com todas?) É.

Participante B: Eu acho corretas, né? Porque se você cantar numa posição assim, cantar deitado, sua voz não sai totalmente. Não sai correta como se você ficar direito sentado na cadeira na posição correta, com a boca na posição correta. Sai muito melhor sua voz. / Não, não tem nenhuma. Não discordo de nada.

Participante C: Eu acho que...ô... Por mais que ninguém cumpra, eu acho que é boa sim. / Concordo, mas ninguém cumpre. / Não.

Participante D: Nossa!!! São totalmente corretas. São essenciais para sair uma afinação correta ou até mesmo para o futuro desse próprio aluno. O aluno sempre tem que sentar numa postura correta, ter modos porque isso vai ser para a vida, etiqueta pra vida toda dele. Ele conseguir um emprego, o emprego vai bater na porta dele, ele vai chegar lá para o patrão, ficar todo desajeitado? Ele tem que ter uma postura correta. Até na sala de aula ele tem um lugar certo, não vai quere pegar o lugar do outro para arrumar

confusão. Na minha sala tem gente que faz isso de propósito pra arrumar confusão, intriga. Quer brigar, acha que quem mora no morro tem que fazer briga pra ficar famoso. / (Você discorda de alguma?) Nenhuma.

Participante E: Acho meio chata, mas no final de tudo é bom pra gente. / Concordo em sentar em lugar assim, mais às vezes podia até falar algumas coisas assim.

Participante F: Ao mesmo tempo chatas e ao mesmo tempo boas, porque, a professora Zezé faz isso pro nosso bem. É bom pra gente aprender.

Participante G: Eu acho as regras certas porque se a gente ficar conversando não vai ter como ensaiar as músicas. Se ficar em pé, às vezes cansa. É bom ficar sentado. Cansa ensaiar as coisas quando a gente levanta. / Se eu descordo? Não.

Participante H: Pô, eu sei que temos que respeitar regras, mas às vezes eu acho assim, que depois, no ensaio, não precisa ser tudo ao pé da letra não sabe. Se não for no ensaio assim pra apresentação. Mas quando é ensaio de longe da apresentação, que a gente sabe que a gente pode cantar, não precisa ter muita regra não. Pode fugir um pouquinho, tipo hoje que eu tô cansado, com dor de cabeça...

Participante I: Ah, eu acho que é importante porque se a gente não seguisse essas regras a gente não ia cantar direito. / Não. (Você concorda com todas ou teria alguma pra acrescentar?) Eu acho que não. Não tenho não.

d. 12. Normalmente, durante o ensaio, nós fazemos técnica vocal, ensaiamos as músicas e depois das músicas prontas montamos as posições que vamos utilizar para cantar. O que você acha de cada uma dessas etapas? Qual a que você mais gosta? Qual a que você menos gosta? O que você acha que poderia ser feito para ficar mais agradável?

Participante A: As posições eu acho que dá mais um tchan na apresentação. Fica mais bonita. (E do ensaio?) Pra poder a gente cantar bem, né? (E da técnica vocal?) Pra

poder afinar. / Aprender as músicas. (Por que?) É bom aprender música nova. / Às vezes levantar para fazer as posições... Eu fico cansada. / Nada. Não tem nada que possa fazer... (Por que?) É porque às vezes é preguiça mesmo.

Participante B: Eu acho bom, porque não tem como a gente cantar sem ter um preparo vocal. Porque assim, se você chegar logo num coral e ai cantar, às vezes prejudica até mesmo a sua voz, entendeu? Aí se não consegue cantar é nada. / Ah! Eu gosto mesmo é quando a gente tá aprendendo as músicas. (Por que?) Ah! Porque você começa a aprender a música nova. É legal, é divertido. / A que não gosto... Ah! Eu não gosto assim depois que eu aprendo a música ficar repetindo sempre a música e também na hora de ensaiar as posições. (Por que?) Porque... Eu gosto quando faz posição, mas não quando fica ensaiando muito porque fico cansada de ficar em pé. / Mais agradável... As crianças serem mais comportadas, falarem menos e também ter um pouco mais de tempo de aula, porque uma hora não dá pra ninguém cantar.

Participante C: É... Sei lá, eu acho bom. / Ensaiar as músicas. (Por que?) Porque assim prepara mais a voz para a apresentação. / De ficar arrumando posição. (Por que?) Ah! Porque é muito chato. (Por que?) Anda pra lá, anda pra cá e para e vai de novo... / Para ficar mais agradável? As pessoas prestar mais atenção na aula.

Participante D: Muito boas. Até minha amiga Participante I, ela fala, quando a gente chega na sala, ela comenta: nossa a Zezé ela é uma regente profissional mesmo. Minha voz muda muito. Que a Participante I ela canta, só que ela canta pra ela. Sem microfone, ela canta pra ela, não dá pra ouvir muito o que ela canta. Aí a gente fala: Participante I, mais alto. Só que aí quando ela faz com a Zezé a voz dela fica muito alta e bonita. Pra mim é bom, porque sentir minha amiga feliz, tá bom ué? / Da técnica vocal. / Nenhuma. / Nossa, a Zezé acho que já tentou fazer de tudo que poderia ser feito para o

ensaio ficar mais agradável. Pra mim tá bom do jeito que está. Agora só falta à colaboração dos alunos.

Participante E: De cantar só... / Acho bom pra gente ver, pra gente passar as músicas, pra ter mais coisa pra fazer e não ficar parado só passando as músicas... / Levantar pra fazer posição./ Ela brincar com a gente às vezes.

Participante F: De aprender músicas novas. / Das músicas? (Não, das etapas...) Tem que ficar arrumando as posições. / Nada; do jeito que tá, tá bom.

Participante G: É, eu acho bem legal porque se a gente ficar cantando, fica meio enjoado, o público não sei se às vezes não gosta. Fica meio enjoado ficar parado no mesmo lugar cantando várias músicas. Aí é bom as posições que ela passa, cada uma de um jeito. / Ensinar as músicas. / Não, acho que nenhuma, as posições que fica em pé, quando eu estou muito cansada, aí tem que ficar em pé, mas eu gosto das posições.

Participante H: Pô, eu achava, no começo assim, sabe, é de aquecer a voz é horrível. Não sei pra que aquecer a voz se a gente vai cantar, mas tudo bem. Aí depois eu fui ver que aquecendo a voz a gente fica com ela mais solta assim, fica melhor. E depois a gente vem pra posição. É bom porque a gente aprende já, desde o começo a respeitar regra, pra quando chegar na apresentação se a Zezé for dar um ensaio chegando à apresentação, já tá ciente do que tem que fazer. Até algumas pessoas não sabe, né? Mas tudo bem (risos) / Eu acho... Deixa eu ver... Não tenho uma preferida não, mas as posição são melhores. / A que eu menos gosto é aquecer a voz. / Ainda melhor? (É mais agradável?) Deixa eu ver. Colocar uma tecnologia super avançada... Tô brincando (risos). Não, eu acho que tá bom assim... Mais músicas novas.

Participante I: Ah, às vezes assim é muito chato de ficar vendo posição toda hora, fazendo a mesma coisa toda hora. Mas acho importante porque dá mais um realce assim com ela. / Da técnica. (Por que?) Ah, sei lá eu acho que tudo é legal, mas as técnicas que a Zezé

coloca pra gente./ Ah, das posições. / É que as pessoas fiquem mais, é se interessem mais e fiquem mais quietas.

d. 13. Você já ficou depois do ensaio ensaiando alguma música ou fazendo algum exercício para melhorar a voz? Em caso de afirmativo o que achou da experiência? Como se sentiu?

Participante A: Não.

Participante B: Não. Pelo menos aqui na escola não. Eu fico em casa quando chego todo dia do coral, eu fico cantando as músicas que a Zezé passou.

Participante C: Não.

Participante D: Isso aí foi ano passado, não foi esse ano. Eu ainda não quis ficar com a Zezé por motivos... Porque eu tava com vergonha e medo, que eu senti no momento dela fazer o ensaio. Ela falou: Participante D vamos pra mim ver que voz você vai ficar? Ela me colocou na contralto porque, assim, ela falou: você cresceu muito Participante D. Sua voz mudou. Você já tá uma moça, já. Então vamos ver a sua voz. Era só pra cantar a música “Ai que saudade d’ocê”, com a minha voz normal, mas eu cantei assim com vontade de ficar afinado e ela foi e me colocou na 1ª voz. / Eu achei um momento deu própria me ouvir, pra mim saber onde que foi o meu erro. Pra quando tivesse todo mundo, talvez eu tivesse errando e colocando a culpa no meu próximo, mas eu nunca fiz isso, sabe? E nunca vou fazer... não sei, né? Só para saber onde eu tô errando... / Humm, humm (afirmativo).

Participante E: Já. / Achei bom, ela me ensinou a afinar mais a voz.

Participante F: Pra piorar? (Pra melhorar... risos) Já. / Eu acho bom porque ela dá mais atenção pra mim.

Participante G: Eu acho que já, mas eu não me lembro direito o que que é.

Participante H: Já, testando a voz até a onde a voz vai. / Foi bom porque nem eu mesmo não sabia onde eu podia ir. (E como você se sentiu?) Sei lá. Me senti assim é pô, eu sei cantar! (risos).

Participante I: Já. / Ah, eu achei muito bom porque a que a Zezé faz quando ela fica na sala sozinha, ela faz umas técnicas assim, mexe com a gente, que a voz aumenta mais, incrível né? É só pra profissional mesmo.

d. 14. Para você o que é mais importante no trabalho do coro: ensaios, aprendizados, novos amigos, apresentações, conhecer novos lugares? Por que?

Participante A: Os ensaios para a apresentação. Também é bom conhecer lugares novos, cantar para as pessoas...

Participante B: Ah! Pra mim é o ensaio. Porque ir a lugares acho que é o que pouco importa. Que se a gente ensaiar e se apresentar aqui mesmo na escola, tá bom. Pelo menos tá aprendendo músicas novas, até mesmo culturas que a música apresenta.

Participante C: O aprendizado. / Pra aprender mais músicas, pra poder também melhorar a voz.

Participante D: O ensaio. / Ué, porque sem o ensaio você vai cantar nas apresentações pode ser Paris, pode ser Estados Unidos, pode ser Washington, na Casa Branca, pode ser o lugar que for; pode ser no barraco que tiver caindo ali. Que que adianta você chegar lá não saber cantar ou cantar desafinado, totalmente errado? Quem vai ficar péssima? Além dos alunos vai ficar mais ainda a regente que vão falar que a regente é burra, que comprou o diploma na padaria. Que não conquistou o objetivo.

Participante E: Tudo. / Tudo isso a gente vai aprendendo. Não tem qual é o melhor.

Participante F: Aprendizado. (Por que?) Porque você vai aprender mais coisas.

Participante G: Não, o conhecer novos lugares é bom sim, mas é as músicas. São legais. Eu não me importo com a apresentação. Olha a gente pode ficar só aqui cantando. O importante é cantar, participar. Mas se a gente for num lugar assim fazer mais apresentações é bom. A gente conhece novos lugares mas o coral é bom.

Participante H: Deixa eu ver. Os ensaios e conhecer novos lugares porque além de lugares conhece novas pessoas.

Participante I: Ah, os ensaios, conhecer novos lugares também. (Por que?) Porque eu não saio daqui. Eu não saio pra outros lugares e eu gostaria de conhecer. Assim conforme vai tendo as apresentações vou conhecendo mais pessoas, conhecendo mais.... é... corais, outros grupos. Também e é bom.

d. 15. O que você acha do repertório adotado pelo coral? O que acha de cantar músicas em outros idiomas?

Participante A: Eu acho bom. Só que às vezes a gente canta muita música repetida. Eu não gosto muito da música “Menina” não. (O que você chama de música repetida? E a que tem várias letras?) Não. Repetida é assim que a gente canta várias vezes em várias apresentações. / Acho legal.

Participante B: Ah! Eu acho boas. A Zezé escolhe as músicas muito bem para nós cantarmos. / Eu acho bom. Eu gosto.

Participante C: Ah! Eu não gosto muito não. Musica antiga sabe... Sei lá. (Qual música antiga que você não gosta?) Ah! Sei lá!!! Todas as apresentações a gente canta quase a mesma... Brasil, não sei que... / Legal.

Participante D: Ótimo... Poderia ser melhor. / Gosto. É bom, além de já... tô aprendendo na 7ª série inglês e espanhol, até. Eu não sei, por exemplo, francês eu não sei. Tem música em francês, em hebraico, não sabia. É muito bom. É bom até na hora... Você vê que

crianças ficam felizes cantando. Às vezes a música ficou até mais gostosa e crianças tão aprendendo. Fica até com um sorriso mais bonito no rosto. E isso é bom na hora de cantar: ter aquele sorriso no rosto. Mostrar pro público a música que você está cantando é isso. Depende da música, se for triste, você vai ficar triste, né?

Participante E: Como assim? (Do repertório que a Zezé faz aqui no coral? O que você acha?) Eu acho bom, porque ela vem aqui por vontade própria vem aqui ensinar a gente. / Eu acho complicado mais no final de tudo fica bom.

Participante F: Do repertório? Não sei. Gosto. Acho legal./ Às vezes eu acho ruim fazer músicas em outras línguas.

Participante G: As músicas são boas. Tem algumas que são legais, mas a música assim que eu menos gosto é que muito lenta assim... / Ah, é legal pra gente porque a Zezé explica de vez em quando cada letra assim, o que a música significa e é bom cantar essas músicas pras pessoas verem que a gente não sabe cantar só uma coisa, que a gente aprende várias coisas.

Participante H: É, tem umas músicas que eu gosto, outras não. Mas são boas (risos) / Eu acho maneiro, ainda mais inglês.(Você gosta de inglês?) Muito.

Participante I: Acho bom. / Ótimo, porque a gente apresenta, e tinha línguas assim que eu nem conhecia direito e no coral eu passei a conhecer mais.

d. 16. Que música mais marcou você? Por que?

Participante A: Acho o “Al Shlosa” bonito. / Sei lá, acho bonito.

Participante B: Uma música... “Acalanto”. Porque é uma música leve, suave, bem gostosinha de ouvir.

Participante C: É “Al Shlosa”. Ah! Eu consigo afinar bem a voz.

Participante D: “O Natal é tempo...” / Porque agora o que tá acontecendo na minha família, a separação da minha vó. Foi porque o próprio filho dela tirou ela de casa. Aí, pra mim, essa música... Quem dera isso acontecesse na minha vida realmente, que o natal é tempo de amar. Todo mundo se reunir. Se eles percebessem que estão fazendo falta... . Meu irmão maior tá aprontando muito no colégio. Parece que ele tá percebendo, não sei... Isso faz falta, a família toda reunida. Já não mora com a mãe. Só tem o pai e a pessoa que ele também gosta mora longe.

Participante E: No coro? Foi “O Natal”. / Porque vê que no natal não é só ficar comendo a ceia de natal. É ficar também em parceria com a família.

Participante F: “Brasil” / Porque fala do nosso Brasil. Fala do nosso Brasil!!!

Participante G: Eu gosto de qualquer música que é do natal, é o natal é tampo e a outra que é... A música do natal que a gente cantou ano passado também... Essa daí... “Nesses dias tudo fica diferente...”. / Porque essa música eu acho muito assim, porque tudo que está escrito na letra é eu acho que é realidade porque o natal as pessoas ficam mais perto das outras e no natal a gente melhora, o mundo fica bem mais carinhoso.

Participante H: Que mais me marcou foi “Menina”. / Porque quando começou a cantar “Menina” eu estava saindo com uma menina do coral. Aí pô essa menina cantou pra mim “Menina” sabe, cantou pra mim. Eu falei pô, aí gostei. Aí depois porque eu parei de sair com ela assim sabe, de ficar com ela, aí sempre que eu canto “Menina” eu me lembro dela. Aí eu olho pra ela, Aí não dá certo (risos) (Você se emociona?) Mais ou menos... (risos)

Participante I: “Menina”. Ah, porque conforme a gente vai cantando assim, a gente sente também algo dentro de nós sobre a música, e a música em si é muito bonita.

d. 17. Nós cantamos músicas com estilos bem diferentes como, por exemplo, “Panis Angelicus”, “Al Shlosa D’Varim”, “Aquarela do Brasil” e “Yonder Come Day”. Sua emoção é diferente ou igual, dependendo do repertório cantado? Se for diferente diga que tipo de música toca mais profundamente você. Qual o tipo de música que menos toca você?

Participante A: É igual. Eu tenho vergonha... Eu me sinto diferente, mas não demonstro. / O “Panis Angelicus”. / Às vezes música brasileira, não gosto não.

Participante B: Ah! Muda, muda bastante. É diferente. Uma música mais triste assim é um modo diferente de cantar de uma música mais alegre. / “Yonder Come Day”. (Uma música tipo “Yonder Come Day” toca mais profundamente você?) É. / Acho que é o “Al Shlosa” mesmo, não sinto nada.

Participante C: Não, diferente. Porque tem mais emoção nas músicas de assim... não música de agito, música calma assim, tem mais emoção. / “Al Shlosa”. / Essa “Brasil” aí... (“Aquarela do Brasil”?) É.

Participante D: Não... Ela muda. / “O Natal é Tempo”. / Ah! Não tem nenhuma. Todas eu tento encaixar na minha vida, sabe? Eu vejo que todas se enquadram na minha vida. Não tem aquela música que não tem nada a ver com a minha vida. Eu vejo que muita música tem a ver com a rotina da minha família.

Participante E: Igual. / Música romântica. / Música de Rap.

Participante F: Diferente. / “Menina”./ “Panis Angelicus”

Participante G: Não, porque outra língua aí não é. Tem música que a Zezé ensina que não é a mesma emoção, é outra emoção. É uma emoção de tá lá aprendendo uma música nova.

Participante H: Não. Como eu falei cada música tem uma emoção diferente porque, tem umas que mexe assim comigo porque, em umas músicas eu posso me lembrar de

algumas pessoas. Tem outras que eu posso me lembrar de coisas que eu fiz antes, ou depois sabe? Que eu vou fazer./ Que me toca menos é foi uma lá que eu vi não sei da onde lá tipo pocarronda. “Pocarronda” não, “Hakuna Matata”,

Participante I: É diferente/ Ah não sei explicar. /Que mais me toca? Ah música cristã./ Funk.

d. 18. Você gosta de aprender músicas diferentes ou prefere cantar músicas que você já conhece?

Participante A: Prefiro as novas.

Participante B: Eu gosto dos dois. Cantar algo de diferente e o que também já conheço.

Participante C: Música diferente. (Por que?) Porque a gente tá aprendendo mais uma coisa, né?

Participante D: Não só as que eu já conheço, mas é sempre bom você aprender coisa nova. Quando você tava no CA, não era bom você aprender a ler e a escrever? Então, é sempre bom você aprender coisas novas.

Participante E: Eu gosto de outras músicas.

Participante F: Diferentes.

Participante G: Não, gosto de aprender músicas diferentes porque se a gente faz uma apresentação, daí cantar só a mesma música de repente vai no mesmo lugar de novo e cantar a mesma música vai ficar enjoado.

Participante H: Não. Aprender músicas diferentes. É bom aprender cada vez mais.

Participante I: Diferente. Porque conforme a gente assim, quando nós ouvimos a música nós gostamos mais depois enjoa um pouquinho.

d. 19. Que música você ouve, canta em casa? E sua família, o que acha destas músicas?

Participante A: É... Pagode, funk. É que não tem muita escolha. / Ela não ouve. (Por que?)

Porque ela não gosta que ligue o rádio quando ela está em casa. Às vezes também ouço meu cd do Bróz, assim...

Participante B: Eu gosto de botar muito esses cd's de novelas que já passaram, geralmente de novelas de crianças. Minha mãe não gosta muito porque é música de criança. Ela gosta mais assim de Leonardo, Zezé de Camargo & Luciano...

Participante C: Pop, assim... Música de grupo, de cantor, do Bróz... / Ah! Ela não gosta muito não, mas ouve sim...

Participante D: Bom, em casa, meu estilo é Hip Hop. / Bom, minha madrasta, ela gosta. Meu pai também ouve. Só minha vó que não gosta que ouve essas músicas. Apesar que ela não entende nada, mas...

Participante E: Só canto música de pagode. / (De pagode?) Acha meio esquisito, mas eu gosto.

Participante F: Internacional. / Não gosta.

Participante G: Eu gosto de... é... Eu gosto da música que do Felipe Dilon, que eu esqueci qual é. Eu gosto de Rock não é... Eu gosto um pouquinho de Funk, eu gosto de... Eu sei qual é mas esqueci o nome, mas eu gosto de várias músicas que minha mãe às vezes bota o cd em casa, ouve no rádio, que eu gosto muito. / Assim as músicas que são muito pesadas a minha mãe já não gosta muito, mas essas músicas assim que, que na letra ensina uma coisa boa que na letra tá dizendo a verdade, aí minha família acha que é legal.

Participante H: Apesar de ser evangélico eu escuto Hip Hop. Porque Hip Hop é cantado tudo em inglês, (Então você é evangélico, não é católico?) É eu sou católico. (E sua família o que acha dessas músicas, você escuta só Hip Hop?) Não também escuto

música da igreja porque minha mãe bota lá música e eu escuto. (E sua família o que acha de você escutar esses tipos de músicas?) Ah, minha mãe fala: se tá indo pra igreja deixa de escutar Hip Hop. Eu falei: mãe eu entrei na igreja agora, entendeu? Eu já gostava de Hip Hop e eu amo a igreja (risos) apesar de eu não falar muito da igreja, mas eu gosto de igreja e eu me interessou.

Participante I: Cristã mesmo. (Qual a música?) Músicas de Daniele Cristina “Deus é Santo”

/ Ah, acham ótimo também porque elas também são cristãs assim, e elas gostam do tipo da música.

d. 20. Você costuma cantar as músicas do coral fora do ensaio?

Participante A: Costumo. (Em que momento?) Sei lá, às vezes não tô fazendo nada, às vezes fico passando manteiga no pão assim, tomando café e fico lembrando.

Participante B: Eu costumo. Às vezes fico sozinha cantando essas músicas. Às vezes nem percebo, mas eu tô cantando... (Quais músicas você costuma cantar?) Todas que a Zezé passa, que eu sei, eu costumo cantar.

Participante C: Humm, humm. (afirmativo), tomando banho.

Participante D: Costumo, pra minha vó. Eu canto pra ela, só. Só pra ela pra mais ninguém não!!! (Por que, por vergonha?) Não, não é porque só ela que se interessa mesmo em saber. Tem gente que diz: ah! canta pra mim. Aí tá lá, já dormindo. Prefiro cantar só pra ela mesmo. Meu pai não se interessa, meu pai não pergunta.

Participante E: Sim

Participante F: Costumo.

Participante G: É quando eu tô no banho, eu canto.

Participante H: Costumo eu e a Participante I. Tem dia que a gente chega em casa, aí pega assim, fica relembando as músicas do passado, antiga, poxa...

Participante I: Olha, costume.

d. 21. Você já fez apresentações em vários lugares: Clube Naval, Escola de Música de UFRJ, Colégio Franco Brasileiro, Colégio São Vicente, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, na Ilha do Fundão, no Espaço Criança Esperança, Colégio Cidade, aqui no Solar, e diversas gravações para TV. Qual dessas apresentações você gostou mais? Por que?

Participante A: Foi... Ah! Tem tantas... (pausa). Qual que tem mesmo?... Sei lá. Acho que o Clube Naval. (Por que?) Porque lá é muito grande, bonito.

Participante B: Gostei mais... Eu gostei quando nós fomos lá no Shopping Botafogo. Porque foi bom, tinha muitas pessoas e o coral cantou muito bem lá.

Participante C: É eu gostei... no, naquele negócio é... Clube Naval. Porque é... o espaço é bonito. Aí teve mais emoção na música.

Participante D: Das que eu fui... Porque têm algumas que eu não estava. Do momento que eu entrei já fizemos duas apresentações de cara. Nessas que eu fui, eu gostei bastante. E a minha vó se interessou, eu ligava pra ela pra não deixar ela preocupada... / Do Clube Naval. / Porque pra mim foi assim... (pausa) do Clube Naval porque foi a retomada do coro. Porque ela que foi minha primeira apresentação agora e ela vai marcar.

Participante E: Aqui no Colégio Cidade./ Na formatura, porque todo mundo chorou.

Participante F: Clube Naval... / Porque lá é bonito e eu sempre quis conhecer.

Participante G: Todas, mas tem uma que eu acho que foi no Clube Naval, que foi meio chato porque, na hora assim quando a gente ia comer assim o lanche, ficou meio chato porque algumas pessoas do coral pegaram a coca e botaram dentro da mochila e era muito chato, né. Pegavam e a gente corria o risco de não cantar mais lá, por causa desse negócio, da coca e começou a botar dentro da mochila pra levar pra casa, sabe. É uma coisa meio chata.

Participante H: Acho que é sempre no final do ano pra comemorar o natal ou assim sabe é em época de ano novo porque assim, as pessoas vão pra uma coisa diferente uma música que toca na vida, que comove elas e o coral é uma parte que é música que toca mesmo as pessoas sabe. Aí as pessoas ficam feliz. Aí vai a família. Acho que ver as pessoas feliz é bom também. (Mais dessas apresentações que eu citei qual foi a que você mais gostou?) Vou botar no Shopping (Por que?) Porque, não foi aquela que a pessoa tava marcada pra ir lá. Foi a pessoa que tava passando e se interessou pela gente cantar e parou pra ver a gente. Pô achei aquilo maneiro, a pessoa parando e olhando, tipo filme, sabe. Foi olhando assim e gostando, algumas chorando. Pô, foi muito bom.

Participante I: Clube Naval. / Ah, porque assim nas outras não teve, teve outros corais também mas no Clube Naval teve mais a gente, conheceu mais pessoas.

d. 22. O que você mais gosta em uma apresentação e o que você menos gosta?

Participante A: Não sei. Eu gosto quando canta, dos aplausos...

Participante B: O que eu mais gosto numa apresentação?... É quando todos cantam bem. O que não gosto é quando a maioria canta mal.

Participante C: Ô, eu mais gosto é... que a gente assim canta com outros corais pra ver se tá bom assim, pra tirar dúvida das coisa. / O que eu menos gosto... nada.

Participante D: O que eu mais gosto numa apresentação é quando o coral é bastante aplaudido. Quando o coral canta bastante afinado, assim, com comportamento, assim, educação, sabe? Quando a gente passa assim por um e fala: nossa esses daí nem parece que mora numa comunidade carente. Porque nós somos visto lá fora, assim, como: “nossa! vai roubar a gente. Vai não sei que... Eu gosto quando não me vê assim./ E o que eu não gosto é quando pô, mô bagunça, a Zezé querendo arrumar... Tem gente que não respeita, faz bagunça. Sai da porta daqui, da porta do colégio pra fora, é outra

peessoa. Muda totalmente de comportamento, às vezes muda pra pior, às vezes pra melhor. Todas as vezes que tem lanche eu vejo pessoa comendo de boca aberta eu fico assim: gente cadê a educação? Eu fico assim, só isso... .

Participante E: A emoção dos outros. / De prestar atenção.

Participante F: As pessoas admirando a gente cantar. / Nada.

Participante G: O que eu mais gosto na apresentação é quando a gente vai numa apresentação e ouve outros corais cantar. A gente aprende músicas novas e novas vozes. /Na apresentação? O que eu menos gosto na apresentação? Acho que nada.

Participante H: Antigamente eu me sentia um calafrios, agora não sinto nada não, sinto alegria.

Participante I: Apresentação? assistir outros corais. / Que eu menos gosto é da bagunça que às vezes as outras crianças dos outros corais fazem.

d. 23. O que você sente quando está se preparando para ir cantar em uma apresentação? O que sente antes de entrar no palco? O que sente enquanto está cantando no palco? O que sente quando é aplaudido? O que sente quando termina um concerto?

Participante A: Eu gosto. (Por que?) Porque conhece um lugar novo. / Um friozinho na barriga. / Sinto nada. / Fico feliz. / Alívio... (Por que?) Ah! Por ter acabado de cantar...

Participante B: Eu fico nervosa, porque tenho muita vergonha de aparecer em público, ser gravada, assim... Eu tenho muita vergonha. / Aí tá tudo bem, tá tudo normal, tudo ok. / Eu sinto uma emoção muito grande das pessoas gostarem do que nós cantamos, que acharam bom nosso repertório. / Não sinto nada.

Participante C: Sente!? Eu sinto medo, sei lá... Nervoso. / Nervoso. / Aí para o nervosismo, mas ainda fico nervosa. / Fico me sentindo... (risos). / Sinto, sei lá, um alívio.

Participante D: Nervosismo, muito!!! Aí vira ansiedade logo pra cantar... / Eu fico tremendo. Eu sou nervosa e tenho problema na mão. Fico tremendo mesmo. / Ah! Não... Aí não tem como fugir mesmo, aí eu me solto. Deixo de ser a Participante D, a tremedeira, e sou outra pessoa já. Até eu me surpreendo: Nossa Participante D, não sabia que você era capaz de fazer isso. Tem coisa que eu acho que não sou capaz de fazer, mas que eu faço. / Nossa, aí eu choro... . / Alívio. Já passou aquele momento de tensão, que você tava nervosa, já passou, que alívio.

Participante E: Eu sinto assim que na hora eu vou errar, mas quando chega na hora eu acerto tudo./ Calafrio / Fico com medo de errar. / Eu fico tranqüila. / Fico cansada mas depois a gente fica comentando como foi.

Participante F: Eu sinto nervosa. / Tomara que eu não erre nenhuma música./ Eu consegui./ Sinto superior. / Com que eu me sinto? Fico normal

Participante G: Dá nervoso porque de repente na hora H a gente faz errado, cantar errado, a voz sai errada, aí vai meio.../nervosismo. / Medo de errar. / Quando eu sou aplaudida, felicidade e nervosismo. / É fiz bem. Sinto mais aliviada.

Participante H: Antes de entrar no palco, mão suada. (risos)/ Tremor na perna / É quando eu sou aplaudido, quando é no meio da música eu sinto um tremor na perna quando é no final um alívio. / Pô, tudo acabou infelizmente. Queria mais.

Participante I: Ah, o coração bate um pouquinho mais forte mais acelerado e às vezes uma tremidinha nas pernas, mas acho que isso é normal. /Ansiedade/ Eu fico um pouquinho mais tranqüila./ Ah, orgulho do coral / Mais calma, mais tranqüilidade.

d. 24. O que acha de conhecer outros corais? Por que?

Participante A: Legal. / Pra saber como eles cantam assim...

Participante B: Eu acho bom. Porque quase sempre é muito bom a gente fazer amigos.

Participante C: Acho legal. / Porque a gente tira é... Por exemplo, cantar uma música igual pode tirar dúvida das notas assim... pode ver também.

Participante D: Bom. / Como no Clube Naval também, que eu conheci o outro coral, que eu elogiei até a garota sabe? Eu não vejo conflito: Ah! Aquele coral lá é melhor que o meu!!!! Dá pra ver o tempo que ele tem. Eu elogiei a garota que tava cantando a “Aquarela do Brasil”. Eu gostei muito da voz daquela garota. Quando acabou o coral, que acaba passando pela gente, eu fui lá e elogiei e ai ela: muito obrigada, você também canta bem. Muito bom conhecer outros corais, também, pra saber as músicas que eles cantam também. Corais com flauta, violão. Cê viu lá o do Clube Naval, eles trouxeram outros instrumentos não foi só vozes.

Participante E: Acho bom. / Porque a gente vê o desempenho deles e quer aprender também as coisas.

Participante F: Legal, porque, tem grupo legal, melhores que a gente.

Participante G: Legal, conhecer novas músicas como eu disse... E novas vozes de pessoas diferentes.

Participante H: Eu acho bom porque a gente aprende com outros corais. Eles aprendem com a gente e conhecer pessoas novas. Sei lá pode rolar alguma coisa. Sei lá (risos).

Participante I: Eu gosto e gosto também de conhecer as músicas que eles cantam. (Você só gosta de conhecer as músicas que eles cantam?) Não, porque a gente conhece pessoas diferentes.

d. 25. Você acha que aprendeu alguma coisa vendo outros corais se apresentando? O que?

Participante A: Acho. Sei lá... A maneira deles cantar, o que eles cantam...

Participante B: Muito! Até mermo as posições, o modo que eles cantam, até algumas músicas que a Zezé nem passou pra gente, nós aprendemos assim vendo eles cantando.

Participante C: Não. (Por que?) Sei lá...

Participante D: Aprendi. / Organização. Uma coisa que no nosso coral falta. A gente fala, vocês falam, mas ainda falta ter organização.

Participante E: Aprendi. / Aprendi como eles fazem. Eles são companheiros.

Participante F: Não.

Participante G: Aprendi. / (Silêncio).(não lembra???) Não.....

Participante H: Aprendi / Postura. Aprendi é como a gente pode se valorizar nossa voz porque, eu antigamente tinha medo de cantar de abrir a boca sabe, articular as palavras como dizia a Rafa.... Aí depois que eu fui que eu vi um garoto da minha idade. Pô ele cantava e cantava muito mesmo. Eu falei poxa eu posso ser igual a ele. Se eu me esforçar eu posso ser. Aí tô tentando agora.

Participante I: Aprendi. / É, sei lá porque eu entrei assim no coral faz pouco tempo, mas a gente vê assim pessoa que tem mais tempo no coral. O que eles fazem até mesmo a voz deles, como são. Assim eu aprendo mais.

d. 26. O que sua família acha de você cantar em um coral? Eles costumam assistir as apresentações? Eles comentam alguma coisa com vocês ou com outras pessoas sobre isto? O que dizem?

Participante A: Ela acha bom. / Não. (Por que?) Porque minha mãe não tem como ir, ela trabalha. / Comenta. Ah! Ela fala, mas não gosto não. Eu não gosto que ninguém que me conheça assim, me assista cantar.

Participante B: Costuma. Já viu muitas apresentações... Minha mãe, minhas tias... / Ah! Ela comenta com a patroa dela, que a patroa dela vê jornal. Já fui também na casa da patroa dela e ela acha muito legal... e também as pessoas com quem minha mãe fala. Elas dizem que é muito bonito, que é pra eu continuar a fazer o coral, não sair...

Participante C: Humm, humm (afirmativo), minha mãe. / Minha mãe comenta comigo, ela fala que foi bom, assim... Quando foi meio desafinado ela fala pra prestar mais atenção na aula. (Ela comenta com outras pessoas além de você?) Não. (Quando ela fala que foi desafinado, para você prestar mais atenção, o que você diz para ela?) Eu falo é porque eles ficaram lá falando, aí não teve como prestar atenção.

Participante D: Não. Minha vó não tem tempo pra assistir. / Não.

Participante E: Bom. / Não. / Quando a minha mãe vê, ela comenta comigo e com as outras pessoas. / Ela fala que é bonito ver a minha filha cantando.

Participante F: Acha normal porque, a minha família gosta. / Costuma. /Comentam. /A minha filha vai fazer uma apresentação, vocês querem ir?

Participante G: Costuma... Uma vez ou outra vai meu pai, mas quem vai mais mesmo é meu pai e minha mãe quando dá porque ela trabalha, ela vai também./ Eles me incentivam muito a cantar no coral e quando às vezes a gente leva uma bronca da Zezé, ela fala que não é prá fazer isso e às vezes meu pai conta assim pras pessoas que eu canto no coral, que lá, que é muito bom.

Participante H: Pô, não sempre porque minha mãe trabalha, minha tia trabalha, mas sempre quando dá eles vem assistir. / Primeira coisa quando eu chego em casa depois da apresentação, Como foi? Cantou bem? Como foi? Voltou bem? As pessoas gostaram de vocês? Pergunta tudo. É bom.

Participante I: Não. É difícil deles assistirem porque a maioria também trabalha. / Comentam. / Comentam sim e já veio pessoas da minha igreja mesmo vê uma apresentação do coral que teve aqui mesmo no solar e gostou muito e não sabia como que eles faziam tanta coisa assim, cantar daquele jeito e todo mundo assim do mesmo jeito a mesma coisa sem errar. / Ela comenta que é bonito.

d. 27. O que você acha da sua regente? Ressalte um aspecto positivo e outro negativo?

Participante A: Acho ela legal. / Não tem não gostar... É que às vezes ela fica assim, irritada, mas é também por causa dos alunos.

Participante B: A Zezé é uma pessoa muito legal, divertida, algumas vezes engraçada... / Que ela tem muita vontade de vir até aqui ajudar a gente. Que não são todas as pessoas que gostam de vir ajudar outras crianças ou mesmo pessoas ainda mais sem receber, né? Aí tem gente que não gosta e ela vem aqui com o maior prazer, sem reclamar nem nada. / Ah! Não sei. Não sei mesmo...

Participante C: Acho uma pessoa legal e tem muita força de vontade de dar aula pra gente. / Positivo? O jeito dela ser, de brincar com a gente. / Quando ela tá muito nervosa.

Participante D: Uma ótima regente, nossa... / De positivo ela tem muita paciência, dedicação ao trabalho dela. Se ela fosse o outro regente, como ele desistiu, ela desistiria, entendeu? Ela tem muita paciência, muito amor, entendeu? / Negativo? Eu não vejo coisa negativa nela. Não vejo. Quem vê coisa negativa nela, pra mim, acho que é a própria pessoa que tem problema, entendeu? Pode ter assim, pessoalmente, assim com ela. Claro que cada pessoa pode ter seu ponto bons e ruins, mas como regente eu não vejo ponto negativo nela não.

Participante E: Boa, ela ensina a gente. / Que ela quer fazer tudo certo assim e não estragar. / É quando a gente quer falar e ela não deixa.

Participante F: Eu acho uma professora muito boa e ao mesmo tempo chata, porque ela briga com a gente, e nós ficamos assim com raiva, mas ela faz isso pro nosso bem .

Participante G: Eu acho ela uma boa regente. / O jeito dela ensinar. / Quando ela chega nervosa, irritada. Aí, às vezes, ela briga com a gente à toa.

Participante H: Pô, a Zezé é muito maneira. Ela não é uma pessoa. Ela é tipo assim uma coordenadora que não quer só ensinar musica, mas também ensinar como lidar com a música sabe. / Nunca desiste nunca. / Estourada.

Participante I: Acho ela uma pessoa esforçada e que gosta do trabalho que ela faz. / O seu carinho. / Acho que nada. Acho nada não. (Nada?) Negativo, não.

d. 28. O que você acha que poderia ter no coral para que ele ficasse melhor?

Participante A: Não sei. Afinasse mais...

Participante B: No coral? Eu gostaria assim, que quando viessem turmas novas que ainda não tem assim uma visão melhor do coral, assim de música, fossem separados, tivessem dois coros para que depois, quando eles estivessem bem preparados, juntar.

Participante C: Ter no coral...? Sei lá, um espaço maior assim... Pra poder se ajeitar todo mundo.

Participante D: Organização. Organização e atenção.

Participante E: Companheirismo

Participante F: Tá bom do jeito que tá.

Participante G: A disciplina das pessoas.

Participante I: É.... Pessoas que se dedicam mais.

d. 29. Quais as coisas mais importantes que você aprendeu participando da atividade coral, seja no ensaio ou nas apresentações?

Participante A: Disciplina. Ter sempre que olhar para a regente.

Participante B: Ai!... Aprendido? Eu aprendi tantas coisas que nem sei qual que aprendi... (Você não lembra de nada que tenha marcado?) Não.

Participante C: Sei lá... A experiência de tá no coral, a voz.

Participante D: Bom, comportamento eu já tinha... Já tinha um comportamento, assim, ótimo pra aluna. Melhorando o comportamento, organizar a atenção na pessoa. A pessoa tá falando contigo e você parar pra ouvir. Porque eu, eu tenho um ponto negativo. Eu vejo que eu não gosto de ouvir. Eu sei que eu tô errada, mas a pessoa quer me corrigir e eu não gosto que a pessoa me corrija. Aí eu começo a falar. A pessoa tá falando comigo e eu fico falando: não, não, tá bom; eu sei, eu sei, eu sei. O meu mal é esse, eu tenho que ouvir a pessoa falando, entendeu? Isso eu tô aprendendo, agora, a parar para ouvir o que os outros falam de mim...

Participante E: Aprendi companheirismo e novas músicas.

Participante F: Ficar concentrada.

Participante G: A coisa mais importante que eu aprendi cantando no coral... é quando assim, quando a gente vai fazer uma apresentação, a gente canta, quando é a vez da outra pessoa a gente tem que ficar quieto sabe, é respeitar as pessoas que tão cantando e ouvir e observar para aprender.

Participante H: Eu aprendi que eu não tenho só uma qualidade, que eu tenho algumas qualidades. Eu tenho outras que eu posso usar dia a dia.

Participante I: Assim, as técnicas que têm e também porque eu melhorei muito. Até as pessoas assim da minha igreja que sabiam como era a minha voz antes sabem como está agora e gostaram do resultado.

d. 30. Você acha que cantar no coral tem ajudado você em alguma coisa? Se for positivo dizer como.

Participante A: Não respondeu.

Participante B: Eu acho que tem, né?... A vida fica mais alegre, mais feliz...

Participante C: A melhorar a voz, porque minha voz não era assim.

Participante D: Tem. Tem ajudado a ser mais sentimental, ser mais amiga, mais amorosa, mais simpática... .

Participante H: Tem, porque as pessoas, sabendo que eu sou do coral, me convida prá cantar em lugar fora, participar de grupos.

d.31. Diga uma obra que você gostaria de acrescentar ao repertório.

Participante A: É... Alguma música do Bróz.

Participante B: Não.

Participante C: Não.

Participante D: Que o coro cantasse? Ai, eu esqueci o nome da música... Mas já cantou, mas não com a Zezé. Cantou com o outro regente. Aquela das três bombas e é de Natal também, com final Ano Novo. (Três bombas?) As três bombas que tacaram no Japão, Hiroshima, Nagasaki e Mururoa. (Obs.: Ela se refere a música “Então é Natal”, cantada pela Simone)

Participante E: Músicas mais românticas ainda que a gente conheça.

Participante F: Não me lembro.

Participante G: O nome da música assim... Uma música que eu gosto muito que é eu esqueci o nome mas a minha mãe me ensinou, mas que ela é muito lenta assim, mas ela tem uma letra legal... Caramba, que pena, eu esqueci... Eu sei. É uma música muito boa (pensativa) que eu sei, mas o nome eu esqueci.

Participante I: Eu, não tenho assim nenhuma porque eu quase não conheço músicas assim. As músicas que eu conheço é porque eu canto no coral porque eu não escuto essas músicas assim.

d. 32. Qual seu maior sonho? Para você o que é preciso para esse sonho virar realidade?

Participante A: Me tornar uma advogada. / Estudar muito.

Participante B: Ser pediatra. Preciso estudar muito e ter muita força de vontade.

Participante C: Maior sonho...? Crescer e ter uma vida boa, tudo certinho. / Ué, ter fé e tentar conseguir as coisas.

Participante D: Meu maior sonho...? Vai ser impossível acontecer, mas nunca se sabe. Meu pai e minha mãe decidirem ficarem juntos de novo. / Eu não sei, eu já tentei de tudo. Eu já tentei de tudo... .

Participante E: Ser um dia um bom profissional, ter um emprego bom no futuro./ Estudar muito, e correr atrás do que você quer.

Participante F: Ser atriz./ Preciso fazer bastante teatro, ser bastante responsável e esperar porque é muito difícil.

Participante G: Meu maior sonho é... é... é assim o sonho da minha mãe que é sair daqui do morro, consegui a profissão que eu quero quando eu crescer, e consertar meus dentes.

Participante H: Pô, meu maior sonho, não tem nada haver com música. Eu queria conhecer o melhor desenhista japonês que fez o estilo Dragãobol. Eu sou fascinado por desenho japonês. / Estudar muito, muito. Estudar muito inglês e fazer uma faculdade e fora isso eu posso sair daqui do Brasil pra ir em outros lugares conhecer outras pessoas. Quem sabe eu não conheço ele?

Participante I: Ter a oportunidade de um dia é... falar assim palavras de Deus pras outras pessoas através da música e de um dia é... poder gravar um, sei lá, um cd. Não que fizesse assim sucesso, mas que as pessoas é.... pudessem assim ouvir assim, um pouquinho. / Ah, mais esforço de mim mesmo.

Anexo 5

(CIRCULO DE REFLEXÃO REALIZADO EM AGOSTO E SETEMBRO 2006)

CIRCULO DE REFLEXÃO

Agosto de 2006

Tema Gerador: A possibilidade de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas. (Ruptura com o determinismo)

Música: Semente do Amanhã: Autor: Gonzaguinha

Maria José: Estas letras são de duas músicas que estamos cantando. Eu gostaria que a gente parasse um pouco para refletir sobre que mensagens estas músicas estão trazendo para vocês, se vocês concordam ou não com estes pensamentos. Eu vou gravar o que a gente vai conversar aqui para depois poder transcrever.

Vamos começar lendo a primeira música para pensar sobre a mensagem que ela traz para cada um de nós:

Semente do Amanhã

Autor: Gonzaguinha

Ontem um menino que brinca me falou que

Hoje é semente do amanhã...

Para não ter medo que este tempo vai passar...

Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo, nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será...

Maria José: Para vocês qual a mensagem que essa música traz? O que ela está dizendo pra gente?

Participante A: Eu acho que é ela quer dizer que o que a gente faz hoje é que vai dar fruto amanhã, entende?

Participante F: Pra você nunca desistir.

Participante A: Que a gente pode tudo, se a gente se esforçar.

Participante B: Que a gente não pode desistir das coisas que a gente quer, porque se a gente quer de verdade a gente consegue.

Participante A: Não é deixar qualquer obstáculo acabar com os nossos sonhos.

Maria José: O que você acha Participante I, mais alguma coisa?

Participante I: Que tudo que a gente está passando agora de ruim vai passar.

Maria José: Eu queria que vocês pegassem um lápis ou caneta e sublinhassem as frases que para vocês são mais interessantes, mais forte, que mais tocam vocês, seja lá por qualquer razão.

Participante F: Pode ser duas?

Maria José: Pode se quantas frases você quiser.

Frases destacadas pelos participantes do círculo:

Participante F: Que hoje é semente do amanhã...

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...

Participante A: Que hoje é semente do amanhã...

Para não ter medo que este tempo vai passar...

Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo, nós podemos mais.

Participante B: Que hoje é semente do amanhã...

nem pare de sonhar.

Nunca se entregue,

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo

Participante C: Que hoje é semente do amanhã...

nem pare de sonhar

Nunca se entregue

Nós podemos tudo, nós podemos mais.

Vamos lá fazer o que será...

Participante E: Para não ter medo que este tempo vai passar

Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo, nós podemos mais.

Participante I: Para não ter medo que este tempo vai passar.

Maria José: Vamos pensar sobre aquilo que vocês já colocaram aqui. Vocês disseram que a letra dessa música nos diz que aquilo que se faz hoje refletirá na nossa vida de amanhã. Disseram ainda que não devemos desistir de nossos sonhos, que as coisas ruins vão passar, que não devemos deixar que nenhum obstáculo venha acabar com os nossos sonhos. Vamos trabalhar em cima desta frase: **“Que as coisas ruins vão passar”**

Primeiro eu queria que a gente parasse para pensar sobre essas coisas que são ruins para vocês. O que existe hoje na vida de vocês que não é interessante e que vocês gostariam de mudar?

Participante B: A violência. Por que com a violência assim na vida a gente não pode fazer nada. A violência está pelas ruas, em todos os lugares. Não dá para você sair para trabalhar.

Participante A: Não dá para sair nem para se divertir.

Maria José: O que mais que tem de ruim além da violência?

Participante A: A saúde, porque os hospitais estão uma porcaria.

Participante B: Um outro problema do Brasil é a falta de honestidade porque se o governo tivesse mais honestidade não teria tanta violência, miséria e também tanta violência. Teria melhores hospitais, remédios, saúde.

Participante A: Cuidar do saneamento básico. Se isso fosse feito a população ficaria menos doente e usaria menos os hospitais.

Maria José: Que mais que vocês acham que está ruim e que a gente gostaria que mudasse?

Participante F: Tipo assim, o certo não era assim dar tudo na mão das pessoas, e sim dar trabalho pra a pessoa receber seu salário. Porque as pessoas pensam assim: a pessoa mora no morro porque é carente então ela precisa receber vale gás, cheque cidadão. Aí a pessoa fica lá e fica recebendo tudo.

Participante A: Eu penso que a gente tem que dar escola e trabalho para as pessoas poder ganhar um salário que possa manter sua família. Não é dar cheque cidadão e a pessoa não precisar fazer nada. Ninguém precisa disso. Se desse trabalho, as pessoas não iam precisar de nada disso. Se todos tivessem trabalho ninguém precisaria dessas micharias aí que eles dão.

Participante B: Esse cheque cidadão é um cheque sem vergonha porque eles ficam lá sem fazer nada e vão recebendo tudo. Tem que dar é trabalho para as pessoas correr atrás e ter as coisas. Ficar só em casa não é certo. Tem que trabalhar também.

Participante E: Todo mundo vai lá e fica recebendo o cheque cidadão. Tem que trabalhar também.

Participante A: Ninguém precisa disso se tivesse trabalho, tivesse emprego para todo mundo. Se desse oportunidade pra todo mundo, ninguém ia precisar nada disso.

Participante B: Se tivesse trabalho para todos, não ia ter nem carente, todo mundo ia ser normal, nem muito pobre, nem muito rico. Ninguém teria mais ou menos todo mundo teria igual para poder viver, o necessário para poder comer, beber, se vestir, sair e se divertir e pronto.

Maria José: Você diz então que deveria ter um trabalho com salário adequado para a pessoa poder viver?

Participante B: É, se tivesse trabalho igualmente pra todos.

Participante A: Também diminuir os impostos porque se todo mundo recebesse R\$ 1.000,00 (mil reais) e o preço das coisas iam aumentar. Aí os R\$ 1.000,00 (mil reais) não iam valer nada, não daria para pagar as conta e todas as coisas. Porque os impostos iam aumentar. Tudo ia aumentar. Não ia adiantar nada...

Participante B: Se os impostos fossem altos, mas com os impostos eles resolvessem as coisas que tem para se resolver, mas não. A gente paga caro e o que a gente paga ainda roubam, esse é o problema.

Maria José: E o que vocês acham que a gente poderia fazer para tentar modificar essa situação. Que ações nós poderíamos fazer para buscar alguma mudança. Vocês falaram várias coisas que seriam para o Estado fazer: Melhorar a saúde, colocar saneamento básico, educação... Como a gente poderia contribuir nisto?

Participante B: Como eu não sei, mas assim, cada um fazendo a sua parte, tipo assim, às vezes você fazendo a sua parte você já tá ajudando alguma coisa. Se você não joga papel no chão já tá contribuindo para o lixeiro não estar ali o dia todo varrendo, se você num maltrata uma pessoa você já vai contribuir para a não violência, essas coisas. Não fazer essas coisas que a gente acha que os outros também não devem fazer. Assim a gente já tá contribuindo para alguma coisa.

Participante F: Tem coisas que eu acho que tem lógica e ao mesmo tempo não tem lógica. Imagine se ninguém jogasse lixo na rua, o lixeiro ia fazer o que? Ele perderia o seu emprego!

Participante B: Ele pegaria o lixo das casas, as folhas das árvores.

Participante F: Mas não precisaria de tanto gari...

Participante A: Mas aí eles podiam ser empregados fazendo outras coisas.

Maria José: Mas para ele poder trabalhar em outra coisa tem algo que falta.

Participante A: Educação

Maria José: Para isso seria importante que tivesse cursos de capacitação para que estas pessoas aprendessem outras coisas para poder trabalhar em outras profissões.

Uma forma da gente tentar encontrar soluções para estas e outras questões é vocês, que estudam e discutem todos esses assuntos, fiquem alertas para essas questões e se organizarem para reivindicar as coisas que acham que são necessárias. Para melhorar a vida de vocês e da comunidade. Lutarem por essas coisas. Se a gente como cidadão não reivindicar nenhuma dessas coisas, tudo continuará na mesma.

Participante A: Mas tem que investir muito na educação também, eu acho.

Participante B: A educação é a base de tudo.

Participante A: Às vezes tem empresas que querem montar alguma coisa aqui no Brasil, mas não têm profissionais capacitados para trabalhar nessa empresa.

Maria José: Bem, levantamos uma série de problemas, pensamentos e alguns procedimentos que seriam interessantes para dar uma solução, uma ajuda. A melhoria do sistema de educação, a capacitação de profissionais...

Que coisas hoje vocês já fazem que podem estar contribuindo para amanhã vocês terem um futuro melhor?

Participante B: Só o fato de a gente estudar já está contribuindo porque se a gente estuda já vai querer que nossos filhos estudem também. Isto vai acontecer o quê? A população vai estar estudando cada vez mais, vai ser um profissional capacitado, vai ficar sabendo das coisas da vida, da sociedade. Só o fato da gente estudar, estar se esforçando para ter um futuro melhor, já está ajudando.

Maria José: E você Participante I o que acha disso?

Participante I: Eles estão falando aí, eu estou calada, mas eu concordo com eles.

Participante F: Tipo em relação às drogas. Se o governo quisesse acabar com eles já teriam acabado. É porque eles também ganham com isso.

Maria José: Eles quem?

Participante E: Os policiais!

Participante F: É que nem na época do cigarro quando o cigarro era proibido. Aí tinha um cara que vendia e ganhava muito com isso. Agora o cigarro ficou liberado o cara não ganha mais.

Participante B: E aí perde a graça.

Participante A: Porque aquilo que é proibido a pessoa acha que é melhor, ainda mais para os adolescentes.

Participante B: Mas pensa só uma coisa, se liberarem a droga vão poder usar droga na rua e também ninguém é obrigado a ficar sentido o cheiro de maconha e essas coisas na rua,

como ninguém é obrigado a ficar sentindo o cheiro de cigarro. Como eu que sou alérgica ao cheiro de cigarro.

Participante F: Acho que é melhor liberar.

Participante A: Mas aí tem um problema porque a pessoa vai usar a droga e depois vai ficar doente. Aí vai querer ir para um hospital público. Não devia poder. Tem que proibir pessoa que quer ficar se drogando ir depois se consultar nos hospitais públicos. Se ela quer se drogar então quando ficar doente ela tem que pagar. Tem que ir para um hospital particular. Se tem dinheiro para comprar droga então tem dinheiro também para comprar remédio.

Participante B: E também esse negócio de droga, de cigarro também aumenta o câncer e depois vai ocupar o hospital de câncer e tirar a vaga de uma pessoa que ficou doente não pelo uso de alguma droga. Tem que cortar o mal pela raiz. Para não ter o câncer tem que cortar logo o cigarro para a pessoa não ter câncer lá no futuro.

Participante F: Sabe como ia terminar a boca de fuma no morro? Liberando, tipo assim, a maconha. As pessoas não precisavam subir o morro para comprar, comprava na rua mesmo em qualquer botequim ia tá vendendo. Aí o morro ia ficar sem condições de comprar arma fora, essas coisas assim, contrabandear...

Participante B: Aí ia começar outras coisas...

Participante A: E a droga pesada?

Participante F: Devia de liberar também. Porque tudo que é proibido é mais gostoso.

Participante E: Mais ia morrer mais pessoas.

Participante A: Eu penso assim, que tudo que é proibido é mais gostoso. Tem país aí que faz isso.

Participante F: Na Holanda é liberado.

Participante A: Informar seu filho desde quando é criança sobre o perigo das drogas. Tem pai rico que não fala nada sobre drogas com o filho. Aí quando vem alguém e oferece, ele aceita porque não sabe o que é. Tem que criar o filho para o mundo e não para ele. É que nem sexo. A família vai lá e não fala ou fala pela metade. Não fala tudo as claras como tem que falar. A filha começa a namorar, aí o namorado pede ela vai e dá porque não sabe o que é e quais as conseqüências.

Participante B: O povo não fala e quando fala, fala tudo pela metadinha... Fala como se tivesse falando com um bebezinho. É aí que acontece as coisas Tem meninas novinhas, tudo grávida. Minha mãe fala mesmo. Fala tudo abertamente. Explica como é e se quiserem fazer quais as precauções que tem que ser tomadas.

Maria José: A gente vem desenvolvendo um trabalho com a música com o coral levamos vocês a vários locais, vocês participam de encontro de corais, cantam junto com outros grupos nos mais diversos locais. Vocês acham que este trabalho que é feito aqui através do coral ajuda a vocês em alguma coisa? Em termo de formação de vocês, de escolhas? Como vocês vêem isso?

Participante B: Eu acho que ajuda. Eu vi uma reportagem que dizia que a música é uma coisa que deixa a pessoa feliz. A pessoa às vezes está triste, aí ela começa a cantar então a pessoa começa a esquecer, não que esqueça totalmente, mas encontra às vezes soluções para aquele problema que tem, cantando; porque não fica tão deprimida assim. A pessoa quando está cantando ou fazendo qualquer tipo de esporte, se divertindo você esquece os problemas. Pelo menos a gente não fica só se preocupando com tudo que tem na vida.

Participante E: Tem um momento de descanso, para descansar a mente.

Maria José: O que você acha Participante I?

Participante I: Eu gosto de cantar, de fazer piano, mas de fazer flauta eu não tenho paciência não...

Maria José: Eu queria que vocês me dissessem porque escolheram essas frases como sendo a que mais tocaram vocês? Porque vocês marcaram essas frases. O que elas representam para vocês?

Maria José: Participante E o que você marcou?

Participante E: Para não ter medo que esse tempo vai passar / Nunca se entregue / Fé na vida, fé no que virá / Nós podemos tudo, nós podemos mais.

Maria José: O que você faz hoje para poder alcançar as coisas que você quer?

Participante E: Eu estudo.

Maria José: E você Participante C?

Participante C: Hoje é semente do amanhã / Nem pare de sonhar / Nunca se entregue / Nós podemos tudo nós podemos mais / Vamos lá fazer o que será.

Maria José: Qual é o seu grande sonho?

Participante C: Sei lá, ter um futuro bom, uma casa própria.

Maria José: E como é que você acha que conseguirá chegar nisto?

Participante C: Estudando pra ter um futuro bom e conseguir um bom emprego.

Maria José: E você?

Participante I: Para não ter medo que esse tempo vai passar.

Maria José: Quais são as coisas que hoje te assustam e que você quer vencer?

Participante I: Nada me assusta não. Eu marquei essa frase porque tem muitas pessoas que qualquer coisa que está passando agora desiste logo de uma vez. Mas eu, pra minha vida não tenho medo de nada não.

Maria José: E você Participante F?

Participante F: Hoje é semente do amanhã. / Nunca se entregue. Nasça sempre com as manhãs.

Maria José: O que esta frase representa para você?

Participante F: Para você nunca desistir. Que a cada manhã você tenha vivo seus objetivos, e persiga seus objetivos, seus sonhos.

Maria José: E hoje qual é seu caminho? Quais seus sonhos?

Participante F: Eu já pensei em tanta coisa. Mas eu acho que quero ser atriz.

Maria José: E o que faz para alcançar isto?

Participante F: Eu faço teatro aqui no colégio e estudo.

Maria José: Participante A, quais as frases que você marcou?

Participante A: Hoje é semente do amanhã / Para não ter medo que esse tempo vai passar. / Não se desespere nem pare de sonhar./ Nunca se entregue./ Fé na vida, fé no homem, fé no que virá / Nós podemos tudo nós podemos mais.

Maria José: O que você mais quer?

Participante A: Me tornar um grande profissional na área do direito.

Maria José: E aí o caminho é sentar e estudar muito não é?

Participante A: É.

Maria José: E você Participante B?

Participante B: Hoje é semente do amanhã / Não pare de sonhar / Nunca se entregue / Fé na vida, fé no homem. Fé no que virá.

Maria José: Qual seu sonho? O que você está buscando?

Participante B: Eu ainda não sei o que quero ser. Já pensei em uma porção de coisas. Mas eu estudo porque quero me formar em alguma coisa, exercer minha profissão e primeira coisa que eu quero é receber um dinheiro bom e comprar uma casa para minha mãe, que é o sonho dela.

CIRCULO DE REFLEXÃO

Setembro de 2006

Tema Gerador: A possibilidade de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas. (Ruptura com o determinismo)

Música: Aquele Abraço - Autor: Gilberto Gil

Aquele Abraço

Gilberto Gil , 1969

O Rio de Janeiro continua lindo
O Rio de Janeiro continua sendo
O Rio de Janeiro, fevereiro e março
Alô, alô, Realengo - aquele abraço!
Alô, torcida do Flamengo - aquele abraço!
Chacrinha continua balançando a pança
E buzinando a moça e comandando a massa
E continua dando as ordens no terreiro
Alô, alô, seu Chacrinha - velho guerreiro
Alô, alô, Terezinha, Rio de Janeiro
Alô, alô, seu Chacrinha - velho palhaço
Alô, alô, Terezinha - aquele abraço!
Alô, moça da favela - aquele abraço!
Todo mundo da Portela - aquele abraço!

Todo mês de fevereiro - aquele passo!
 Alô, Banda de Ipanema - aquele abraço!
 Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço
 A Bahia já me deu régua e compasso
 Quem sabe de mim sou eu - aquele abraço!
 Pra você que meu esqueceu - aquele abraço!
 Alô, Rio de Janeiro - aquele abraço!
 Todo o povo brasileiro - aquele abraço!

Maria José: Esta música “Aquele abraço” é bastante grande, mas tem uma frase que eu destaquei que é:

Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço

Eu gostaria de discutir um pouquinho em cima desta frase. O que ela diz para vocês?

Participante F: Que você escolhe o seu próprio futuro.

Participante B: Tem gente que fala assim: Eu sou assim por causa das circunstâncias da vida. Não é mesmo. Tem gente que nasce pobre e que consegue reverter essa situação. Que nem muitos jogadores que nasceram pobres e agora viraram grandes jogadores, pessoas que correm, tipo assim, atletas. Então eu acho que esse negócio de falar eu sou assim por causa da minha mãe, por causa da vida, não é bem assim. Na verdade você quer ser assim. É você que não quer buscar uma solução.

Participante A: Você tem que correr atrás da vida mesmo que ela não te ajude.

Participante E: A vida corre na frente, você tem que correr atrás dela, não pode ficar parado. Tem que correr atrás de seus sonhos.

Participante C: A vida às vezes não te ajuda, bota um obstáculo para você desistir, mas você tem que correr atrás. Tem que ir criando soluções para os problemas.

Maria José: E você, o que você acha Participante I?

Participante I: Eu acho que se a gente tiver fé, a gente pode chegar onde quiser.

Maria José: Tudo que estava escrito no “Semente do Amanhã” falava exatamente disso. Que se a gente quiser chegar a um determinado ponto, não é que o caminho vá ser fácil. O caminho nunca é fácil, mas se a gente persistir naquela nossa direção, se a gente tiver um objetivo, traçar um objetivo e correr atrás desse objetivo a gente vai conseguir.

“Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço”, fala sobre isso. Eu por exemplo fui criada para ser professora primaria e nada mais, mas não era isso que eu queria. Então eu tracei um caminho totalmente diferente. Fui fazer engenharia. Meu pai não queria que eu fosse engenharia. Depois eu resolvi seguir para a música. Todo mundo dizia que eu era maluca em deixar a engenharia e caminhar para a música. Nada foi fácil, mas eu segui meu objetivo e consegui ter destaque na minha profissão.

Participante F: Mas desde o momento que a gente quer se torna fácil.

Maria José: Eu acho que desde o momento que a gente quer, nós conseguimos força para seguir em frente. Quando você encontra aquilo que você gosta você tem força para lutar e para seguir.

Participante F: Tem gente que vive reclamando das coisas que faz. Mas foi ele que escolheu aquilo, então porque faz?

Participante B: As coisas que você faz por obrigação, nunca é bom. Você nunca gosta das coisas quando faz por obrigação...

Participante F: Você gosta de vir para a escola?

Participante B: Eu gosto. Se eu não gostasse de vir para essa escola eu tinha mudado. Minha mãe já perguntou se eu quero sair daqui. Eu disse que não porque eu gosto dos meus amigos. Eu já estou aqui a um maior tempão.

Participante A: A gente também já se acostumou. Às vezes a gente acha é ruim, mas na verdade acha bom. É isso. É chato fazer as coisas, mas é legal também fazer.

Maria José: O que você acham ruim aqui e o que você acham bom?

Participante B: Tem umas coisas que eles impõe que não tem nada a ver, que não existe, que eles querem inventar. Não é a questão ser o dia todo que isto também tem um lado bom. Tem até muitos políticos que querem colocar as escolas em tempo integral. É esse negocio de ter que trazer caderneta assinada todo dia. Uma coisa puxa a outra.

Participante A: Pra que tem que assinar caderneta todo dia?

Participante B: Uma caderneta custa R\$ 8,00 (oito reais). Vai deixar a caderneta todo em branco pra o ano que vem comprar outra. O que eles querem é vender caderneta. Mata mais árvores para fazer folhas para cadernetas. Vai aumentar o desmatamento...

Maria José: E o que vocês acham que tem de bom aqui?

Participante B: Eu acho bom o estudo, o convênio com o Colégio Cidade, que o ensino deles é bom, é puxado como o do pessoal lá de baixo... e algumas das atividades da tarde. Algumas porque outras são desnecessárias e são colocadas só para ocupar o tempo.

Participante A: A gente não tem nem tempo para descanso. A gente almoça e já tem que ir para a outra aula.

Maria José: Quais são as aulas que vocês acham mais interessantes?

Participante F: Coral.

Participante B: Teatro, teclado, coral. Música também é bom, mas às vezes se torna cansativo porque é segunda feira a tarde inteira. Porque tudo às vezes a gente gosta, mas às vezes a gente cansa.

Maria José: É importante que vocês digam o que vocês gostam e o que vocês não gostam porque a gente vai adaptando o trabalho, porque o trabalho aqui não é pra mim, é pra vocês. Eu posso estar fazendo alguma coisa que pra mim é ótimo e que vocês estão achando ruim ou ao contrário, algo que eu penso que vocês não vão gostar e que vocês gostam. Eu preciso ter esta resposta.

Participante A: Eu só faço porque gosto.

Participante B: As atividades da música que você oferece: teclado, flauta é legal. Flauta é legal. Eu gosto de saber, mas às vezes você se cansa, se enjoa. Mas é legal.

Maria José: Você acha que é lento, que o aprendizado é lento, que a gente poderia ir mais depressa?

Participante B: Por exemplo, o coral a gente já está aqui há anos e quando entrava gente nova você voltava e fazia música que a gente já sabia.

Participante E: Porque você deixa entrar gente nova? E as pessoas novas não querem nada. Só querem vir para o coral para comer.

Participante A: Este ano não teve Cabo Frio, mas muita gente entrou só porque pensou que ia ter.

Participante B: Aí como não vai ter. No ano que vem eles vão sair do coral.

Maria José: Deixa eles pra lá. Aí a gente vai... (risos)

Participante A: Teve uma porção de gente falando assim. Vou entrar pro coral só pra ir para Cabo Frio, num sei que, num sei que lá...

Participante B: Tem gente que fala que vai entrar só pra ir pra apresentação por que vai comer lá.

Participante A: Parece que não tem comida em casa.

Maria José: O que vocês mais gostam nas apresentações, o que vocês acham assim mais interessante?

Participante E: Mostrar as pessoas o que a gente está fazendo.

Participante A, Participante B, Participante E: Conhecer lugares novos, comer também.

Participante B: Uma coisa puxa a outra, mas o mais interessante é conhecer coisas novas, pessoas novas.

Maria José: A gente já está fazendo um coro que já tem rapazes que já trocaram de voz. Um coro juvenil.

Participante I: Zezé eu quero fazer aula de canto...

Maria José: Eu estou com problema de espaço, por isso não estou podendo oferecer mais aulas. No próximo ano eu acredito que vai ter mais meninos com a voz trocada. O Jefferson, por exemplo, é bem capaz de quando chegar o ano quem vem ele já esteja com a voz trocada. O ano passado ele cantava na primeira voz, este ano ele já está na terceira e ano que vem ele já deve estar com a voz de adulto. Eu já conversei com a direção do solar e penso em fazer um coro com pessoas bastante comprometidas que representaria o colégio. Claro que tem que ser com pessoas que já tenham uma afinação bem legal. Este coro cantaria nos lugares solicitados pela escola e também participaria todo ano de algum festival. Existe festival de coros no Brasil todo. Eu levo meus coros pra cantar em vários lugares que tem festival. Eu acho que vocês já estão em um nível muito legal, melhor do que muitos coros que eu escuto por aí nos festivais. A gente teria como proposta todo ano ir a um festival. Eu acho que hoje a gente já tem um trabalho que se a gente quisesse gravar um disco, já poderíamos fazer um Cd bem legal, bem afinado. Estas modificações vão acontecer no próximo ano. Esse ano já separamos os pequenininhos de vocês, foi a primeira separação.

Participante B: Foi o que a gente reclamou daquela vez, que toda vez voltava.

Participante A: Tem também as pessoas que saem por um tempo e que depois querem voltar.

Participante E: A Taís. Você não devia deixar entrar. Eles voltam e ficam fazendo bagunça.

A Taís, por exemplo, quantas vezes você mandou ela parar de falar?

Participante B: Quantas vezes a Taís já entrou e saiu do coral? E quando ela estava aí cantava de má vontade. Aí saiu do coral e agora entrou de novo, mas quando ela vem ela não canta nada. A Loren até canta bem, mas quando está com a Taís, ela não se concentra, nem ela para quieta.

Maria José: No ano que vem deverá entrar mais umas vinte pessoas no coral da tarde, que são as crianças da 4ª série que vão passar para a 5ª série e vão estudar pela manhã. Não sei se vão entrar todos, mas vão entrar crianças. Então nós vamos passar a ter umas 70 crianças e eu vou poder fazer dois coros. Então eu vou separar um coro com as pessoas que tem mais experiência e o coro com o pessoal que tem menos experiência ou que está menos interessado.

Participante F: E as pessoas que ficam enchendo o saco...

Maria José: Nesse momento, se eu dividir a gente vai ficar com dois grupos muito pequenos. Por isso não dá pra dividir. No próximo semestre é que dará para eu dividir. Bem a gente termina por aqui. Muito obrigado a todos vocês.